



WORKS 2010 | 2021

Janaina Mello Landini

CICLOTRAMA

Janaina Mello Landini

Ciclotrama é um neologismo inventado por Janaina Mello Landini para se referir à pesquisa que a artista desenvolve desde 2010.

Para a artista, uma Ciclotrama é, a priori, uma seção de um ciclo contínuo e binário; uma estrutura esquemática com característica hierárquica, composta de partes interdependentes e indivisíveis, a partir daí, a artista atua entre a sintropia e a entropia destes elementos para rever e hoje extrapolar conceitualmente a dicotomia inerente da forma.

A ideia principal da artista é chegar a uma simplicidade essencial entre o processo de pensamento expandido e as temáticas que lhe afetam. Ela se apropria de uma linguagem mais aproximada da experiência física de tensão, da abstração matemática, das redes, da cartografia, até chegar a repetitiva essência mecânica do bordado; enfatizando a relação entre ritmo e tempo, mostrando a interconexão infinita das trajetórias individuais em um sistema, na sociedade ou no planeta.

Sobre a artista:

Nascida em São Gotardo, Minas Gerais (1974) Brasil.
Vive e trabalha em São Paulo.

Graduou em Arquitetura em 1999 e cursou Belas Artes de 2004 a 2007, ambas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

Sua produção artística abrange seu conhecimento de arquitetura, física e matemática e suas observações sobre o tempo e a multiplicidade, para tecer sua visão de mundo. Seu trabalho transita entre diferentes escalas – do objeto aos espaços públicos.

Nos últimos anos, mostrou seu trabalho em exposições no Brasil, Itália, Inglaterra, França, Estados Unidos, Holanda, Japão, Colômbia, entre outros lugares. Seu trabalho participa de importantes coleções privadas e institucionais como Museu de Arte do Rio (MAR), Fondation Carmignac, BIC Collection, Corinne Ricard, Sérgio Carvalho, Graeme W. Briggs, Jorge Gruenberg and Shom Hinduja.

Ciclotrama is an invented word by Janaina Mello Landini to address the ongoing project the artist has been developing since 2010.

For the artist, a Ciclorama is, a priori, a section of a continuous and binary cycle; a schematic structure with a hierarchical feature, composed of interdependent and indivisible parts, thereafter, the artist acts between the syntropy and entropy of these elements in order to review, and today, conceptually extrapolate the inherent dichotomy of form.

The artist's main idea is to reach a essential simplicity between the expanded thought process and the themes that affect her. She appropriates a language closer to the physical experience of tension, mathematical abstraction, networks, cartography, until reaching the repetitive mechanical essence of embroidery; emphasizing the relationship between rhythm and time, evidencing the infinite interconnection of individual trajectories within a system, society or the planet.

About the artist:

Born in São Gotardo, Minas Gerais (1974) Brazil, she lives and works in São Paulo.

Janaina graduated in Architecture in 1999 and studied Fine Arts from 2004 to 2007, both at the Federal University of Minas Gerais (UFMG), Brazil.

Her art prodction encompasses her knowledge of architecture, physics and mathematics and her observations about time and multiplicity, in order to weave her worldview. Her work transits between different scales – from objects to public spaces.

In recent years, she has shown her work in exhibitions in Brazil, Italy, U.K., France, United States, Netherlands, Japan, Colombia, among other places. Her work is part of important private and institutional collections, such as Museu de Arte do Rio (MAR), Fondation Carmignac, BIC Collection, Corinne Ricard, Sérgio Carvalho, Graeme W. Briggs, Jorge Gruenberg and Shom Hinduja.

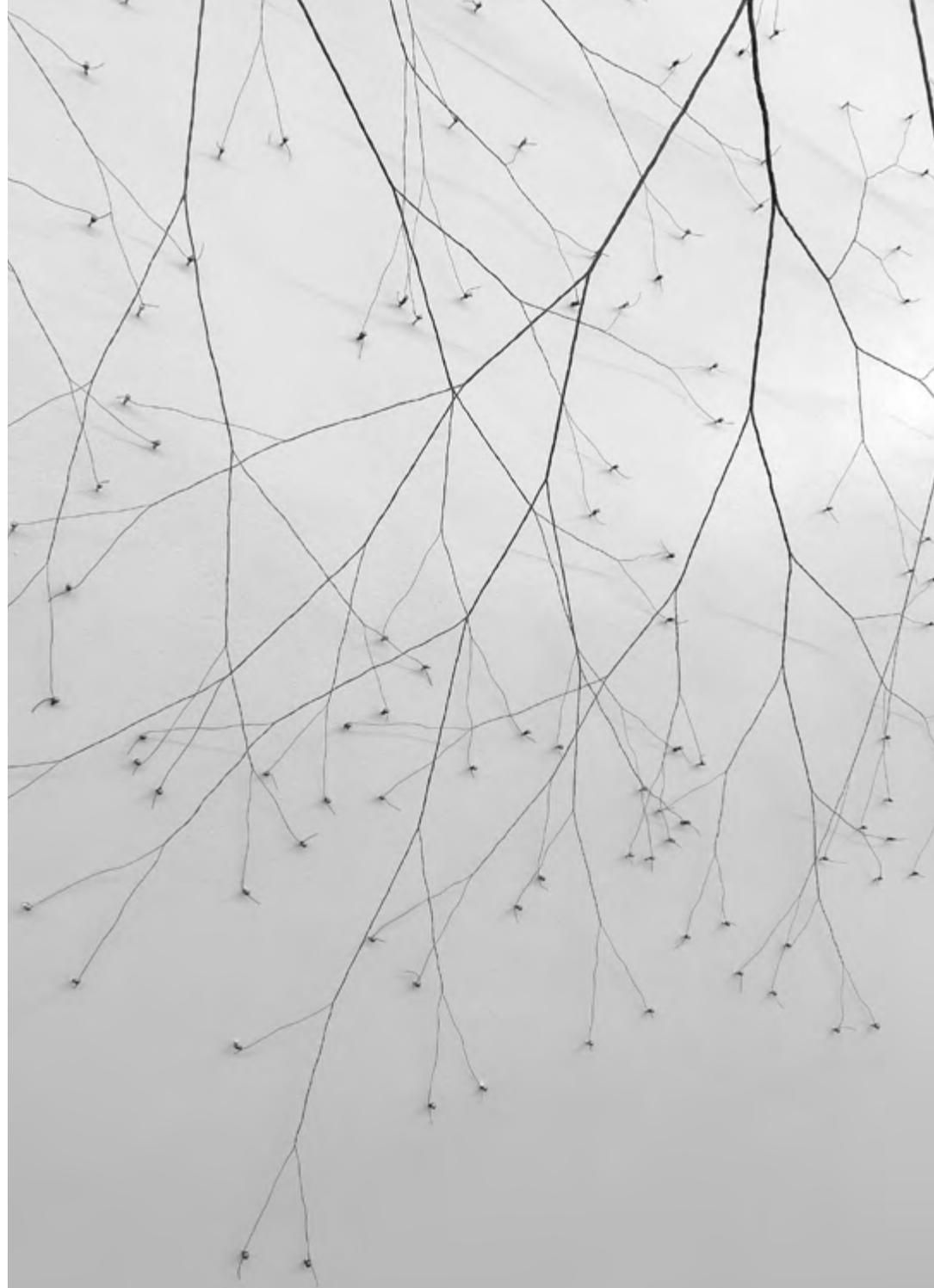




Photo: Gui Gomes

CICLOTRAMA 20 (wave) - 2015
2.7 m x 6 m x 4 m

20 m de corda de sisal, 3" de diâmetro e 10.000 pregos
20 m sisal rope, 3" diameter and 10.000 nails

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil
Instalação site-specific para a exposição individual "Ciclotrama"
Curadoria Paulo Miyada

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil
Site-specific Installation for solo show "Ciclotrama"
Curated by Paulo Miyada

CICLOTRAMA

text Paulo Miyada

Existem poéticas do espaço e espaços poéticos – e isso não necessariamente tem a ver com as habilidades compositivas de algum arquiteto. Existem também lugares de afeto e afeto por lugares – e isso tampouco remete sempre a alguma beleza inequívoca da forma dos espaços. É que, no caso das espacialidades, afetos e poéticas derivam de vivências e de modos de constituição, respectivamente. Neste aspecto, importa menos a morfologia do que os modos como os espaços se tecem e vestem.

Sem precisar teorizar sobre isso, Janaina Mello Landini se coloca a tecer e vestir o espaço como quem faz e desenrola uma corda. Melhor, como quem desfaz uma corda que se esparrama e gruda nas paredes. Gruda, posto que é linha, amarrando-se a pregos. Muitos pregos, muitas linhas. Cada linha, um prego; e uma só corda que emaranha os pontos de partida dos vetores que atravessam as distâncias entre as paredes.

Diante dessa corda desfeita, destrama, ciclotrama de Janaina, é natural pensar na natureza das raízes das plantas, dos sistemas circulatórios dos corpos, das terminações nervosas dos neurônios, dos feixes elétricos dos raios e assim por diante. E para quem o natural é o campo das ideias, é fácil passar daí às teorias rizomáticas da filosofia pós-estruturalista.

Mas desaceleremos nas metáforas que nos são sugeridas pelos isomorfismos para pensar mais no que está sendo destecido. As ações subsequentes da artista promovem uma relação peculiar entre um objeto e sua posição no espaço como parte integrante e constituinte dele. Vejamos. Se há uma corda sobre o chão da sala, ainda que a corda seja grossa e longa, a diferença de escala entre a sala e a corda permite identificar entre elas uma relação entre continente e conteúdo, borda e objeto. Porém, à medida que a corda se desmancha, espalha seus ramais e descola-se do chão, ela – embora mais fina – se transforma de algo que está “contido por” para algo que constitui o espaço. A corda, ao ocupar o ar em suas ramificações, fina e frágil, dá conta de alterar a percepção da sala. Antes de notar a parede, antes mesmo de se dar conta de que existem paredes, as ciclotramas se apresentam como transparência e limite. Com efeito, não é possível entrar, pois elas fazem o espaço enquanto o tomam vorazes.

There are poetics of space and poetic spaces - and this does not necessarily have to do with the compositional skills of any architect. There are also places of affection and affection for places - and nor does this always refer to some unmistakable beauty of the form of the spaces. The thing is that, in the case of spatiality, affections and poetics derive from experiences and from constitution modes, respectively. In this respect, the morphology is less important than are the ways in which spaces are woven and dressed.

Without having to theorize about this, Janaina Mello Landini weaves and dresses the space as one makes and unbraids a rope. Or better, as one who dismantles a rope which disperses and sticks to the walls. It sticks, since it is string, by tying itself to nails. Many nails, many lines. For each line, one nail; and one single rope entangling the starting points of the vectors that traverse the distances between the walls.

In face of this unbraided, unwoven, Ciclotrama of Janaina, it is natural to think of the nature of the roots of plants, of the circulatory systems of bodies, of the nerve endings of neurons, of the electrical beams of rays and so on. And, for those to whom the natural is the realm of ideas, it is easy to go from there to the rhizomatic theories of post-structuralist philosophy.

But let us slow down on the metaphors which are suggested to us by isomorphisms, to think more deeply about what is being unwoven. The subsequent actions of the artist promote a peculiar relationship between an object and its position in space as an integral and constituent part of it. Let us see. If there is a rope on the exhibition room floor, even if the rope is thick and long, the difference in scale between the room and the rope allows for identifying between them a relationship between container and content, edge and object. But as the rope is dismantled, spreads its ramifications all over the ground, it - although thinner - is transformed from something that is “contained by” into something that constitutes the space. The rope, by occupying the air in its branchings, thin and fragile, is able to alter the perception of the room. Before noticing the wall, even before realizing that there are walls, the Ciclotramas stand transparent and as a limit. Indeed, it is not possible to enter it, because they make the space while occupying it, voraciously.

A poética desse espaço, então, só pode ser aquela do campo pleno, que se confunde com sua própria visibilidade, no caso a visibilidade resultante do adensamento das linhas que ligam suas paredes. Por um lado, não há espaço para o visitante, ele está excluído da relação em que continente e conteúdo se equiparam em escala e presença. Por outro, o olhar persistente pode atravessar o emaranhado, alcançando detalhes da arquitetura e se perder confundindo profundidades.

É e não é um vórtice. Na prática não é, porque as linhas não escoam para a corda, mas se expandem a partir dela, sucessivamente dividindo-se em progressão geométrica. Mas também é, como percepção, pois o olhar é tragado pela rede de fios. Quem quiser pode então perguntar: Trata-se de experimentação pura sobre as propriedades e possibilidades escultóricas de um material, a corda? Ou seria esta uma espécie de tratado empírico da natureza da percepção dos espaços? Ou uma metáfora de alguma narrativa implícita?

Respostas exclusivas parecem não caber bem no que diz respeito à arte, mas fico com a impressão de que o exercício da artista reflete, em primeiro lugar, os efeitos desorientadores que decorrem da transcrição para a realidade concreta de algo que, como modelo matemático, é muito simples. A cada bifurcação a linha se duplica - 2, 4, 8, 16... - e ao mesmo tempo divide sua espessura pela metade - 1, $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{4}$...

No limite, haveria o zero, infinitas linhas de espessura zero. Mas zero é coisa de abstração matemática. Na prática, a teoria é outra. Ao invés de fazer referência ao mínimo, o que a ciclorama enreda é um todo envolvente e sinuoso que toma o espaço e os sentidos de quem a observa.

Thus the poetics of this space can only be that of the filled field, which is confused with its own visibility, in this case the visibility resulting from the densification of lines connecting its walls. On the one hand, there is no room for the visitor, who is excluded from the relationship in which container and content are equivalent in scale and presence. On the other, persistent observation can see through the maze, reaching architectural details and can lose itself, confusing depths.

It is and it is not a vortex. In practice it is not, because the lines do not seep into the rope, but expand from it, successively dividing itself in geometric progression. But also it is, as a perception, because the perspective is engulfed by the network of threads. One then may wish to ask: Is this is about pure experimentation on the sculptural properties and possibilities of a material, the rope? Or would this be some sort of empirical treatise in the nature of perception of spaces? Or a metaphor for some implicit narrative?

Exclusive answers do not seem to fit well with regard to art, but I get the impression that the exercise of the artist reflects, first and foremost, the disorienting effects arising from the transcription to concrete reality of something that, as a mathematical model, is very simple. At each junction the line doubles - 2, 4, 8, 16 ... - and at the same time divides its thickness in half - 1, $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{4}$...

At the limit, there would be zero, endless lines of zero thickness. But zero is a thing of mathematical abstraction. In fact, the theory is different. Instead of referring to the minimum, what the cyclorama narrates is an entrancing and winding whole, which occupies the space and the senses of those who observe.

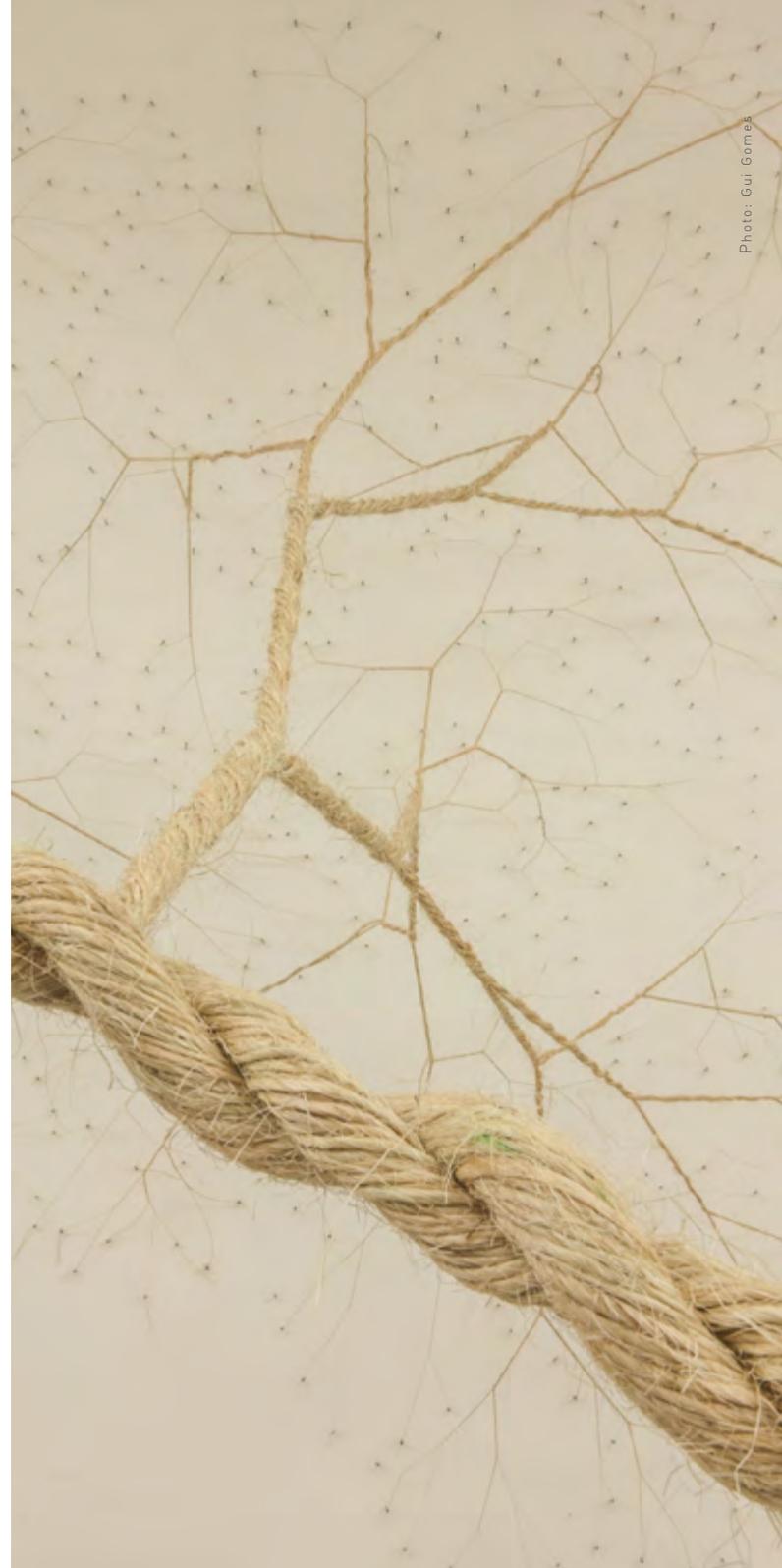




Photo: Gui Gomes



Photo: Gui Gomes

CICLOTRAMA
É o não é um v...
a corda, mas se
progressão ge...
trajado pelo re...
experimentação
de um material
natureza da p...
narrativa impli...

Respostas este...
mas fico com...
primeiro lugar...
para a realidade...
simples. A cada...
tempo divide a...
ano, infelicit...
matemática. Na...
mesmo, o que...
toma o espaço...



Aqui, agora. Right here, right now.

text Taisa Palhares

Em sua recente exposição na Zipper Galeria, a artista Janaina Mello Landini apresenta novas obras da série “Ciclotrama”, realizando pela primeira vez em São Paulo uma grande escultura ambiental especialmente concebida para sala principal da galeria. Como nos trabalhos anteriores, sua pesquisa se dá na intersecção entre diversos saberes e ciências, como arquitetura, geometria, anatomia, física, cartografia, escultura e desenho, criando com base em um raciocínio aparentemente simples estruturas rizomáticas que se imbricam e expandem por meio da ligação e cruzamento de linhas e pontos segundo uma distribuição dinâmica de forças.

Seu trabalho questiona as possibilidades de representação para além de um único ponto de vista, sobrepondo ao caráter ortogonal da tela e da arquitetura novas coordenadas espaciais que resultam em desenhos de formas orgânicas, de aparência fluida e maleável. Com isso, a artista produz uma “torção conceitual” do uso da geometria quando a trama, figura principal de seu trabalho, é realizada de maneira bastante calculada a partir de um conhecimento científico estabelecido de projeção e representação tridimensionais, mas visando um resultado pouco ortodoxo.

Para Ciclotrama 141 (épura), Janaina Mello Landini fabricou, pela primeira vez, sua própria corda, entrelaçando 1.440 fios de barbante comum. Com isso, ela conseguiu atingir um peso inédito de 120 kg, que deve ser distribuído a partir de um procedimento reiterado de divisão e bifurcação binária, em que por fim a corda será quase desfeita em subdivisões, gerando um total de 2.880 pontas que são fixadas na parede, e são responsáveis por dar sustentação à massa. Esses pontos, basicamente presos com fita crepe, dividem o volume de maneira proporcional, criando uma estrutura cuja estabilidade depende do cálculo exato de compensação de forças.

O resultado é um desenho espacial extremamente delicado, no qual a simplicidade (e por que não dizer precariedade) do material produz uma escultura de enorme potência visual. De alguma maneira, é como se a artista projetasse no aqui e agora as infinitas possibilidades de cruzamento existentes no espaço virtual, corporificando-as e nos convidando a deles participar. No entanto, se as leis da física e da geometria são capazes de dar segurança e estabilidade ao trabalho, Ciclotrama 141 (épura) parece apontar, em seu movimento de equivalências, para o aspecto instável, impermanente ou em constante transformação e reorganização das coisas no mundo. Por isso, essa trama que se expande por toda a galeria assemelha-se a um organismo vivo, como se o espectador, a cada nova visita, fosse capaz de contemplar um outro desenho, uma nova estrutura.



In her recent exhibition at the Zipper Galeria, the artist Janaina Mello Landini presents new works from the “Ciclotrama” series, showing for the first time in São Paulo a large site specific sculpture specially conceived for the gallery’s main room. As in her previous works, her research focuses on the intersection of several types of knowledge and sciences, such as architecture, geometry, anatomy, physics, cartography, sculpture and drawing, thus creating, on the basis of apparently simple reasoning structures, rhizomatic structures that overlap and expand by connecting and crossing lines and points according to a dynamic distribution of forces.

Her work questions the possibilities of representation beyond a single point of view, superimposing onto the orthogonal character of the canvas and architecture, new spatial coordinates that result in designs of organic forms, of fluid and malleable appearance. With this, the artist produces a “conceptual twist” in the use of geometry when the web, the main figure of her work, is created in a very calculated way from an established scientific knowledge of projection and three-dimensional representation, but aiming for an unorthodox result.

For Ciclotrama 141 (épura), Janaina Mello Landini fabricated, for the first time, her own rope, interweaving 1,440 yarns of common string. With this, she was able to reach an unprecedented weight of 120 kilos, which had to be distributed from a repeated procedure of binary division and bifurcation, in which finally the rope becomes almost undone through subdivisions, generating a total of 2,880 points that are fixed on the wall, and are responsible for supporting the mass. These points, simply attached with masking tape, divide the volume proportionally, creating a structure whose stability depends on the exact calculation of force compensation.

The result is an extremely delicate spatial design in which the simplicity (and why not say, precariousness) of the material produces a sculpture of enormous visual power. In some ways, it is as if the artist projected right here, right now the infinite possibilities of crossovers that exist in virtual space, embodying them and inviting us to participate in them. However, if the laws of physics and geometry are capable of securing and stabilizing the artwork, Ciclotrama 141 (épura) seems to point, in its movement of equivalences, to the unstable, impermanent, or constantly transforming and reorganizing aspect of things in the world. That is why the web that extends throughout the gallery resembles a living organism, as if the viewer, with each new visit, was able to contemplate another design, a new structure.





Photo: Gui Gomes

CICLOTRAMA 141 (épura) - 2019

7 m x 8 m x 16 m

20 m de corda artesanal de algodão, 24cm de diâmetro e 2880 metros de fita crepe; barbantes azuis, vermelhos e verdes.

20 m of handmade cotton rope, 24cm diameter and 2880 meters of paper tape; blue, red and green strings.

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil
Instalação site-specific para a exposição individual "Aqui, Agora"
Curadoria Taisa Palhares

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil
Site-specific Installation for solo show "Right here, Right now"
Curated by Taisa Palhares







CICLOTRAMA (expansão) - 2019

7 m x 8 m x 16 m

4 Ciclotramas da série "Expansão" de tamanhos variados

4 Ciclotramas of "expansion" series with varied sizes

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil

Instalação site-specific para a exposição individual "Aqui, Agora"

Curadoria Taisa Palhares

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil

Site-specific Installation for solo show "Right here, Right now"

Curated by Taisa Palhares

Nas quatro telas que fazem parte da presente mostra (intituladas Ciclotrama 137, Ciclotrama 138, Ciclotrama 139, Ciclotrama 140) e estão expostas numa sala menor, a artista retoma o uso de cordas industriais, que destramadas são fixadas segundo o mesmo sistema de divisão, bifurcação e cruzamento das linhas. No entanto, aqui Janaina Mello Landini optou por utilizar como plano para superfície um tecido especial utilizado na fabricação de velas para embarcações náuticas. Nele, são bordadas coordenadas geográficas inspiradas em mapas antigos e atuais, antes que a artista instale as tramas em fio colorido. Novamente, o espaço real e o virtual se imbricam, criando um novo desenho, pois ao mesmo tempo que o bordado remete ao existente, a trama nos fala de um espaço imaginário que também pode ser real.

A sala das Ciclotramas está disposta de modo que as cordas em tons de azul e preto encontrem-se aglomeradas no centro, conectando todos os trabalhos. Esse amontoado sugere a existência de um núcleo de energia comum, ainda caótico, que tende à propagação, e que será organizado nas tramas sobrepostas de linhas na superfície das telas. Poeticamente, mostra-se a relação indissociável entre a parte e o todo, e a convivência de interdependência e autonomia mediante uma sutil correspondência de forças.

É interessante notar que também essas telas sugerem uma abertura à reorganização. Do ponto de vista teórico, a geografia trabalha com limites relativamente estáveis, ou que demoram muito tempo para serem redesenhados. Mas no mundo contemporâneo as relações e fluxos respondem a uma dinâmica especial, acelerada pela tecnologia. Podemos imaginar novos mapas geográficos criados cotidianamente pelo reinstauração de conexões diversas, para além das limitações do espaço físico. É evidente que essa liberdade de movimento nem sempre é bem acolhida por todos.

Contudo, a vontade de expansão, como a artista parece lembrar, faz parte da história da humanidade, sobretudo desde a Era Moderna. O desejo de mobilidade redesenhou o mapa geográfico e nos deu uma nova apreensão da terra com as Grandes Navegações, um fator decisivo para a formação de nossa visão de mundo. Hoje presenciamos um outro tipo de expansão, talvez menos real, e mais virtual. Mas que tem o mesmo poder de redesenhar nosso imaginário. De qualquer maneira, a forma plástica dos organismos vivos, que parece inspirar a artista, está presente tanto na natureza quanto na sociedade. Entender os contínuos rearranjos de nosso meio social e natural é um desafio mais do que atual. E também ter em mente a fragilidade de seu sistema de compensações recíprocas, que pode ser colocado em xeque por meio de qualquer movimento mais brusco, gerando um desequilíbrio irremediável.

On the four canvasses that are part of the show (entitled Ciclotrama 137, Ciclotrama 138, Ciclotrama 139, Ciclotrama 140) and are displayed in a smaller area, the artist makes use again of industrial ropes, which are unwoven and fixed according to the same system of division, bifurcation and crossing of threads. However, here Janaina Mello Landini chose to use as a surface plane a special fabric used in the manufacture of nautical boat sails. On it are embroidered geographic coordinates inspired by old and current maps, before the artist attaches the webs of coloured thread. Again, real and virtual space are interwoven, creating a new design, because at the same time that the embroidery refers to the existing, the web tells us of an imaginary space that can also be real.

The room with the Ciclotramas is arranged so that the ropes in shades of blue and black are clustered in the centre, connecting all the works. This hodgepodge suggests the existence of a common, still chaotic energy core that tends to propagate, and which will become arranged in the overlapping webs of threads on the surface of the canvases. Poetically, it shows the inseparable relationship between the part and the whole, and the coexistence of interdependence and autonomy through a subtle correspondence of forces.

It is interesting to note that these canvasses also suggest openness to reorganization. From the theoretical point of view, geography works with relatively stable boundaries, or that take a long time to be redesigned. But in the contemporary world relations and flows respond to a special dynamic, accelerated by technology. We can imagine new geographical maps created daily by the reinstating of diverse connections, beyond the limitations of the physical space. It is evident that this freedom of movement is not always welcomed by everyone.

However, the desire for expansion, as the artist seems to remind, is part of the history of humanity, especially since the modern era. The desire for mobility redesigned the geographical map and gave us a new apprehension of the Earth through the Age of Exploration, a decisive factor for the formation of our worldview. Today we see another kind of expansion, perhaps less real, and more virtual. But that has the same power to redesign our imaginary. In any case, the plastic form of living organisms, which seems to inspire the artist, is present both in nature and in society. To understand the ongoing rearrangements of our social and natural environment is a more than current challenge. And also to think about the fragility of its system of reciprocal compensations, which can be put in check by a more abrupt movement, generating an irremediable imbalance.







CICLOTRAMA 139 (expansão) - 2019
120 cm x 200 cm

6 cordas de nylon azul, diâmetros variados sobre tecido de vela de barco bordado com linha branca.

6 blue nylon ropes of varying diameter, embroidered in white thread on sailcloth.

^ **Detalhe / Detail**

As linhas das cartas náuticas de Portolano bordadas com fio branco sobre a vela de barco.

The lines of Portolan nautical charts embroidered in white thread on sailcloth.





CICLOTRAMA 36 (labirinte) - 2016

5 m x 14 m x 6 m

220 m de corda de nylon preta, 38mm de diâmetro e 14 .000 pregos

220 m of nylon rope, 38mm diameter and 14.000 nails

Palais de Tokyo, Paris, França
Instalação Site Specific para exposição coletiva "Double Je"
Curadoria Jean de Loisy

Ciclotrama compartilha a sala com
Golden Snake de Mathias Kiss

Palais de Tokyo, Paris, France
Site-specific Installation for the group show "Double Je"
Curated by Jean de Loisy

Ciclotrama shares the space with the
Golden Snake by Mathias Kiss



“Os três tempos

... Muda sua natureza e acrescenta suas conexões: nela, não há posições, só linhas.(1)

No seu fazer artístico Janaina Mello Landini reconfigura as concepções da estrutura do tempo, no jogo das articulações do espaço. Cada um de seus trabalhos abrange três aspectos temporais que não podem ser esquecidos, e que, juntos, nos colocam ante um questionamento contínuo de estruturas aprendidas.

O tempo empírico, em primeiro lugar. Existe uma consciência do tempo como vivência. A fonte para as representações é a contemplação, a ação empírica do olho da artista sobre a paisagem onde vive.

(...)

O tempo abstrato. A formação como arquiteta faz com que Janaina planeje cada uma de suas instalações e peças como um projeto. Uma abstração que através de cálculos estruturais e matemáticos, formalizam as concepções surgidas na observação.

(...)

E, por último, o tempo histórico. Não o tempo da grande história, mas sim aquele que decorre na duração do trabalho manual, do tecimento da trama e da urdidura, aquele que provém da tradição das mulheres costureiras que lhe ensinaram a bordar. Seria aquele tempo dos pontos de vista que se contrapõem à perspectiva histórica, como falaria Maria Thereza Alves (2) ; ou que descreve Elizabeth Grosz, nas nomeadas arquiteturas do feminino, que baseadas no excesso, poderiam desestabilizar as noções patriarcais de espaço e tempo (3) . É esse mesmo tempo que relaciona o trabalho de Janaina com mulheres artistas que já antes teceram alternativas na sua produção artística: Annie Albers, Louise Bourgeois, Teresa Lanceta, Gego, Claire Zeisler, Etel Adnam ou Sheila Hicks. Nelas se reclama um olhar outro, fora do pensamento hegemônico para a aprendizagem do mundo.

* RAMOS-YZQUIERDO, Marta [2016]
Sintropic Maze / Janaina Mello Landini - Zipper Galeria São Paulo, Brasil

[1] Mônica Amor sobre a obra relação da obra de Gego e Gilles Deleuze e Félix Guattari, Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. "Another Geometry: Gego's reticulárea, 1969- 1982." October Magazine USA, Summer 2005.

[2] Maria Thereza Alves, Canibalismo no Brasil desde 1500, Periódico Permanente, n.4, 2013. <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-4/textos/canibalismo-no-brasil-desde-1500>

[3] Elizabeth Grosz, Architecture from the Outside, The MIT Press Cambridge, 2001.

“The Three times

... It changes its nature and adds its connections: In it there are no positions, only lines.. (1)

Janaina Mello Landini reconfigures in her art the conceptions of time frame in the game set of space. Each of her works carries three temporal aspects that cannot be forgotten, and which, together, put forth a continuous questioning of seized structures.

The empirical time, first and foremost. There is an awareness of time as experience. The source for representations is contemplation, the empirical action of the artist's eye on the landscape inhabited.

(...)

Abstract time. Janaina's architecture academic background leads her to plan each of her installations and pieces as a project. An abstraction which, through structural and mathematical calculations, formalizes the ideas risen in observation.

(...)

And lastly, the historical time. Not the time of the grand history, but the one running during the manual work, the weaving of the warp and woof, the one originated from the tradition of seamstresses who taught her to embroider. Small gestures thousands of times repeated. It would be the time of opposing points of views to the historical perspective, as would put Maria Thereza Alves (2) ; or the time described by Elizabeth Grosz in the named female architectures which, based on excess, could destabilize the patriarchal notions of space and time (3). It is this same time that relates Janaina's work to other women artists who have previously woven alternatives in their artistic production: Annie Albers, Louise Bourgeois, Teresa Lanceta, Gego, Claire Zeisler, Etel Adnan and Sheila Hicks. They all plead for another perspective for learning the world, outside of the hegemonic thinking.”*

*RAMOS-YZQUIERDO, Marta [2016]
Sintropic Maze / Janaina Mello Landini - Zipper Galeria São Paulo, Brazil

[1] Mônica Amor sobre a obra relação da obra de Gego e Gilles Deleuze e Félix Guattari, Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. "Another Geometry: Gego's reticulárea, 1969- 1982." October Magazine USA, Summer 2005.

[2] Maria Thereza Alves, Canibalismo no Brasil desde 1500, Periódico Permanente, n.4, 2013. <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-4/textos/canibalismo-no-brasil-desde-1500>

[3] Elizabeth Grosz, Architecture from the Outside, The MIT Press Cambridge, 2001.



Photo: Aurélien Mole





CICLOTRAMA 50 (wind) - 2018

5.5 m x 1.4 m x 1.2 m

20 m de corda de Nylon, 24mm de diâmetro
e 4.100 pregos dourados

20 m of blue nylon rope, 24mm diameter
and 4.100 golden nails

Fondation Carmignac,
Porquerolles, França
Instalação Site-Specific permanente
Curadoria Dieter Buchhart

Fondation Carmignac,
Porquerolles, France
Permanent Site-specific Installation
Curated by Dieter Buchhart



“Pegue uma corda e comece a desenrolá-la. Desdobrando e desfazendo suas partes, muitas vezes, subdividindo os grupos de fios em unidades cada vez menores e assim por diante. Continue a libertar esses impressionantes milhares de fios da sua trama original. Remova-os do seu peso e massa. E ao fim, o que temos? Um fio: uma indivisível unidade.

É através dessa desconstrução que a artista brasileira Janaina Mello Landini procura uma forma conectar os fios de nylon, dipado ou algodão das cordas que ela desfaz para enfim refazê-las. Desde 2010, esta lógica tem sido o coração da sua série entijucada Ciclotrama. Uma palavra que ela inventou e que pode ser definida como: uma trama construída a partir de uma sucessão de ciclos contínuos que poderiam tender a infinito. A evolução do seu trabalho atesta a complexidade da técnica em perpétua renovação, colocando de lado a aparente facilidade do processo.

As cordas que ela usa não só tramam em espaços arquitetônicos como também em telas de linho. Para essa arquiteta, entender o espaço é matéria condicional e guia a realização do seu trabalho em etapas. Os desenhos preliminares definem a lógica da estruturação e da forma da corda mas não definem o exato lugar de cada fio, deixando espaço para imprevistos e surpresas durante a construção da Ciclotrama.

Seja no espaço tridimensional da arquitetura ou no plano da tela, o trabalho de Janaina Mello Landini expressa a mesma tensão: a fusão do espaço e do tempo. Explícita referência aos seus estudos em matemática e física. Tanto o suporte da tela ou o espaço é o receptáculo de uma sobreposição de camadas de fios trançados, ou como ela gosta de dizer, ciclotramados, criando um aspecto de espelho ao seu próprio sistema, como um fractal. Este entrelaçamento de torções constroem um percurso que tem como resultado um arranjo de unidades de força.

A leitura desta trajetória recompõe a estrutura hierárquica desse perfeito equilíbrio considerando a interação de cada um dos fios. A artista não procura obter nenhuma forma específica deste agregamento de fios. O desenho final é livre à nossa própria percepção, interpretação e busca de significado. Formas naturais, árvores, órgãos humanos ... a visão da organização desses fios é transcendida por uma única e mesma dinâmica: a interconexão do movimento dos fluidos. E é precisamente estes fluidos orgânicos e naturais que refletem a base do trabalho de Janaina Mello Landini. Neste combate corpo-a-corpo com o fio, ela modela seu movimento para clarificar que a transmissão de fluxos é similar a qualquer sistema. Como um palíndromo, seu trabalho oscila entre 2 ideias, uma entrópica relacionada a de desintegração do sistema, e uma entrópica, convergindo diferentes fatores ao equilíbrio, isso reflete a organização universal do mundo.

Do centro para a periferia, do mínimo ao máximo, esta é a interdependência entre o indivíduo e o coletivo que Janaina Mello Landini articula em seu trabalho.”

“Take a rope and start weaving it. De-dividing and unbundling its components, over and over again, until you succeed in subdividing its unit into units. Continue by freeing these thousands of imprisoned yarns from their twists. Remove it from its weight and mass. In the end, what do you have left? A thread: an indivisible unit.

It is through this deconstruction that Brazilian artist Janaina Mello Landini is looking for a way to connect the threads of the nylon, dipado or cotton strings she unweaves to finally weaves it again. Since 2010, this logic has been at the heart of his Ciclotrama series. A word she invented and which could be defined as follows: a succession of cycles (ciclo), wefts (trama) of threads unfolding in a continuous circle. The evolution of his work attests to the complexity of a technique in perpetual renewal, putting aside the apparent ease of this process.

The strings she uses do not just weave in space but on a canvas. For this architect by training, an understanding of space is a material condition that guides the realisation of her work in stages. A preliminary design defines the logic of the structure and shape of the rope but do not define the exact location of each thread, leaving room for improvisations and surprises during the construction of the Ciclotrama.

Whether it is a three-dimensional architectural space or a canvas surface, Janaina Mello Landini's work expresses the same tension: the fusion of space and time.

Explicit reference to her studies in mathematics and physics. The support of the canvas is therefore the receptacle of an overlay of thread levels whose general aspect creates a mirror effect of its own system. This intertwining of torsions creates a path which is the result of a structure of complementary force units.

The reading of this trace recomposes the hierarchical framework of this perfect balance that allows the interaction between each thread. From this aggregate of threads no form is really sought by the artist. The final performance gives free rein to our own interpretation. Our perception is thus free from any search for meaning. Natural forms, trees, human organs... the vision of the organisation of these threads is transcended by a single and same dynamic: the interconnection of the movement of fluids. And it is precisely these organic and natural fluids that form the reflexive foundation of Janaina Mello Landini's work. In this hand-to-hand combat with the thread, she models her movement to realize that the transmission of flows is similar to any system. Like a palindrome, her work oscillates between two entities, one entropic - deterioration of a system - and the other syntropic - converging action of different factors to the equilibrium; it reflects the universal organisation of the world, which according to the artist results from their relationship.

From the centre to the periphery, from the minimum to the maximum, it is finally the interdependence between the individual and the collective that Janaina Mello Landini brings together in her works.”

*Der Markarian, Diane [2018] Janaina Mello Landini, Aglomeração.



Instruções para uma Ciclotrama Pandêmica

Imagine uma Ciclotrama de escala planetária.
Ela começa no primeiro contágio e se amplia,
formando o curso real de infecção
das milhões de pessoas
que foram pegando e transmitindo a doença.
E continua.

Instructions for a Pandemic Ciclotrama

Imagine a planet-scale Ciclotrama
It starts from the first contagion and expands,
forming the actual course of infection
of millions of people
who were catching and transmitting the disease.
And keeps going...



Um Matupá é uma ilha de vegetação densa e flutuante encontrada nos lagos de várzea na Amazônia Central Brasileira.

A Matupá is a floating dense vegetation island found in floodplain lakes of the Central Brazilian Amazon.

CICLOTRAMA 142 (matupá) - 2019
7 m x 8 m x 16 m

6 Ciclotramas flutuante de 240cmx115cmx275cm e 1 Ciclotrama flutuante de 500cmx275cmx310cm fios de barbante de algodão cru sobre linho, argolas de metal e espelhos de acrílico.

6 floating Ciclotramas of 240cmx115cmx275cm and 1 floating Ciclotrama of 500cmx275cmx310cm with raw cotton threads on linen, metal rings and acrylic mirrors.

Domaine de Chaumont-Sur-Loire, França
Comissão especial para 2019
Temporada de Arte e Natureza
Curadoria Chantal Colleu-Dumond

Domaine de Chaumont-Sur-Loire, France
Special Commission for 2019
Art and Nature season
Curated by Chantal Colleu-Dumond





O que é 1? Ou, o que há entre 1 e zero?
O que é singular? E multiplicidade?
Ou, por exemplo, qual o tamanho do tempo?
O que é indivisível, computável, algorítmico, orgânico ... ?

Questões como essas me instigam a lançar um olhar analítico e ressonante sobre os saberes, sobre o espaço e sobre o deslocamento.

As minhas mãos são as principais ferramentas no ato de Ciclotramar e trabalham solitárias, num processo íntimo com o material, na ação de desenrolar e re-enrolar todos os fios da extensão da trama, repetindo a mesma ação de separar os fios em dois grupos. Eles afinam na mesma proporção que são separados. Quando o gesto termina, aquele tempo resta tensionado no espaço.

Por um lado, Ciclotrama é a secção de uma trama cíclica, que é infinita em conceito. Por outro lado, a Ciclotrama constrói a dialética de um corpo-linguagem de abstrações matemáticas. Ela se desenvolve organicamente enquanto permeia outras lógicas.

Esta linguagem produz sentido na Ciência da Vida, por exemplo, pela dinâmica dos fluidos e responde pela forma das plantas, árvores, fractais, rios e a anatomia dos órgãos.

A mesma leitura por ser feita no campo na Biologia, sobre a organização dos organismos vivos através da Evolução da transmissão genética.

Na Física, vivenciamos essa ideia manipulando peso e tensão.

Na Filosofia, um desenho similar pode ser usado para dizer da Ontologia e da Epistemologia.

E mais além, encontramos essa linguagem no campo da Sociologia, através da análise do comportamento social.

Podemos ainda falar da Tecnologia que se apropria desta estrutura para a criação e o aprimoramento dos algoritmos.

Estes e tantos outros campos que seguem a mesma essência, são alimento potencial para mais perguntas e entendimentos sobre mundo.

Em última análise, não se trata aqui simplesmente de representar metáforas, mas sim chegar a uma simplicidade lógica entre o processo de pensamento ampliado e as temáticas que me afetam.

What is 1? Or, what is between 1 and zero?
What is singular? And multiplicity?
Or, for example, what is the length of time?
What is indivisible, computable, algorithmic, organic ... ?

These types of questions instigate me to cast an analytical and resonant look at knowledge, space, and displacement..

My hands are the main tools in the act of "Ciclotramar" and work solitarily in an intimate process with the medium while unspinning and re-spinning all the threads of the web's extension, repeating the same action of separating the strands into two groups. The threads thin down proportionally as they get separated. When the gesture ends, that time remains tensioned in space.

On the one hand, Ciclotrama is a section of a cyclic web, which is conceptually infinite. On the other, the Ciclotrama builds a body-language dialectic of mathematical abstractions. It develops organically while permeating other logics.

This language makes sense in the Science of Life, for example, in the dynamic of fluids and how it accounts for the shape of plants, trees, fractals, rivers and the anatomy of organs.

In Biology, the same dynamic occurs if one observes the organization of living organisms through the Evolution of genetic transmission.

In Physics, we experience this idea by manipulating weight and tension.

In Philosophy, a similar design can be used to speak of Ontology and Epistemology.

Further on, we find this language in the field of Sociology, through the analysis of social behavior.

We can even talk about Technology, which appropriates this structure for the creation and improvement of algorithms.

These and many other fields that follow the same essence are potential fuel for more questions and understandings about the world.

In the final analysis, this is not simply about representing metaphors, but attempting to reach a logical simplicity between the expanded thought process and the subjects that affect me.





CICLOTRAMA 28 (medusa) - 2015
3.75 m x 11.5 m x 2.5 m

60 m de corda de cânhamo, 24mm de diâmetro e 225 pregos
60 m of hemp rope, 24mm diameter and 225 nails

Galleria Macca, Cagliari, Italy
Instalação site-specific para a exposição individual "Ciclotrama"

Galleria Macca, Cagliari, Italy
Site-specific Installation for solo show "Ciclotrama"





Photo: Emilie Mathé Nicolas

CICLOTRAMA 27 (bleu) - 2015
5 m x 2,5 m x 3,2 m

30 m de corda de nylon azul,
32mm de diâmetro
e 2.484 nails

30 m of blue nylon rope,
32mm diameter
and 2.484 nails

Galerie Virginie Louvet, Paris, France
Instalação site-specific
para a exposição individual "Ciclotramas"

Galerie Virginie Louvet, Paris, France
Site-specific Installation
for solo show "Ciclotramas"

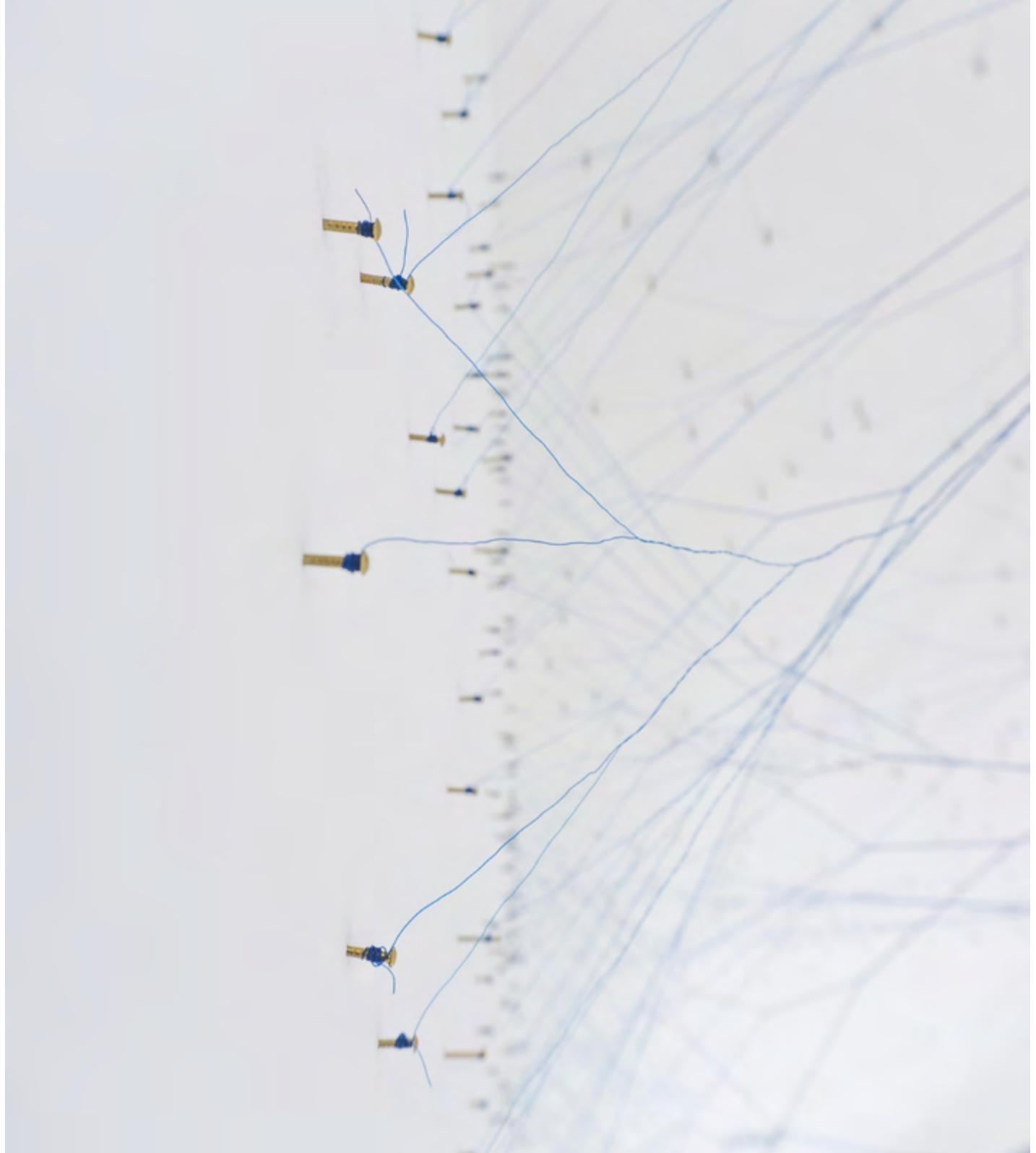
“Talvez o Tempo, como escreveu José Saramago, não seja como uma corda que pode ser medida nó por nó; Tempo é uma superfície oblíqua e ondulada onde apenas a memória pode chamar pra perto.

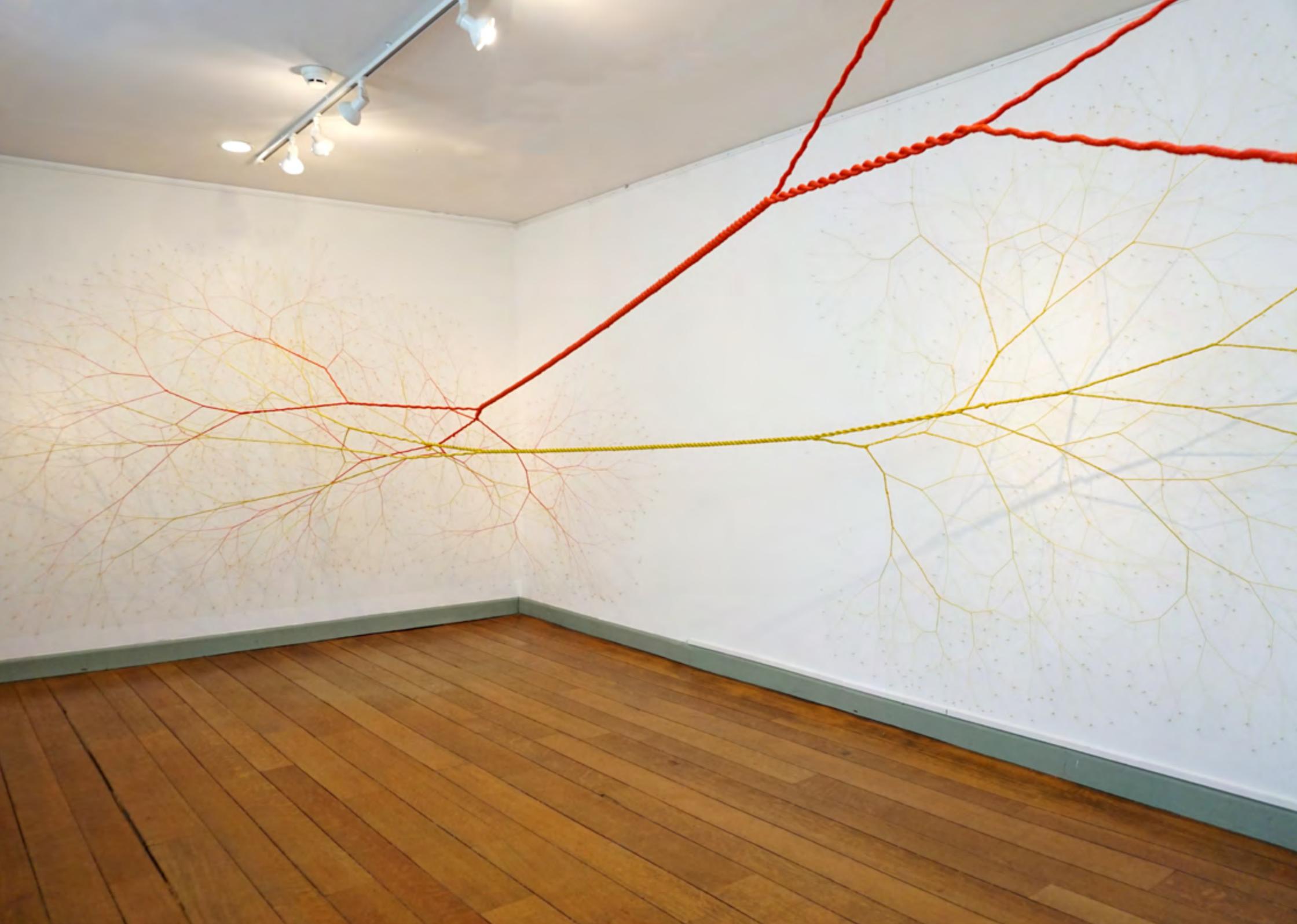
Mas em seu trabalho, Janaina conseguiu descrever melhor a relação entre Tempo e Espaço do que uma equação matemática, incluindo a variável emocional que afrouxa o cálculo frio e o transforma em poesia.”*

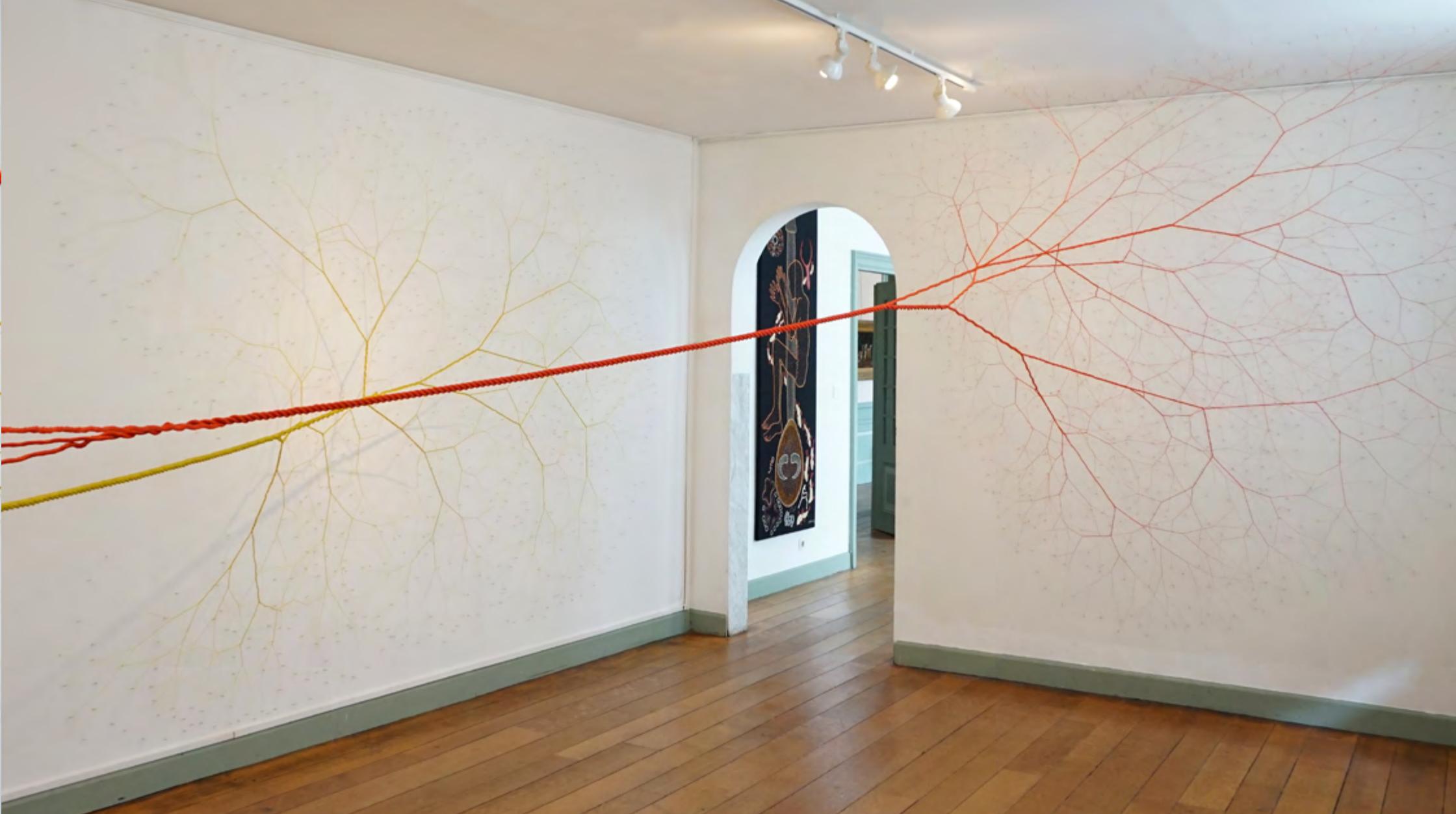
“Perhaps Time, as José Saramago wrote, is not a rope that can be measured knot by knot; Time is an oblique and undulating surface which only memory can call forth and approach.

But in her work Janaina managed to describe the relationship between Time and Space better than a math equation, including the emotional variable that loosens the cold calculation and transforms it into poetry.”*

*Carbone, Efisio (2017) Ciclotrama, a thoughtful story of Time and Space.







CICLOTRAMA 82 (intersection) - 2017

2.76 m x 4 m x 6.6 m

Duas cordas de nylon, 18mm de diâmetro, uma na cor amarela e outra na cor vermelha e 3.200 pregos dourados.

Two 18mm diameter nylon ropes, one yellow and one red and 3.200 golden nails

Rijswijk Museum, Holanda
Instalação site-specific para a exposição coletiva
"Rijswijk Textile Biennial"
Curadoria Anne Kloosterboer

Rijswijk Museum, Netherlands
Site-specific Installation for the group show
"Rijswijk Textile Biennial"
Curated by Anne Kloosterboer



Photo: Mariah Tiffany



Photo: Mariah Tiffany



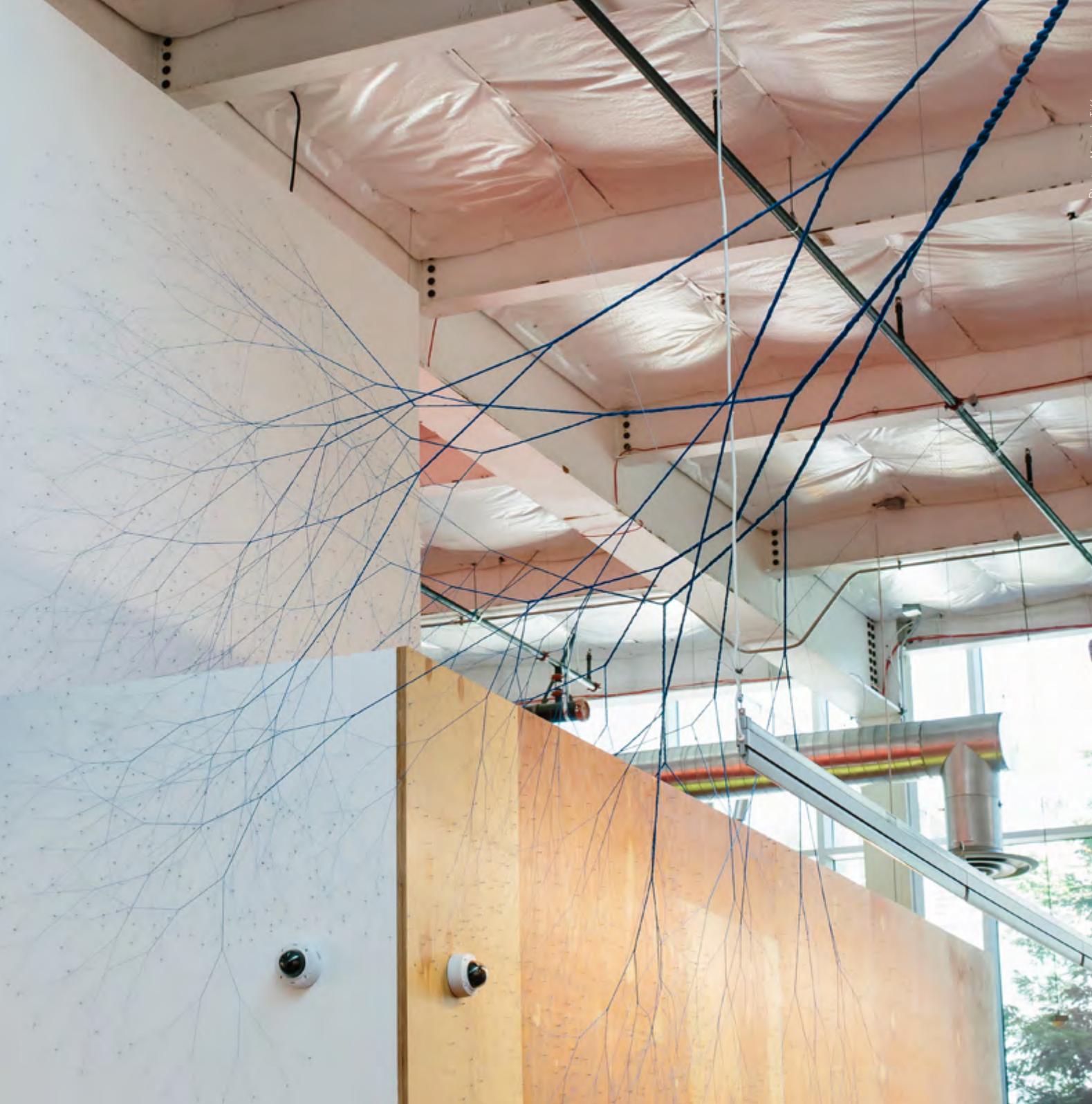


Photo: Mariah Tiffany

CICLOTRAMA 112 (link) - 2019
13 m x 8 m x 12 m

40 m de corda azul de nylon,
34mm de diâmetro
e 10.000 pregos

40 m of blue nylon rope,
34mm diameter
and 10.000 nails

Facebook Art Program
Menlo Park | USA
Instalação Site-Specific permanente
Curadoria Jessica Shaefer

Facebook Art Program
Menlo Park | USA
Permanent Site-specific Installation
Curated by Jessica Shaefer



Photo: Mariah Tiffany



CICLOTRAMA (flutuantes) - 2018
7 m x 10 m x 10 m

6 Ciclotramas da série "flutuantes"
de tamanhos variados,
4 postes metálicos e fios.

6 Ciclotramas of "floating" series
with varied sizes,
4 metal posts and threads

Marina da Glória, Rio de Janeiro, Brasil
Instalação Site-Specific
Exposição coletiva "A arte delas"
Curadoria Marc Pottier

Marina da Glória, Rio de Janeiro, Brazil
Site-specific Installation
Group show "A arte delas"
Curated by Marc Pottier





CICLOTRAMA (flutuantes) - 2018

7 m x 10 m x 10 m

6 Ciclotramas da série "flutuantes" de tamanhos variados,
4 postes metálicos e fios.

6 Ciclotramas of "floating" series with varied sizes,
4 metal posts and threads

Parque do Ibirapuera, São Paulo, Brasil
Instalação Site-Specific para a exposição coletiva "SP Arte Open Space"
Curadoria Cauê Alves

Ibirapuera Park, São Paulo, Brazil
Site-specific Installation for the group show "SP Arte Open Space"
Curated by Cauê Alves



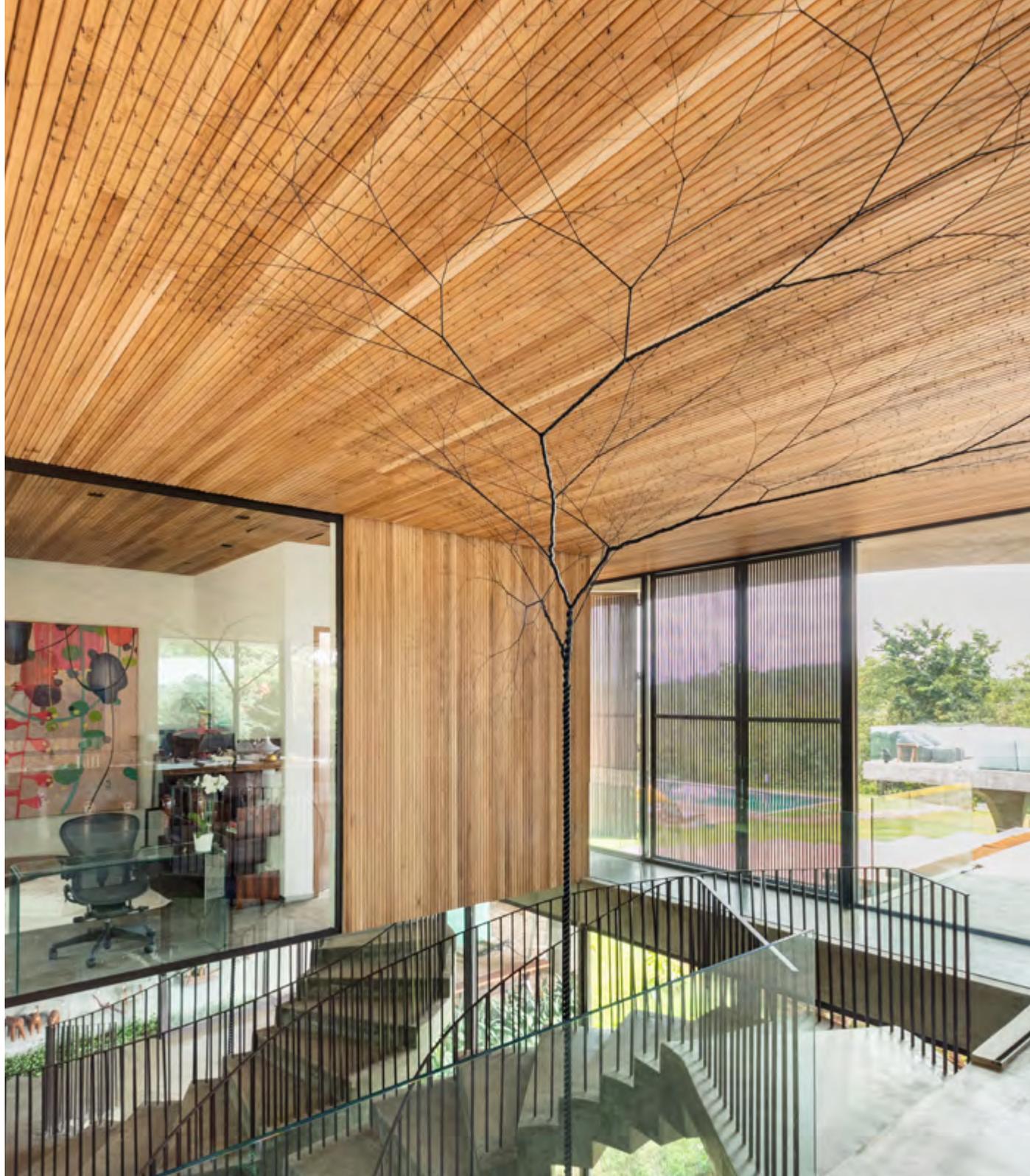


Photo: Cui Gomes

“Como site-specific, a instalação da Ciclotrama é adaptável a qualquer espaço designado, portanto única; mas também efêmera em sua natureza irrepitível, uma Ciclotrama nunca é idêntica a outra.”*

“As site-specific, the Ciclotrama installation is adaptable to any designated space, hence unique; but also ephemeral in its unrepeatable nature, one Ciclotrama is never identical to another.”*

*Carbone, Efisio (2017)
Ciclotrama, a thoughtful story of Time and Space - Galleria Macca

CICLOTRAMA 174 (impregnação) - 2019
6m (altura / height) x 7m x 5m

50 m de corda preta de nylon, 40mm de diâmetro e 4.200 pregos pretos

50 m of black nylon rope, 40mm diameter and 4.200 black nails

Instalação site-specific
Coleção privada
Itu, Brasil

Site-specific Installation
private collection
Itu, Brazil





Photo: Emille Mathé Nicolas

CICLOTRAMA 130 (imprégnation) - 2018

2.84 m x 2.78 m x 2 m

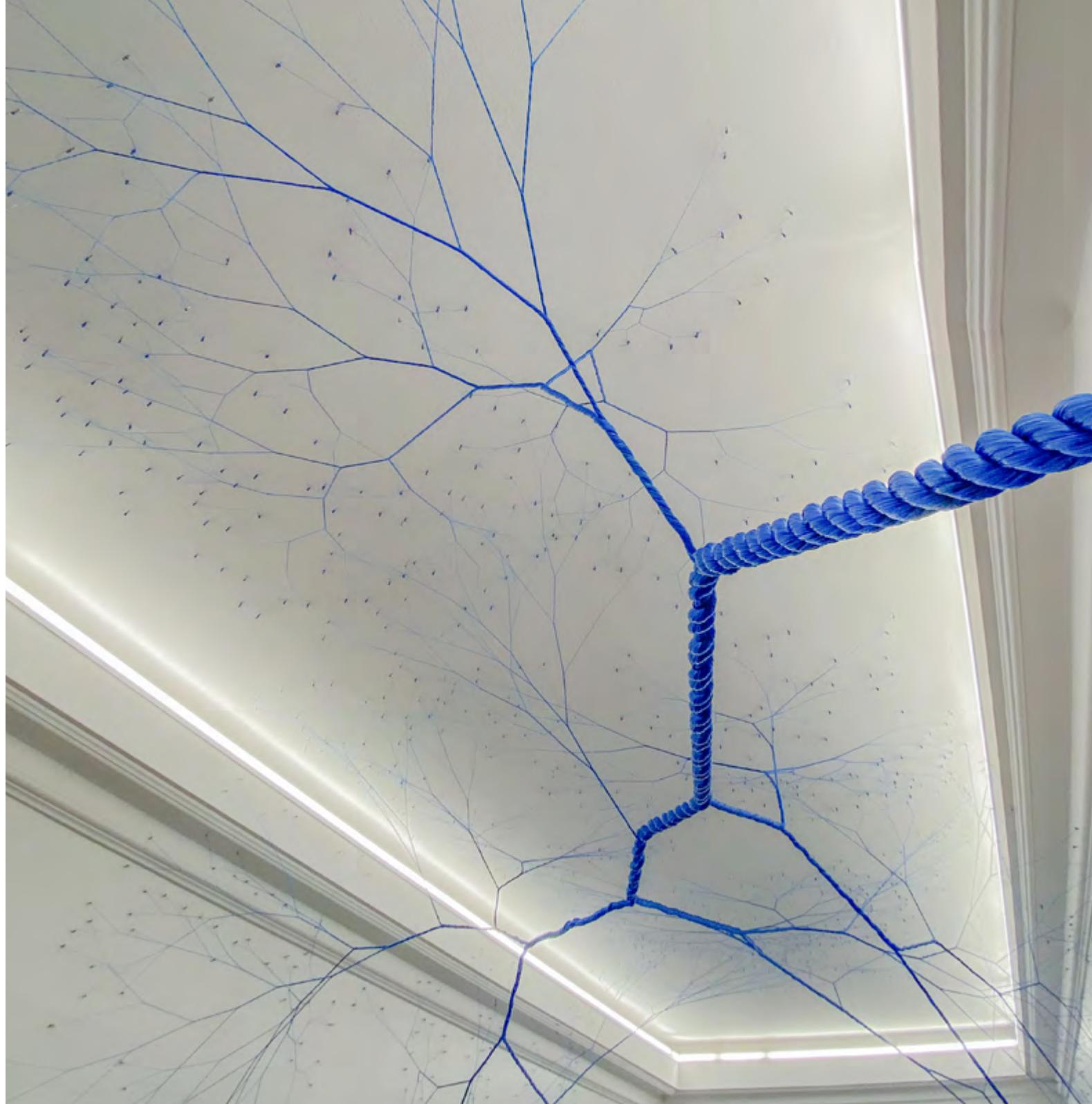
8 m de corda de dipado, 40mm de diâmetro e
3.200 pregos dourados

8 m of Dipado rope, 40mm diameter 40mm
and 3.200 golden nails

Instalação Site-specific para
Collection Corinne Ricard,
Paris, França

Site-specific Installation
Collection Corinne Ricard,
Paris, France





CICLOTRAMA 175 (aglomeração) - 2020
2.84 m x 2.78 m x 2 m

15 m de corda azul 24 mm de diâmetro
e 1.833 pregos

15 m of blue rope 24 mm diameter
and 1.833 nails

Instalação site-specific
Coleção privada
Cannes, França

Site-specific Installation
private collection,
Cannes, France





Photo: Gui Gomes

CICLOTRAMA 171 (impregnação) - 2019

3.55 m x 2.66 m x 3.25 m

12 m de corda de dipado, 40mm de diâmetro e
1.500 pregos dourados

12 m of Dipado rope, 40mm diameter and
1,500 golden nails

Instalação Site-specific
coleção particular,
São Paulo, Brasil

Site-specific Installation
private collection,
São Paulo, Brazil





Photo: Eduardo Eckenfels

CICLOTRAMA 3 - 2012

5.8 m x 10 m x 20 m

50 km de barbantes de algodão e 2.100 pregos

50 km of cotton threads and 2.100 nails

CentoeQuatro Space, Belo Horizonte, Brasil
Instalação site-specific para a exposição coletiva
"@Nova Cultura Contemporanea"
Curadoria David Quiles Guilló

CentoeQuatro Space, Belo Horizonte, Brazil
Site-specific Installation for the group show
"@Nova Cultura Contemporanea"
Curated by David Quiles Guilló



Photo: Eduardo Eckenfels

CICLOTRAMA 1 - 2010
2 m x 5,4 m

8 km de fios variados e 1500 pregos

8 km of various threads and 1500 nails

Espaço 2010, Belo Horizonte, Brasil
Instalação Site-specific

Espaço 2010, Belo Horizonte, Brazil
Site-specific Installation

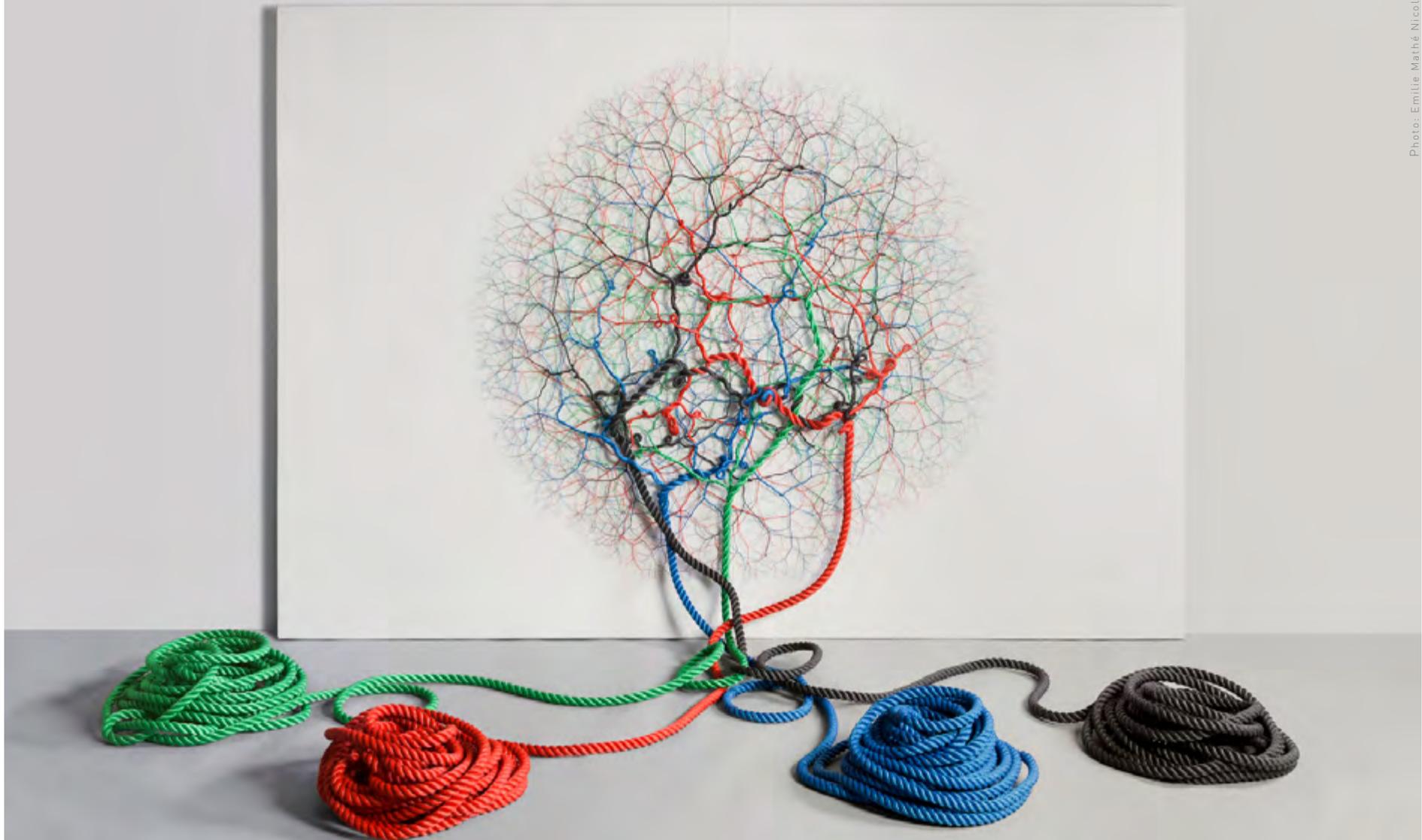


Photo: Emilie Mathé Nicolas

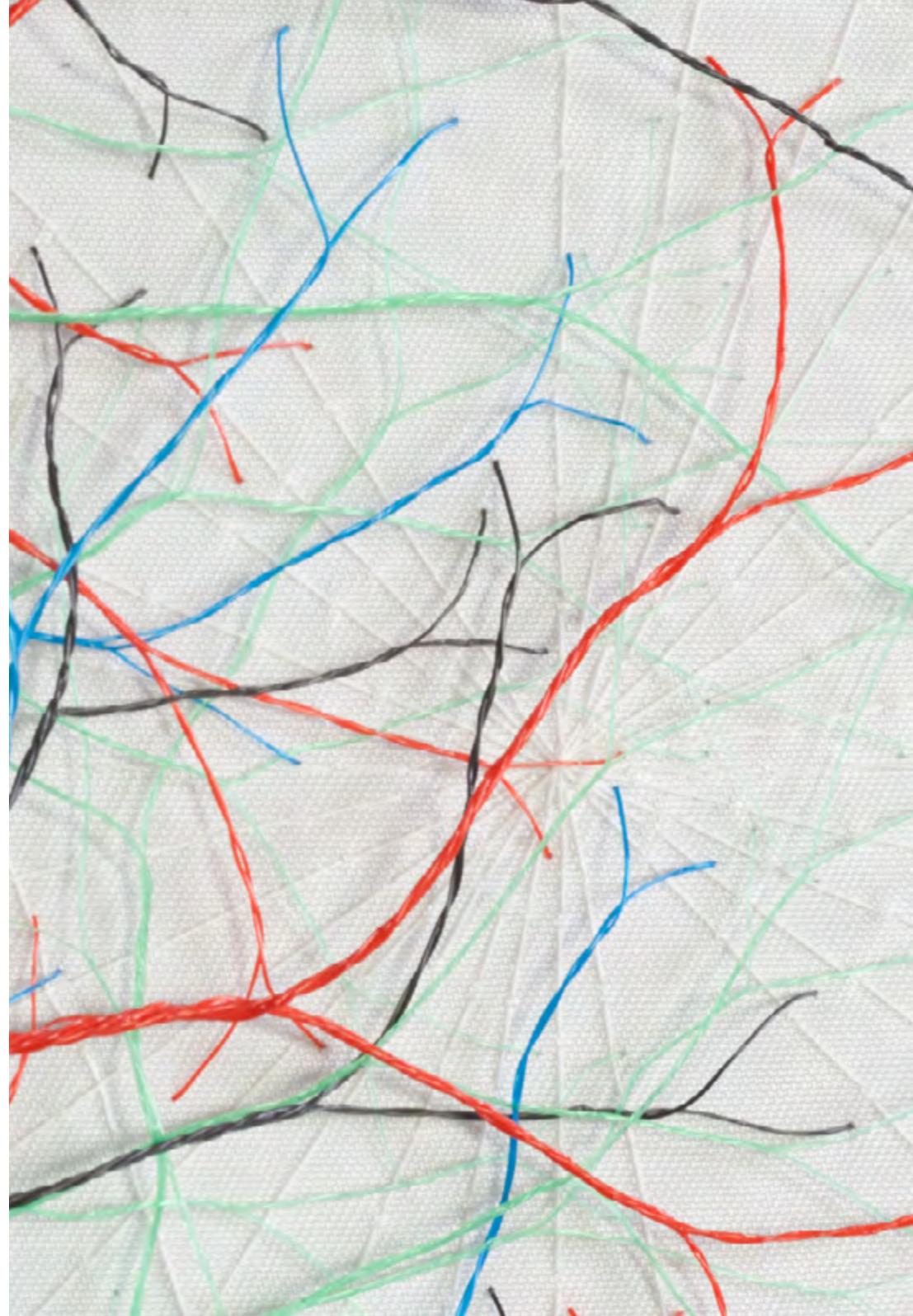
CICLOTRAMA 115 (writing) - 2018
180 cm x 260 cm

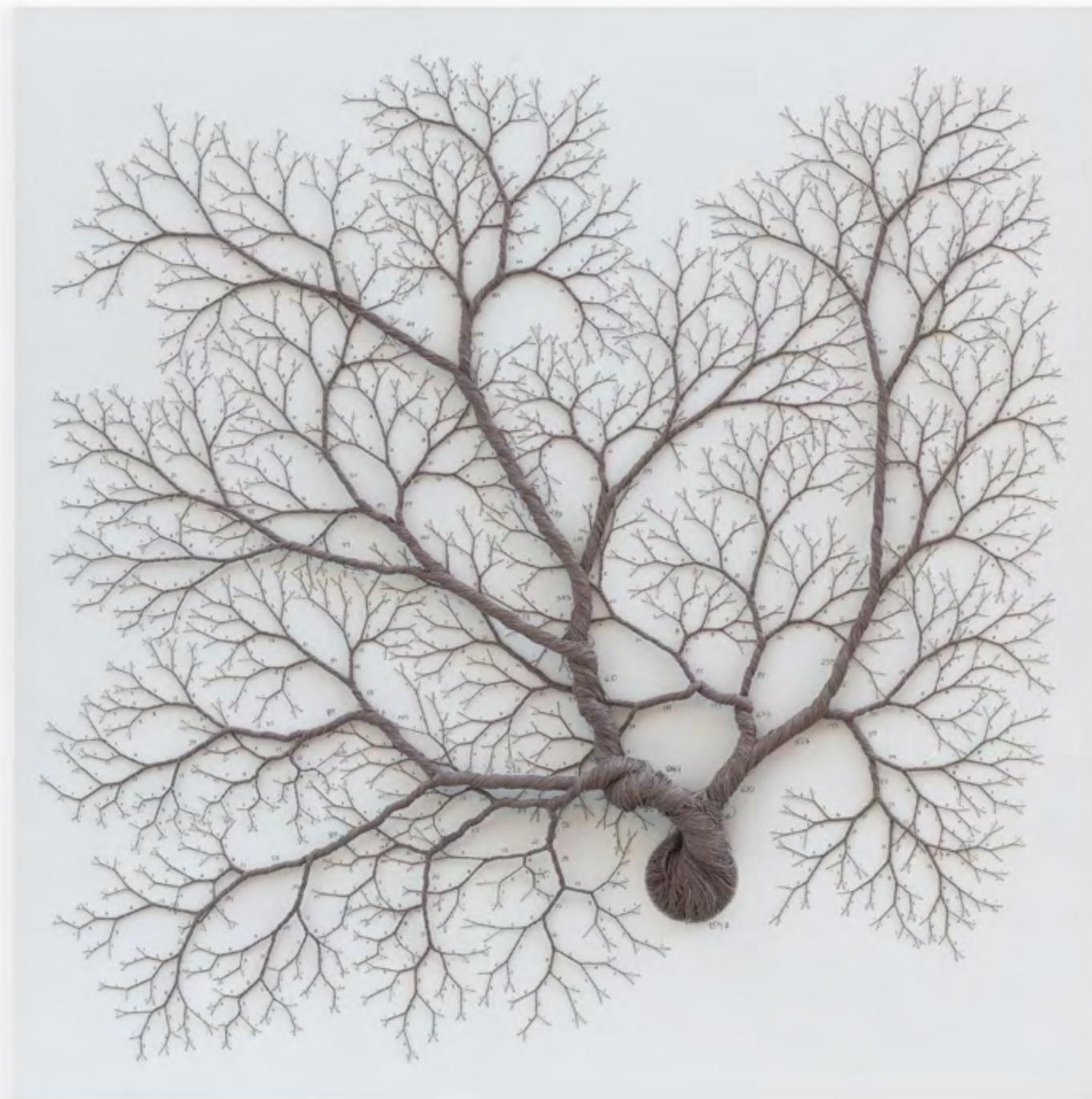
4 cordas, 24mm de diâmetro, verde, vermelha, preta e azul,
20 metros cada, sobre tecido de vela de barco e bordado.

4 ropes, 24mm diameter, green, red, black and blue,
with 20m long each, embroidered on sailcloth.

BIC Collection
CENTQUATRE, Paris, França
Instalação site-specific para a exposição coletiva "BIC Collection"
Curadoria de: Hervé Mikaeloff e Ingrid Pux

BIC Collection
CENTQUATRE, Paris, France
Site-specific Installation for the group show "BIC Collection"
Curated by: Hervé Mikaeloff and Ingrid Pux

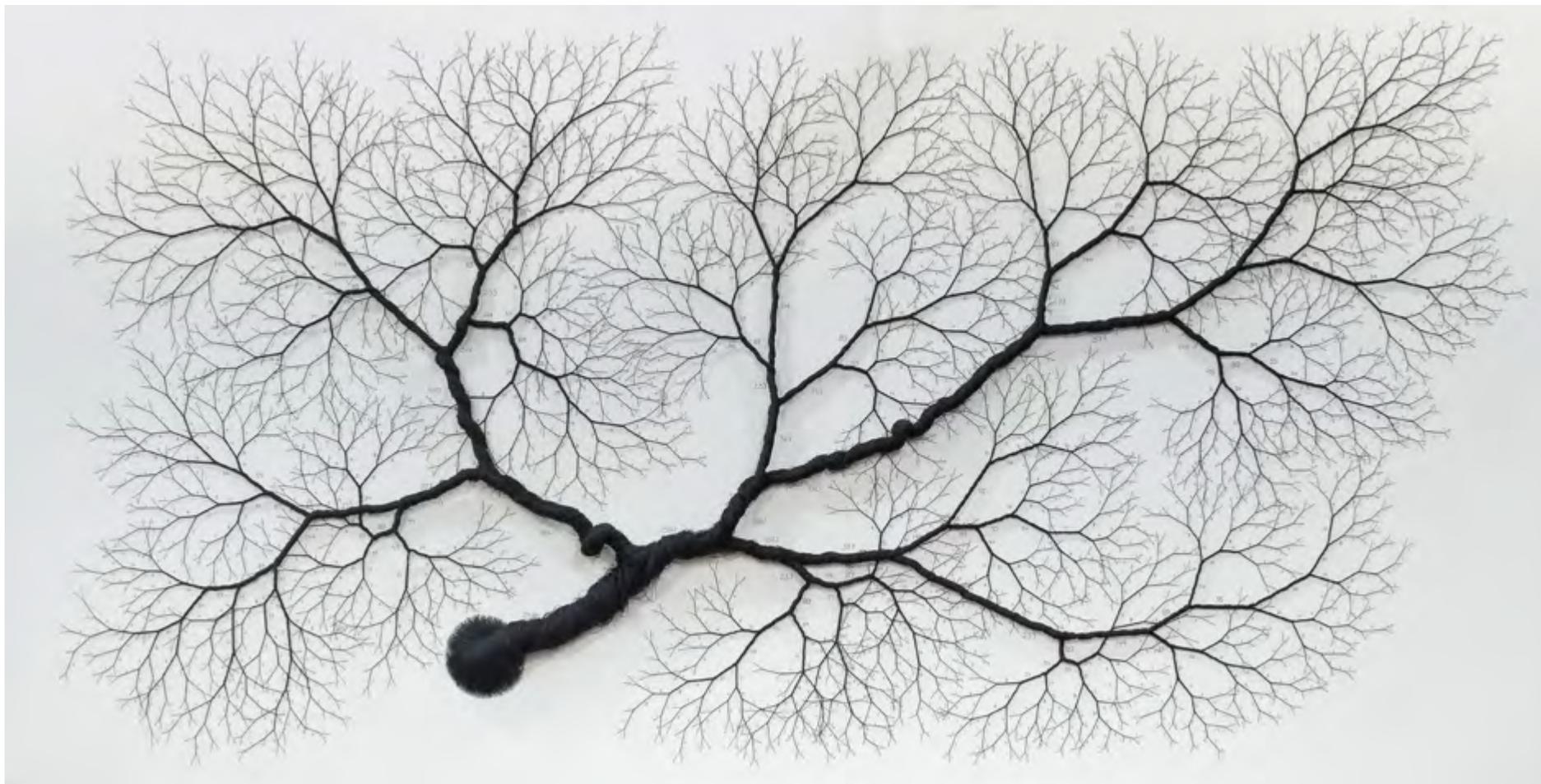




CICLOTRAMA 177 (fibonacci) - 2020
170 cm x 170 cm

Fios de algodão e caneta acrílica sobre canvas

Cotton threads and acrylic pen on canvas



CICLOTRAMA 193 (fibonacci) - 2020

170 cm x 340 cm

Fios encerados e caneta acrílica sobre canvas

Waxed threads and acrylic pen on canvas



377

233

34

144

89

987

55

55

34

2584

2

5

13

21

8

3

2

13

21

13

8

5

2

5

8

5

2

3

5

3

2

5

3

2

3

2

1

1

2

1

2

1

3

5

8

5

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

2

1

2

1

3

5

8

5

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

2

1

2

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

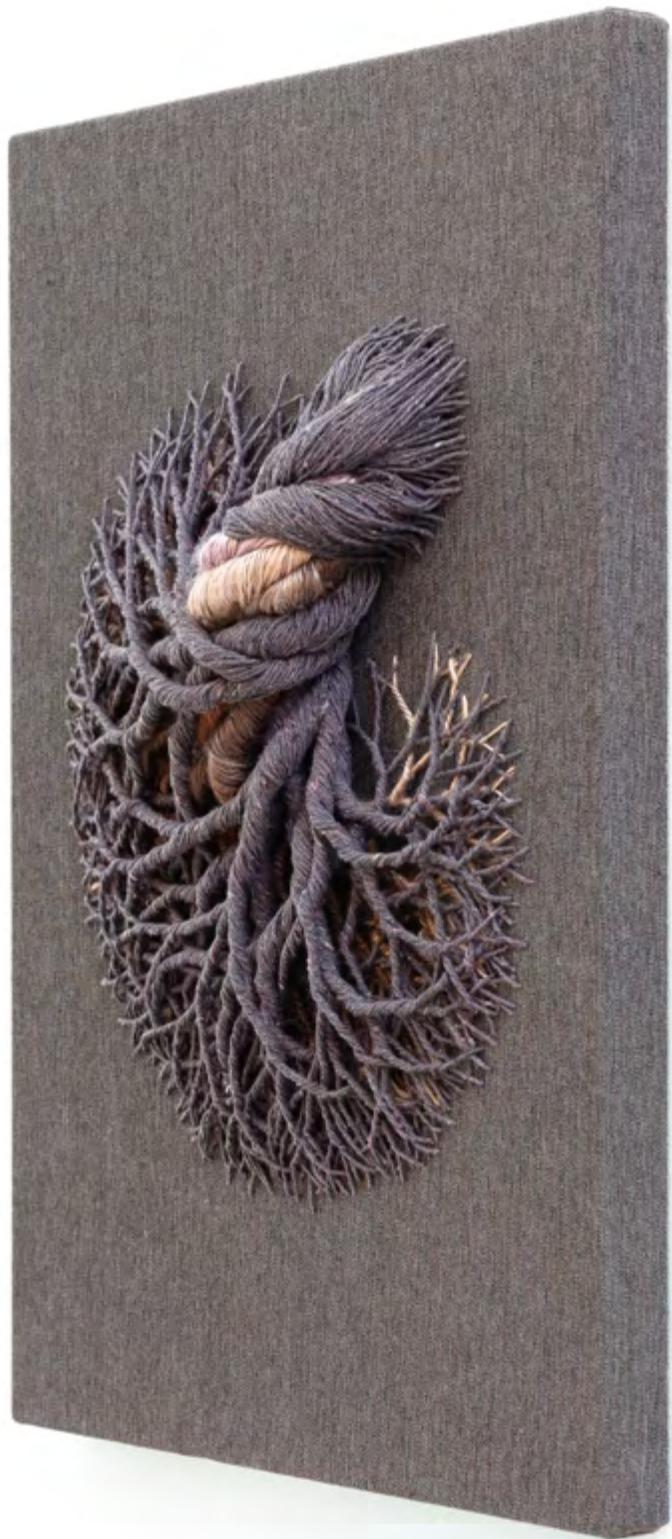
1

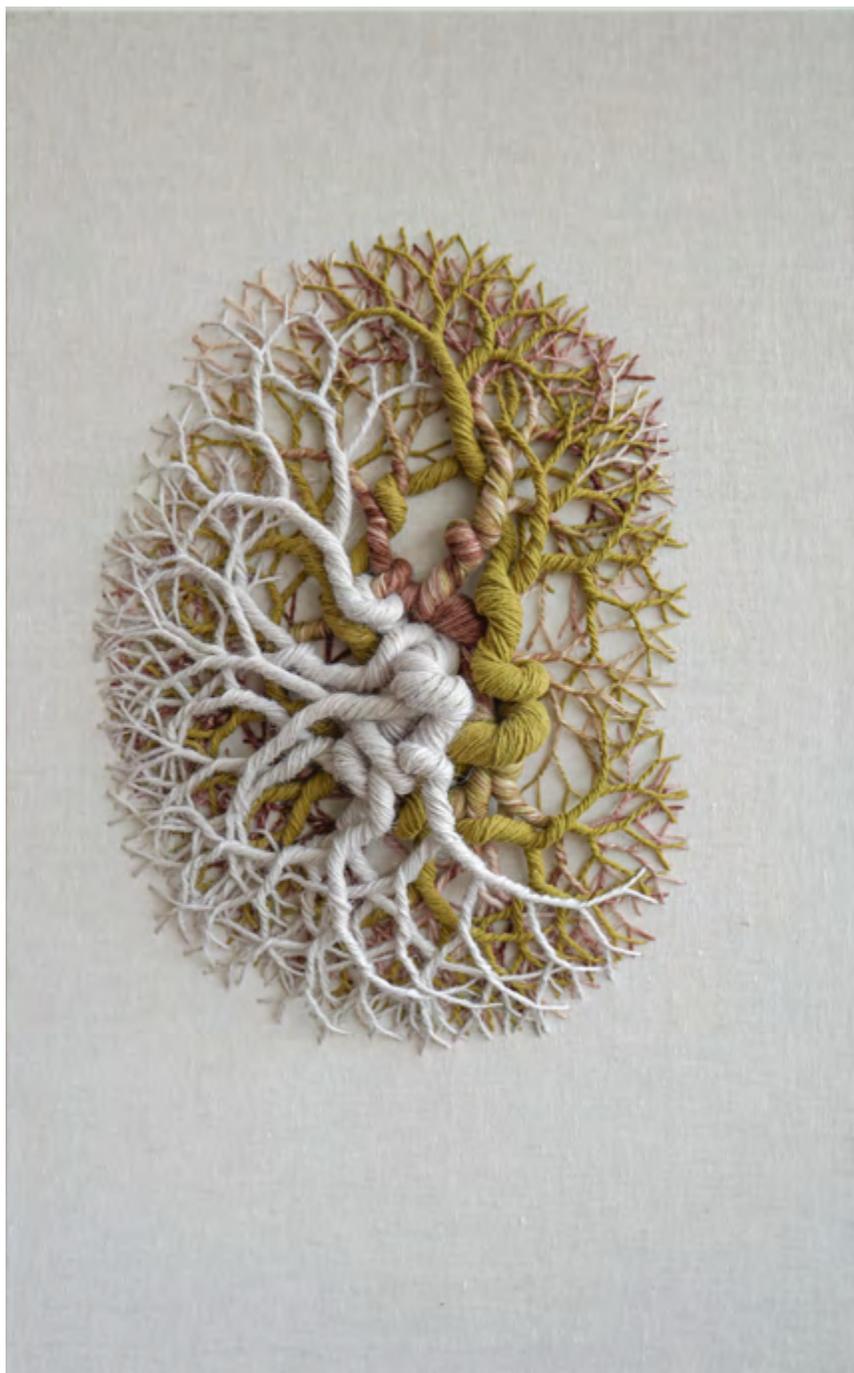


CICLOTRAMA 192 (superstrato) - 2020
60 cm x 40 cm

Fios de algodão e lã sobre canvas

Cotton and wool threads on canvas

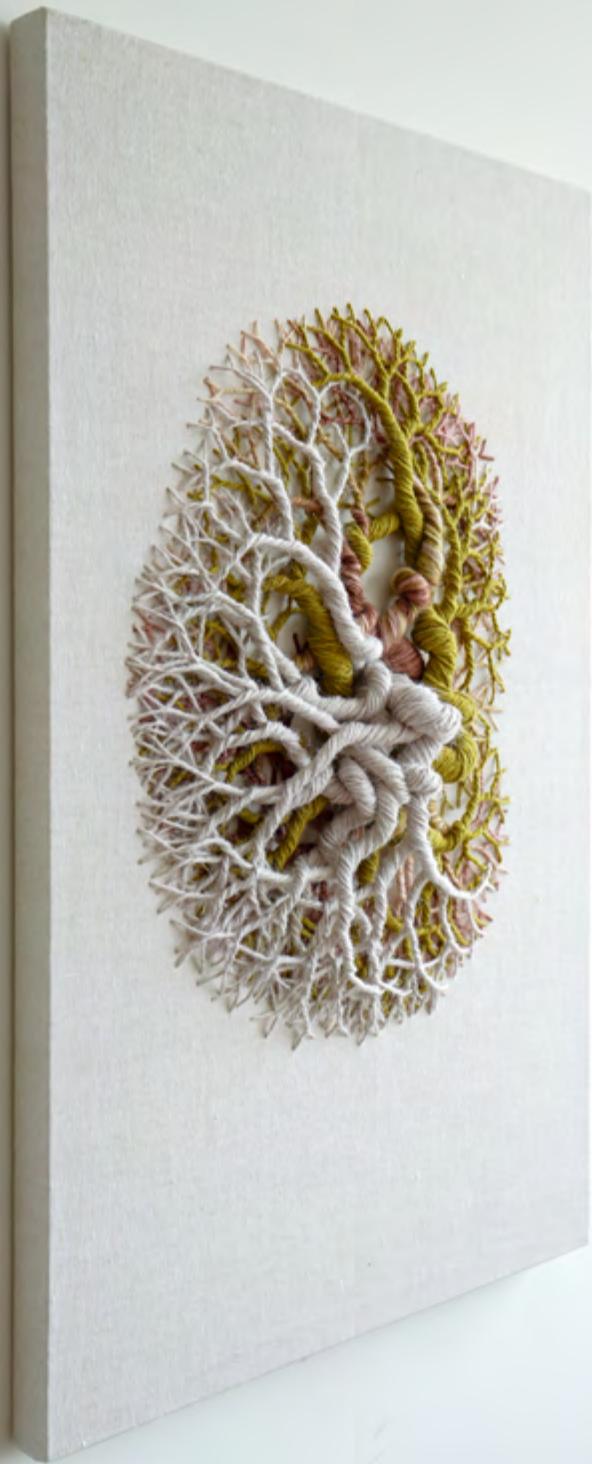


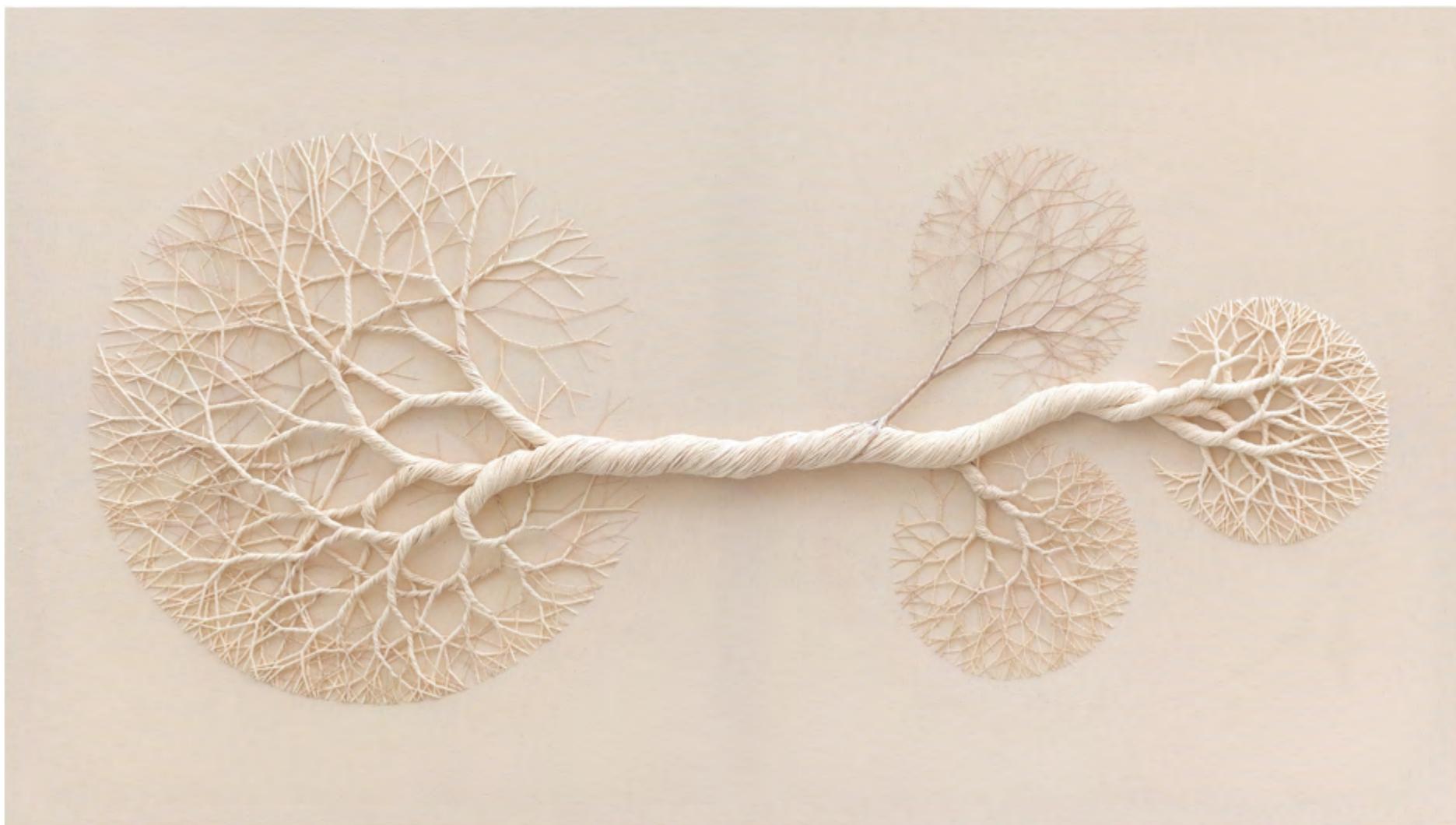


CICLOTRAMA 209 (superstrato) - 2021
80 cm x 50 cm

Fios de algodão e lã sobre canvas

Cotton and wool threads on canvas



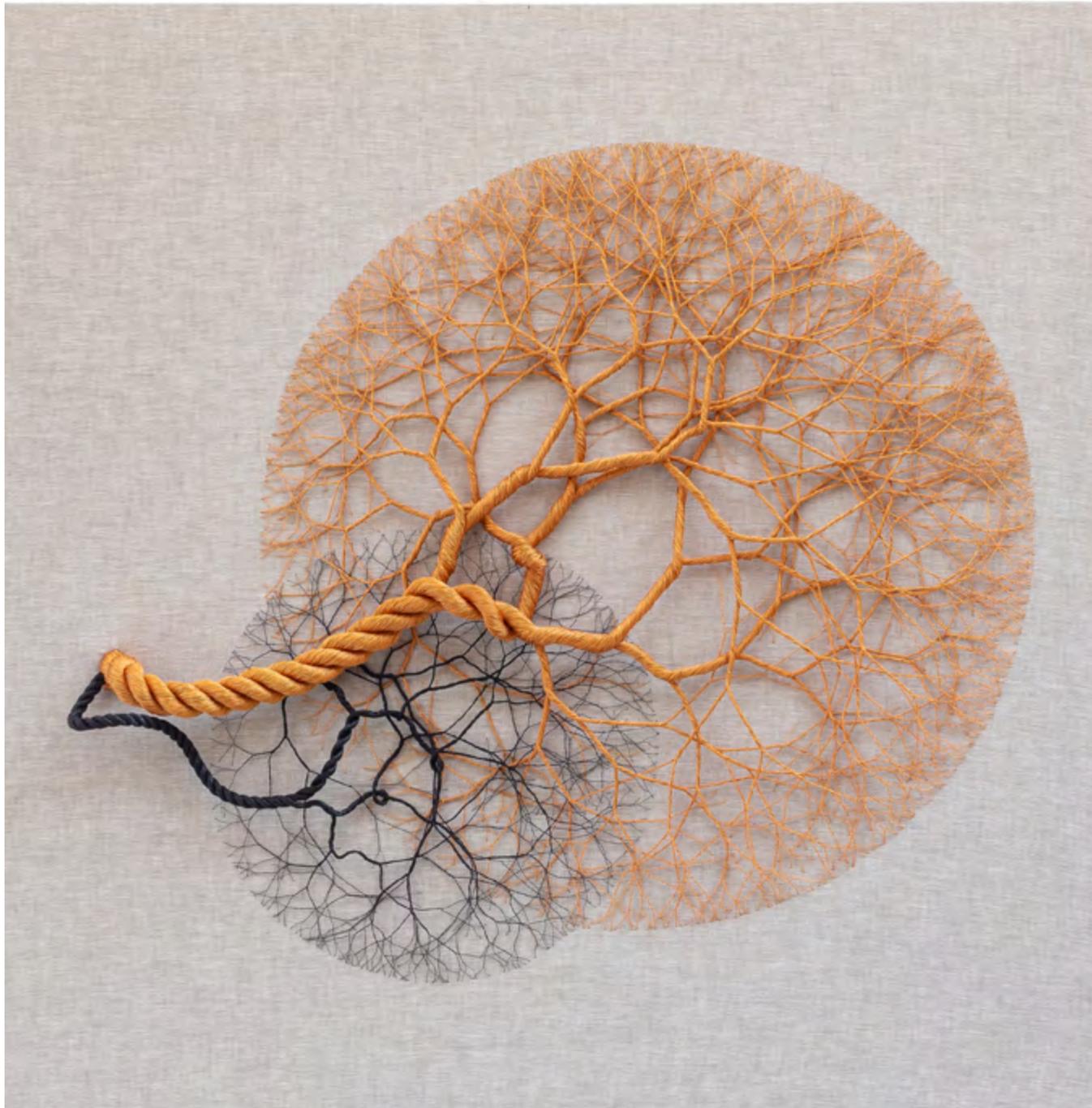


CICLOTRAMA 196 (analítico) - 2020
100 cm x 180 cm

fios variados sobre linho

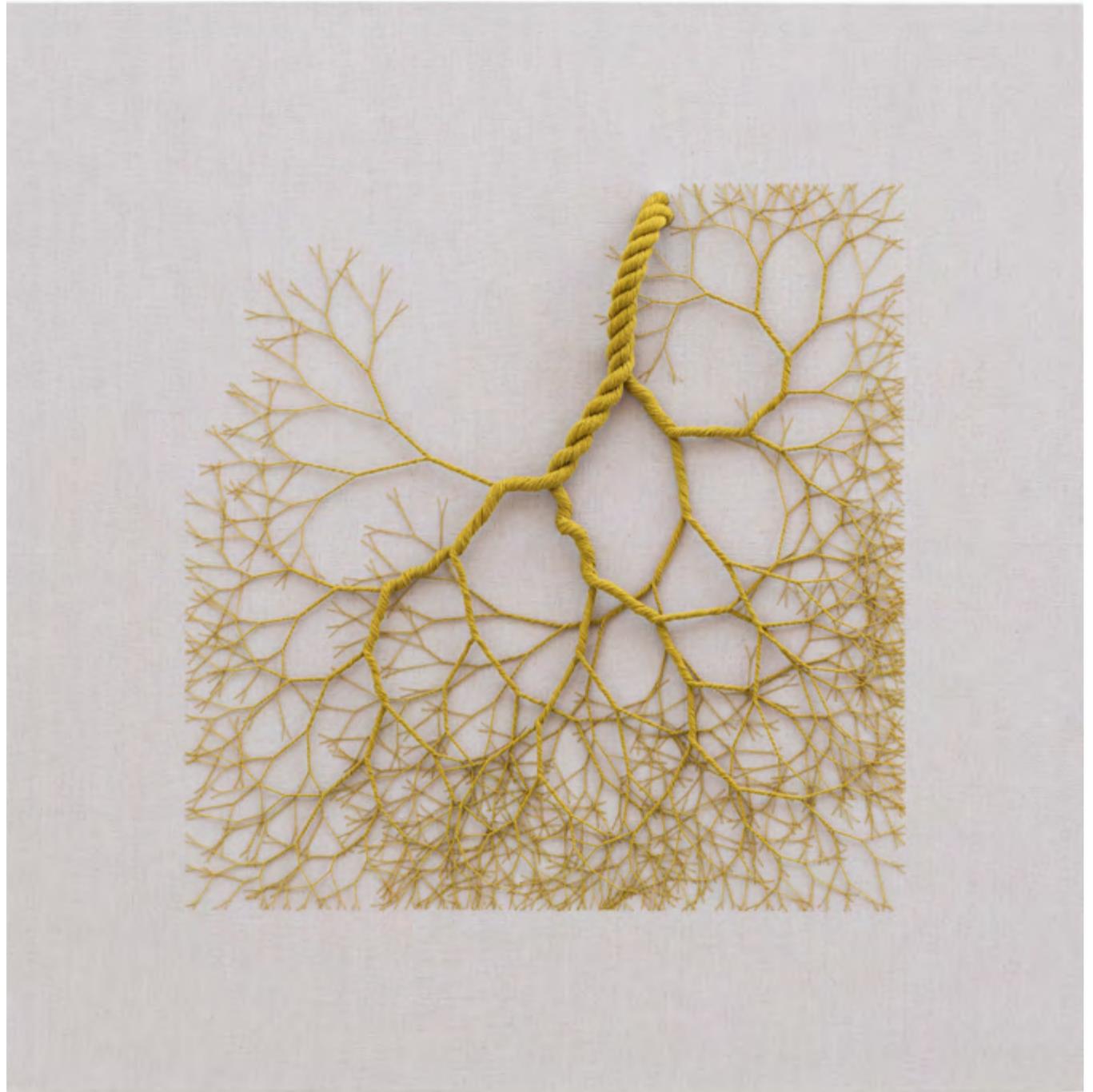
assorted yarns on linen





CICLOTRAMA 153 (aglomeração) - 2020
110 cm x 110 cm

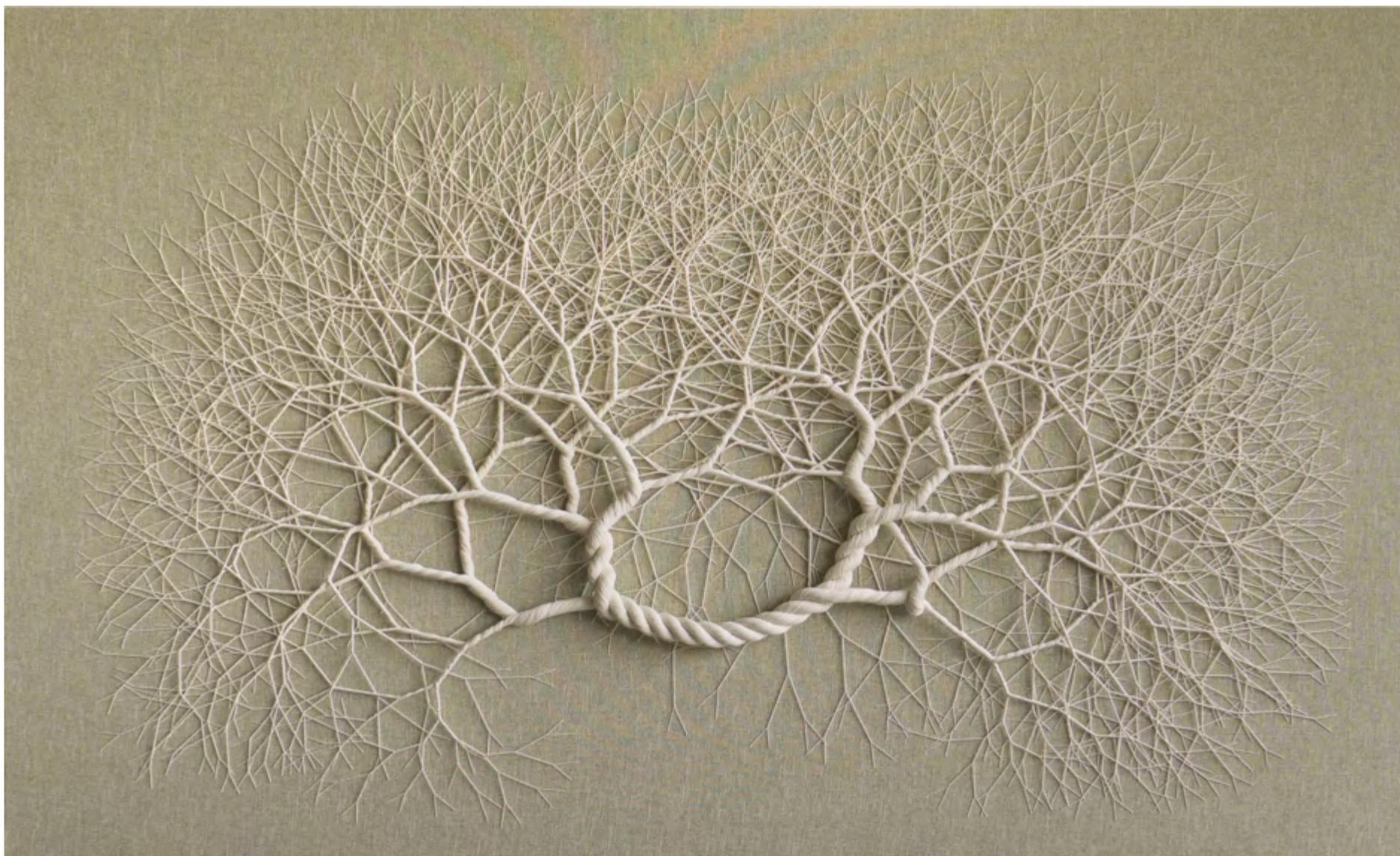
1 corda dipado e 1 corda nylon preta sobre linho
one dipado rope and one black nylon rope on linen



CICLOTRAMA 179 (aglomeração) - 2020
120 cm x 120 cm

corda artesanal sobre linho

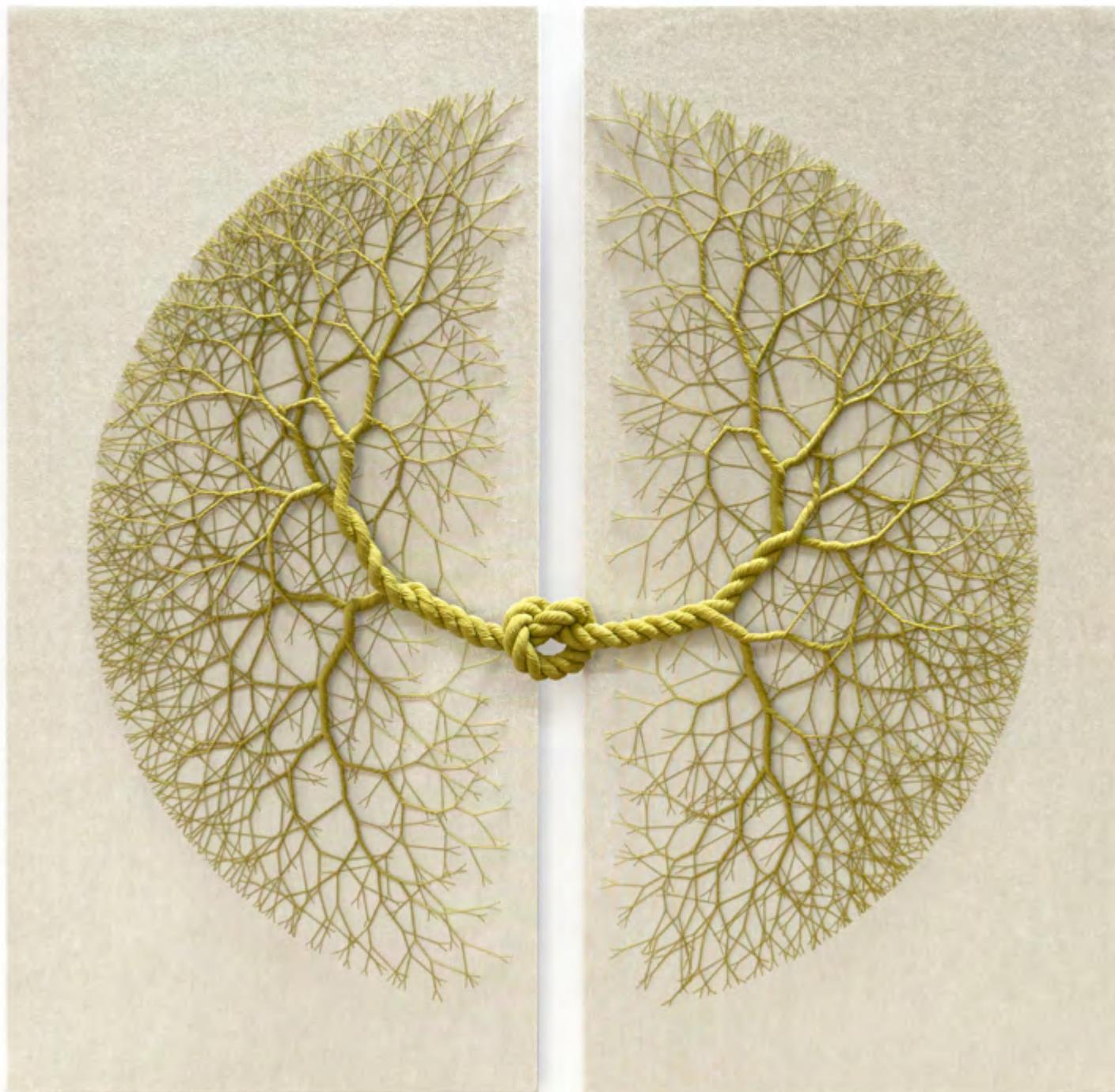
handmade rope on linen



CICLOTRAMA 161 (palíndromo) - 2019
120 cm x 180 cm

corda artesanal de algodão sobre linho

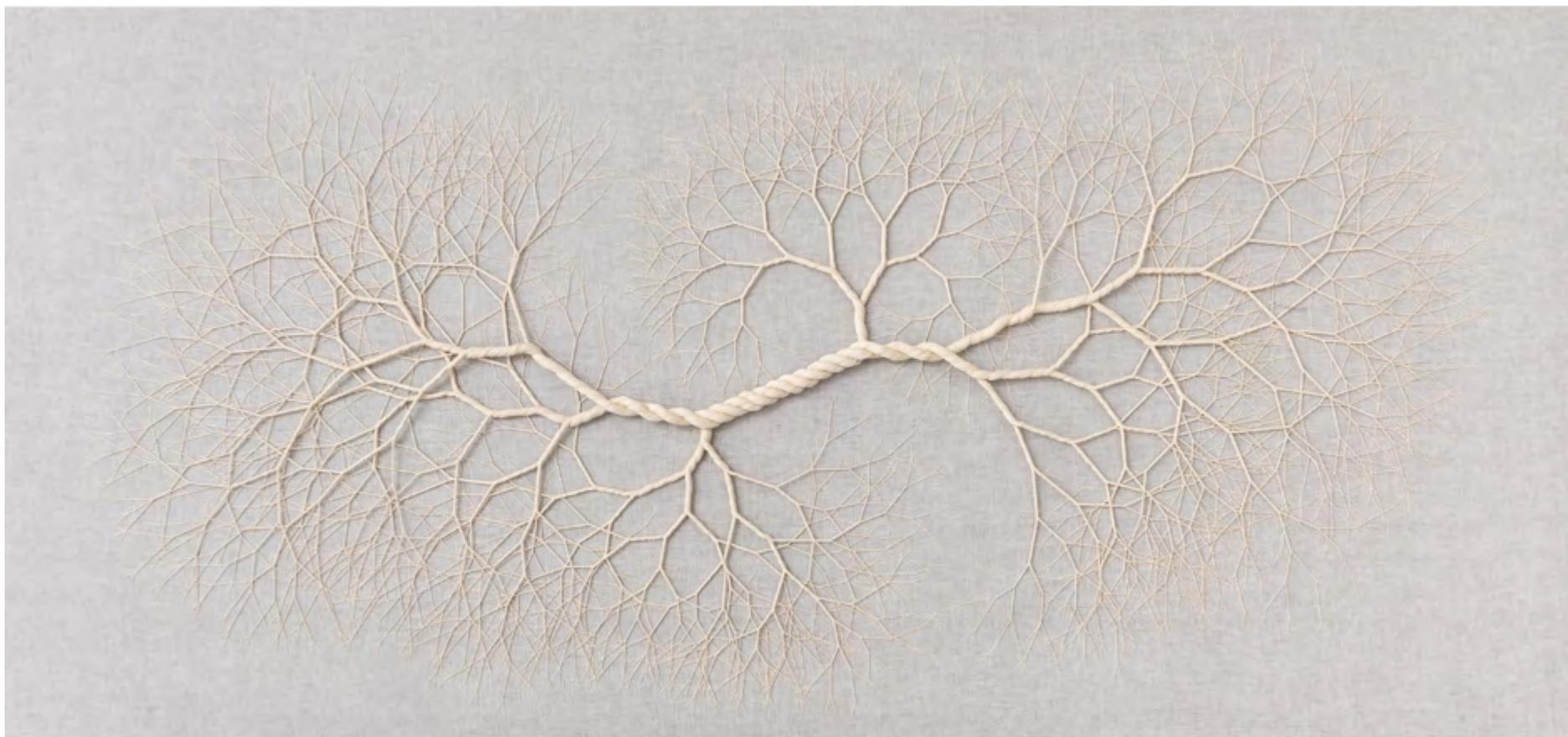
handmade cotton rope on linen



CICLOTRAMA 156 (palindrome) - 2019
138 cm x 138 cm (diptych)

corda atesanal de algodão sobre linho

handmade cotton rope on linen



CICLOTRAMA 168 (palíndromo) - 2019
120 cm x 260 cm

corda artesanal de algodão sobre linho

handmade cotton rope on linen



CICLOTRAMA 163 (palíndromo) - 2019

120 cm x 260 cm

corda artesanal de algodão sobre linho

handmade cotton rope on linen



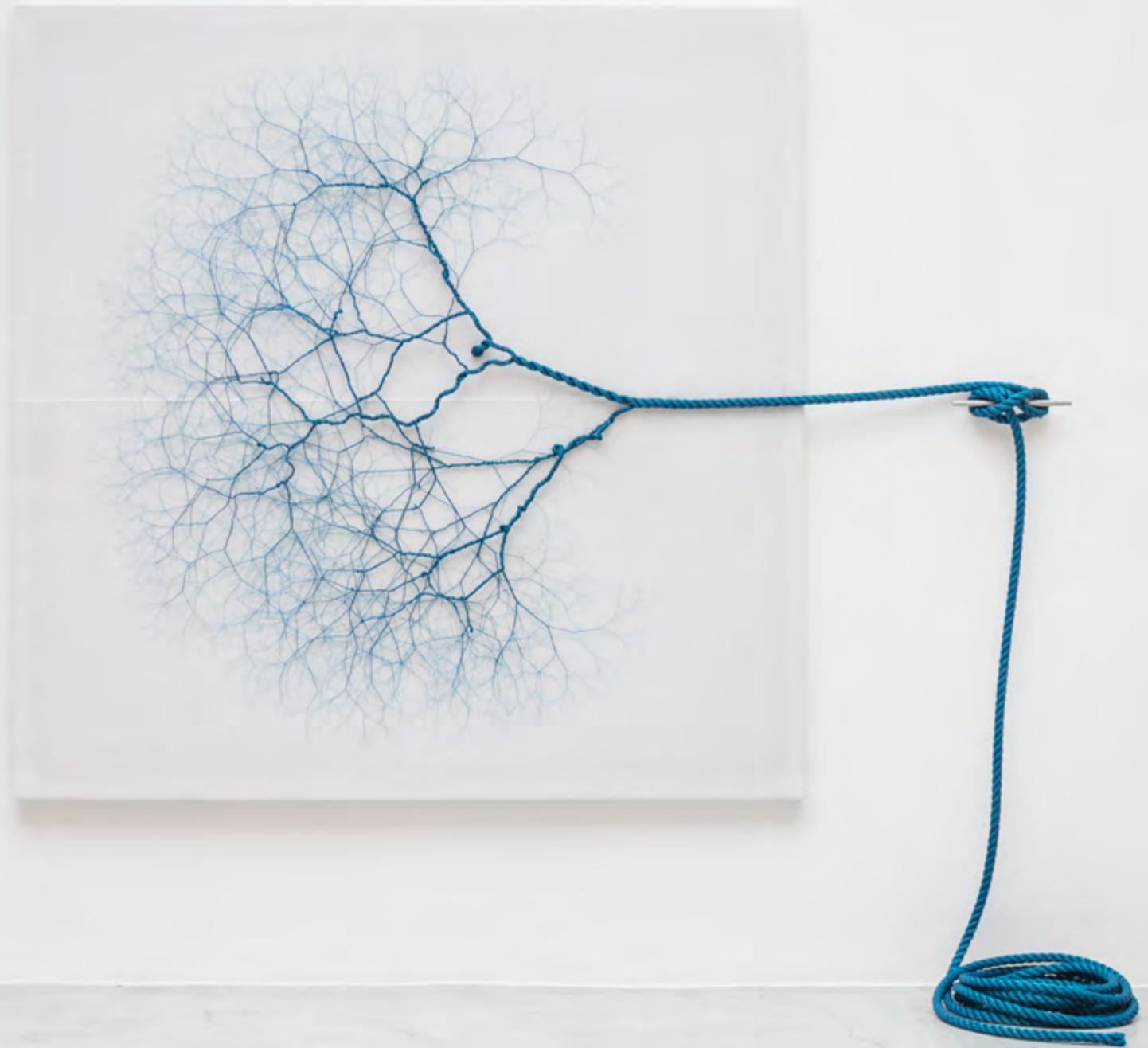
CICLOTRAMA 160 (expansão) - 2019
160 cm x 160 cm

12 cordas de nylon azul, diâmetros variados sobre tecido de vela de barco bordado com linha branca.

12 blue nylon ropes of varying diameter on sailcloth, embroidered in white thread.

Coleção do MAR (Museu de Arte do Rio)
Rio de Janeiro, Brasil

MAR (Rio Art Museum) Collection
Rio de Janeiro, Brazil



CICLOTRAMA 114 (vento) - 2018
200 cm x 200 cm

15 m de corda azul de nylon 24 mm de diâmetro sobre vela de barco e gancho de amarração para barco em aço inox.

15 m of nylon rope 24 mm diameter on sailcloth embroidered and stainless steel cleat

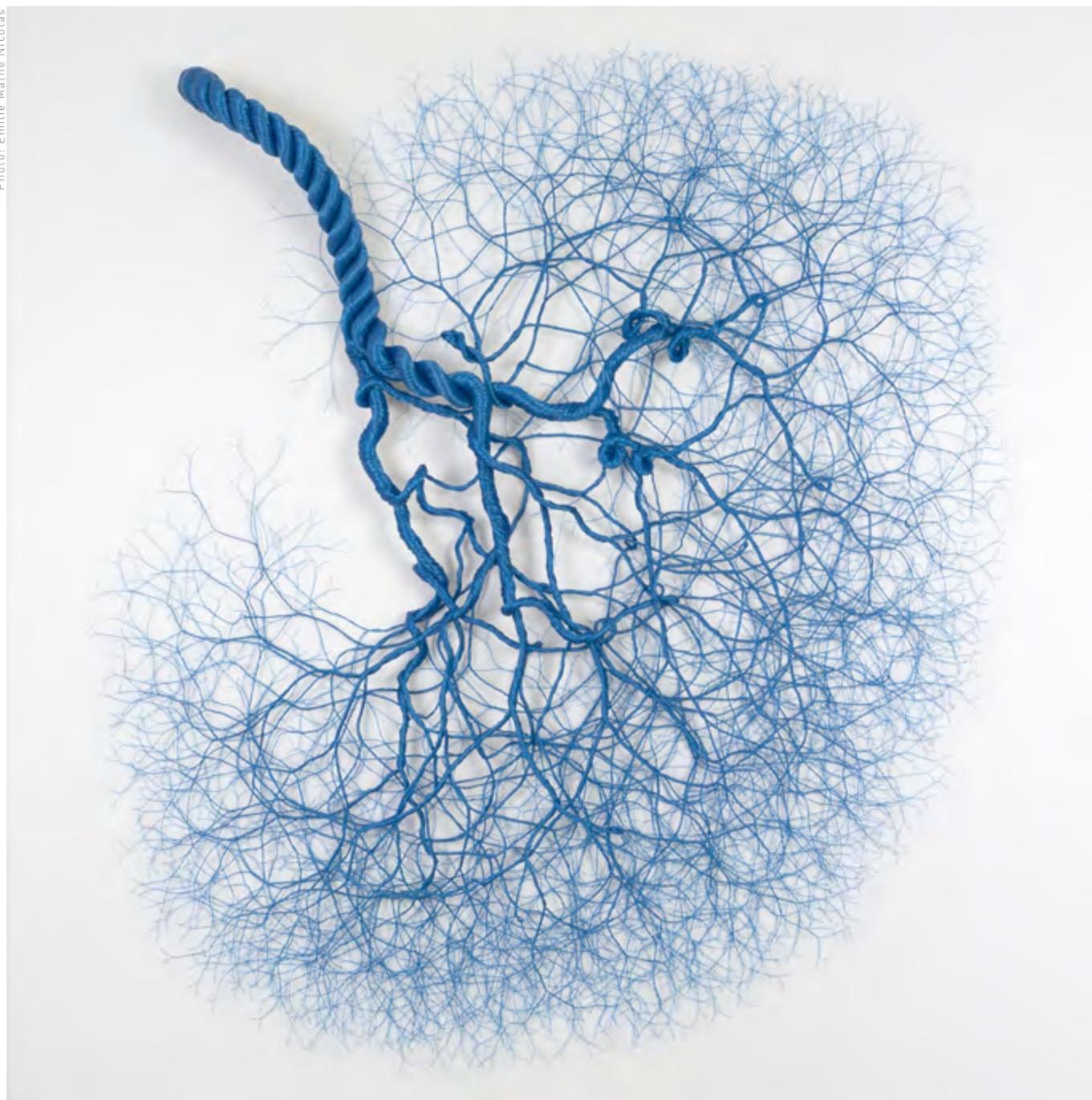


CICLOTRAMA 122 (vento) - 2018
135 cm x 200 cm

15 m de corda azul de nylon 24 mm de diâmetro sobre vela de barco e gancho de amarração para barco em aço inox.

15 m of nylon rope 24 mm diameter on sailcloth embroidered and stainless steel cleat

Photo: Emilie Mathé Nicolas

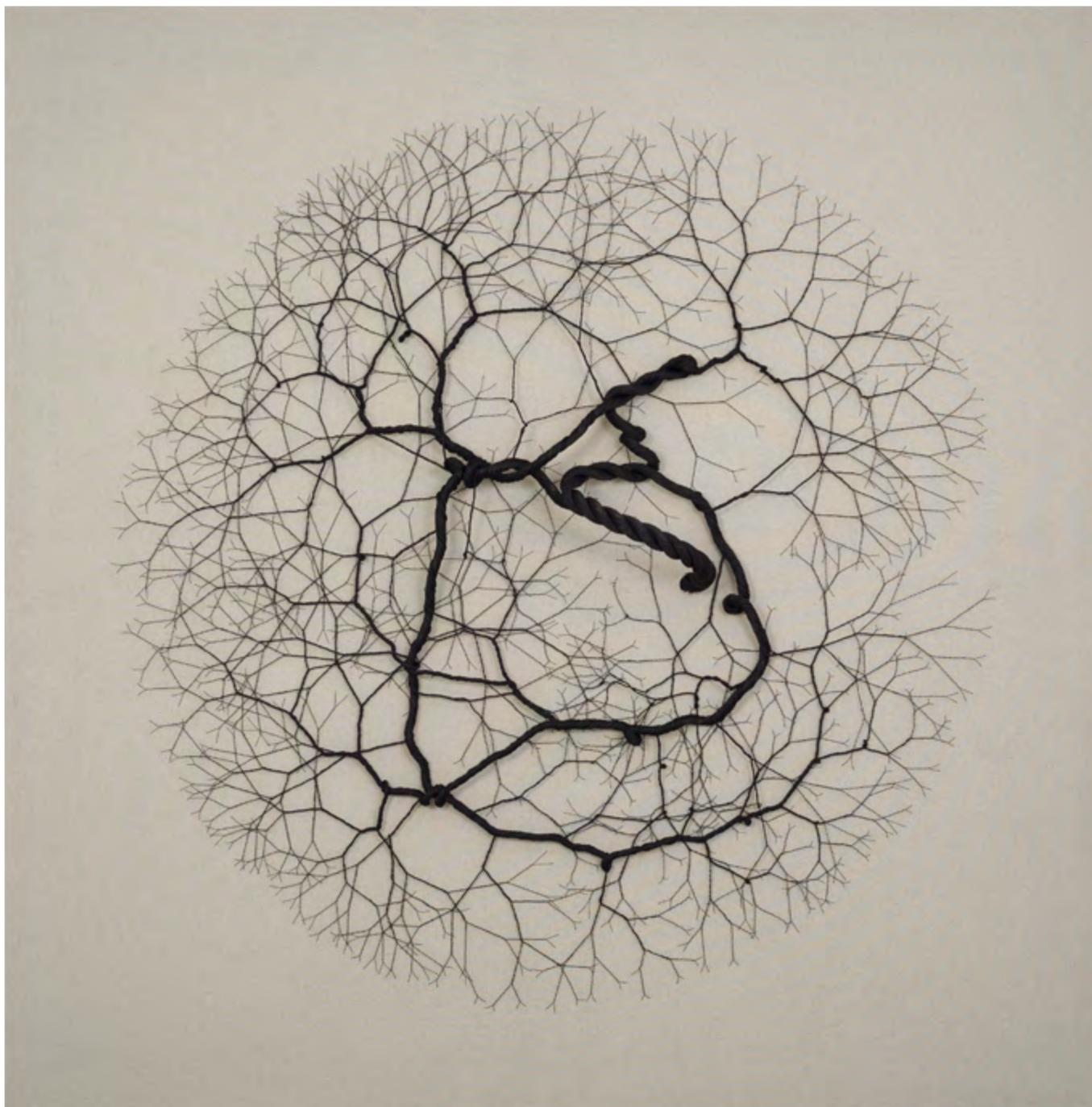


CICLOTRAMA 125 (aglomeração) - 2018
135 cm x 135 cm

2 m de corda azul de nylon 45 mm de diâmetro
sobre vela de barco

2 m of nylon rope 45 mm diameter on sailcloth

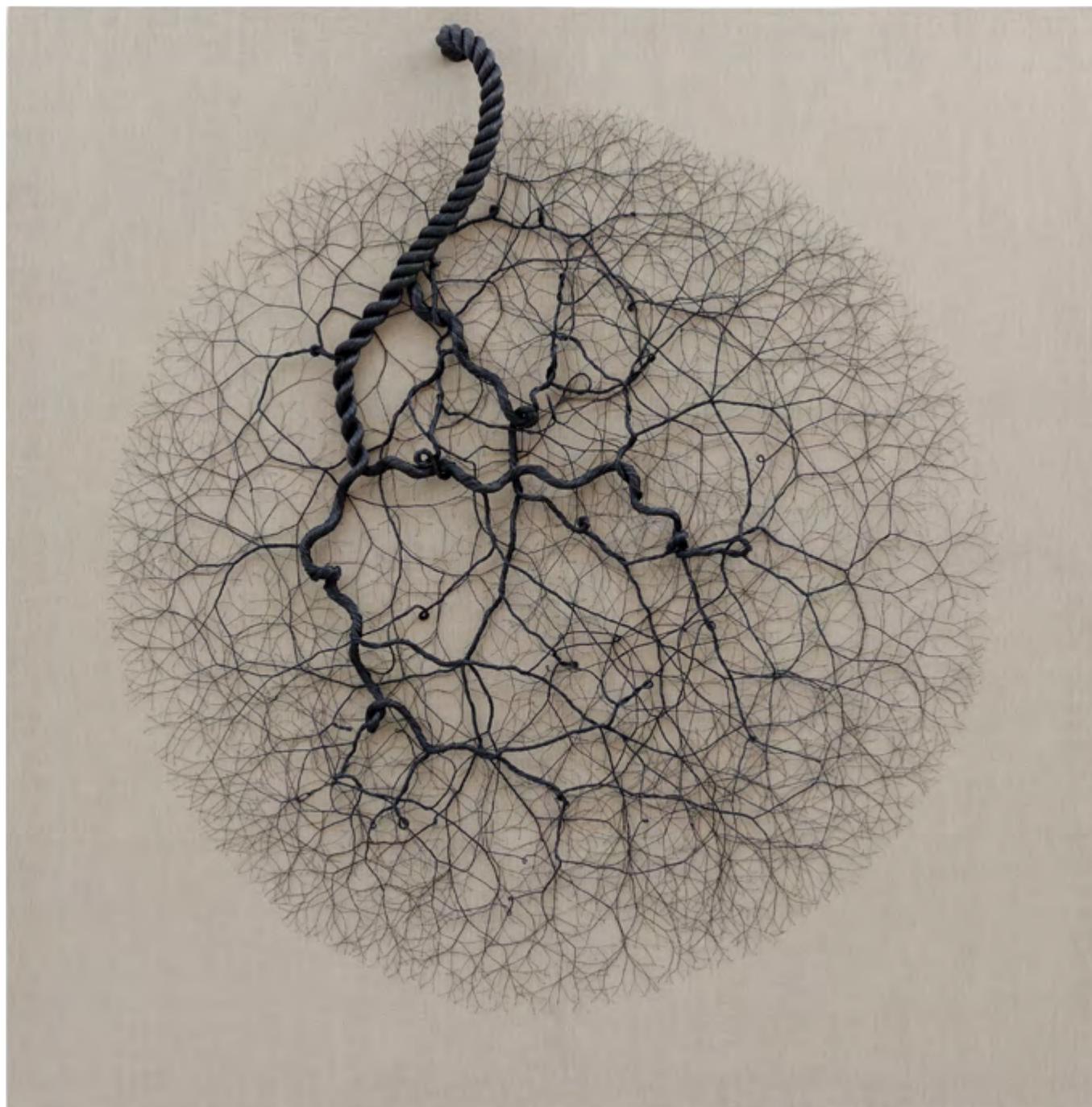
Photo: Emilie Mathé Nicolas



CICLOTRAMA 126 (aglomeração) - 2018
200 cm x 200 cm

corda de dipado preta, 38mm de diâmetro
sobre linho rústico

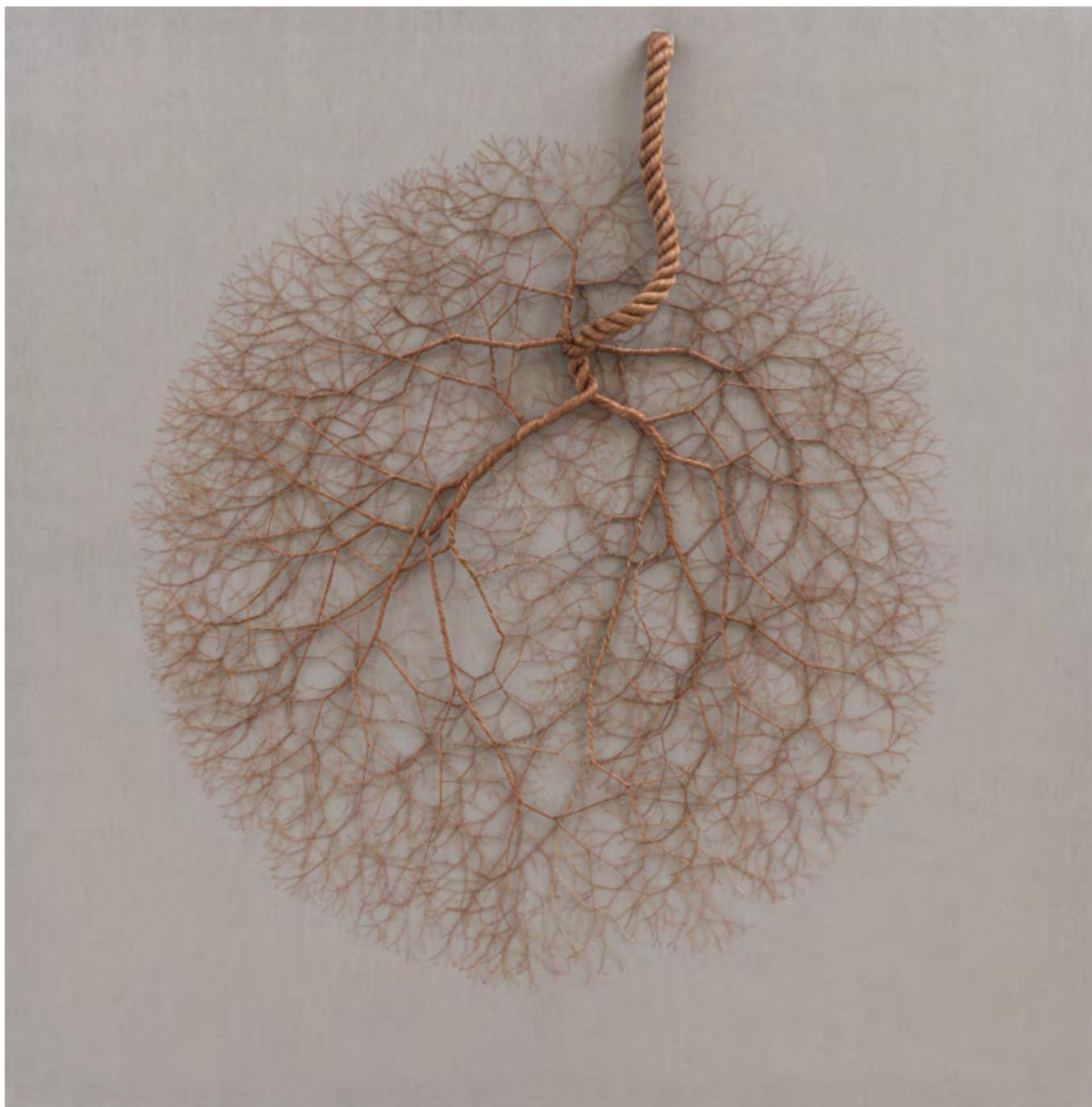
black dipado rope, 38mm diameter on raw linen



CICLOTRAMA 95 (aglomeração)- 2017
200 cm x 200 cm

corda de dipado preta, 38mm de diâmetro sobre
linho rústico

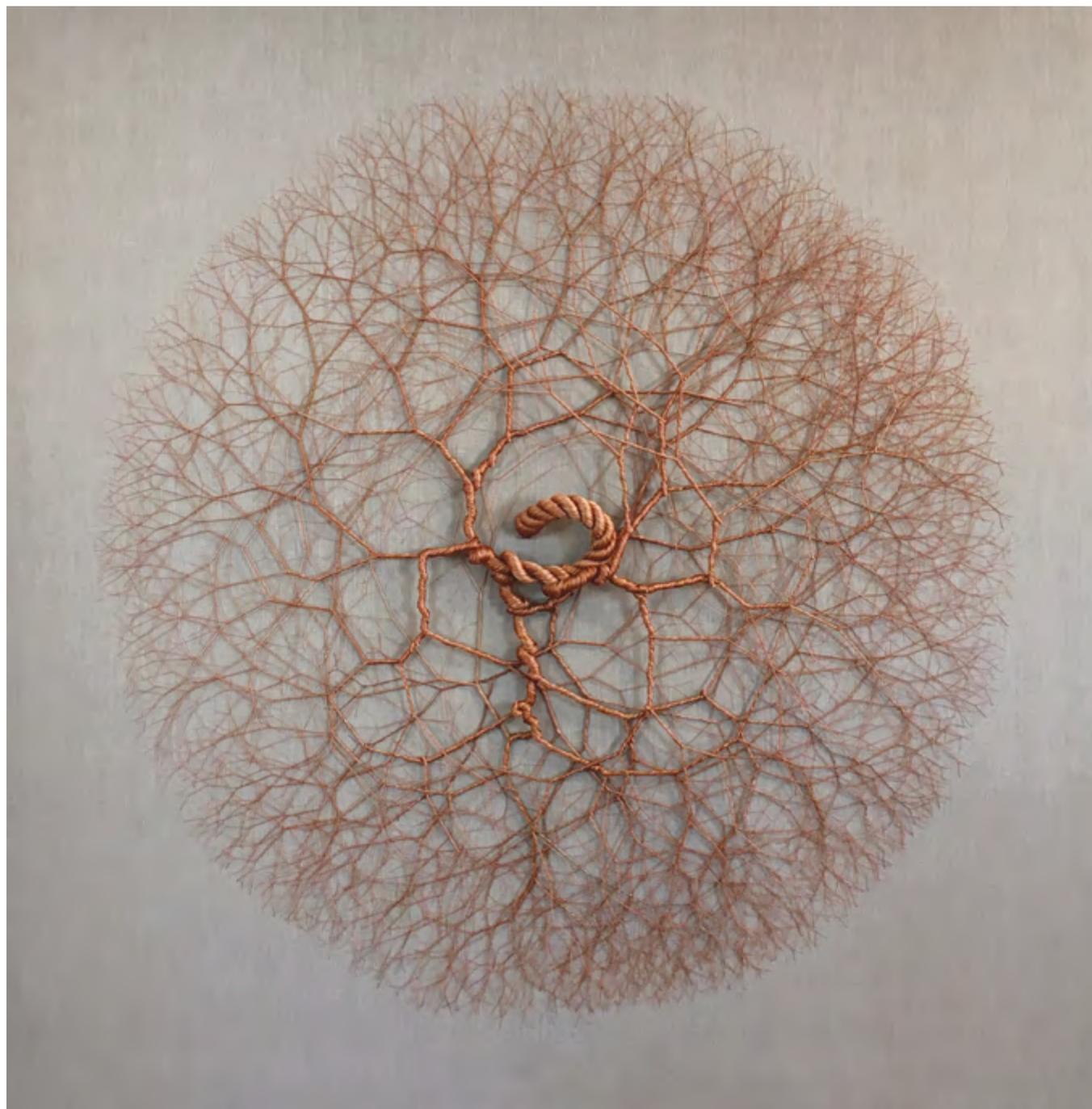
black dipado rope, 38mm diameter on raw linen



CICLOTRAMA 80 (aglomeração)- 2017
200 cm x 200 cm

corda de dipado cobre, 40mm de diâmetro so-
bre linho rústico

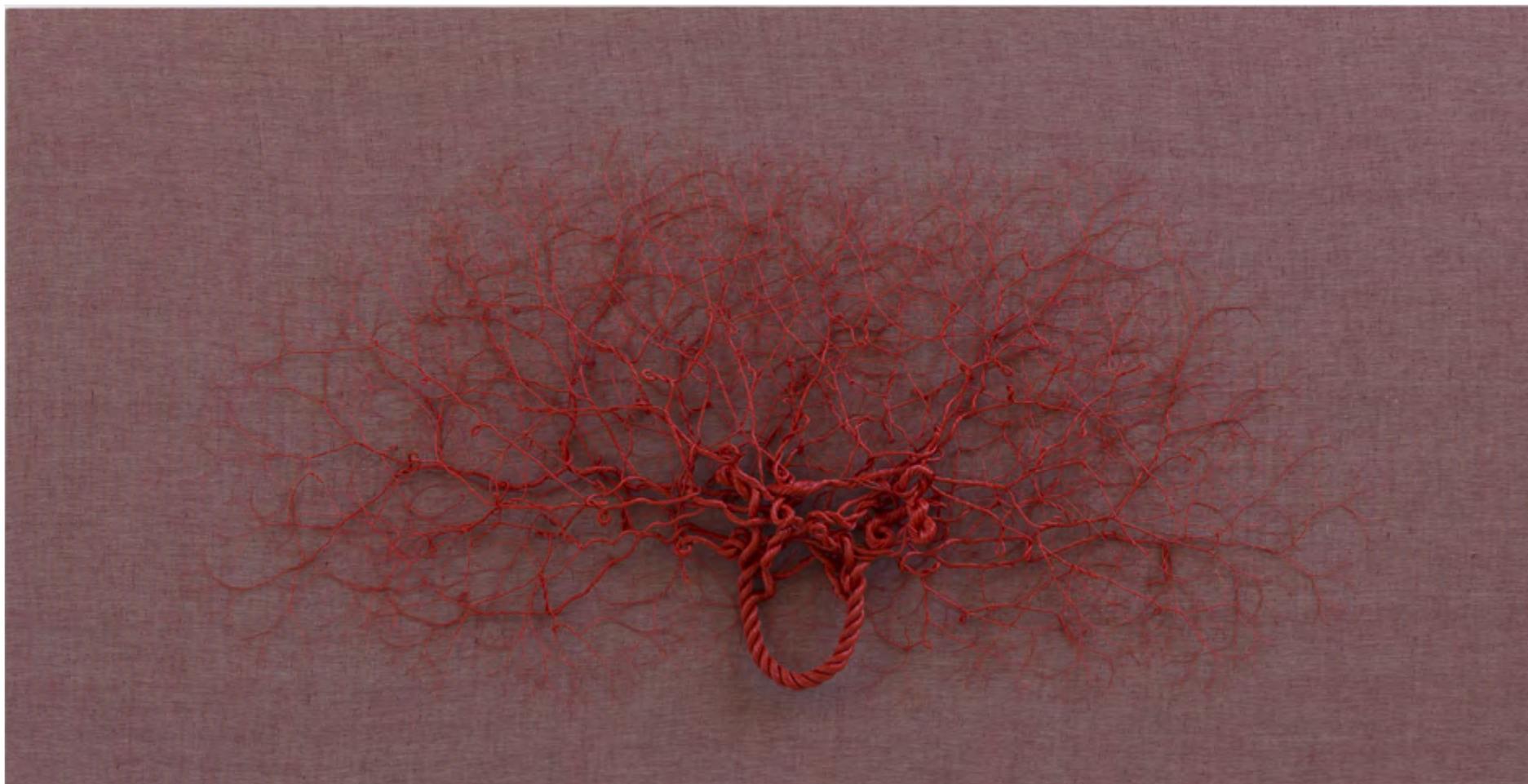
dipado nylon rope, 40mm diameter on raw linen



CICLOTRAMA 93 (aglomeração) - 2017
200 cm x 200 cm

corda de dipado cobre, 40mm de diâmetro sobre linho rústico

dipado nylon rope, 40mm diameter on raw linen

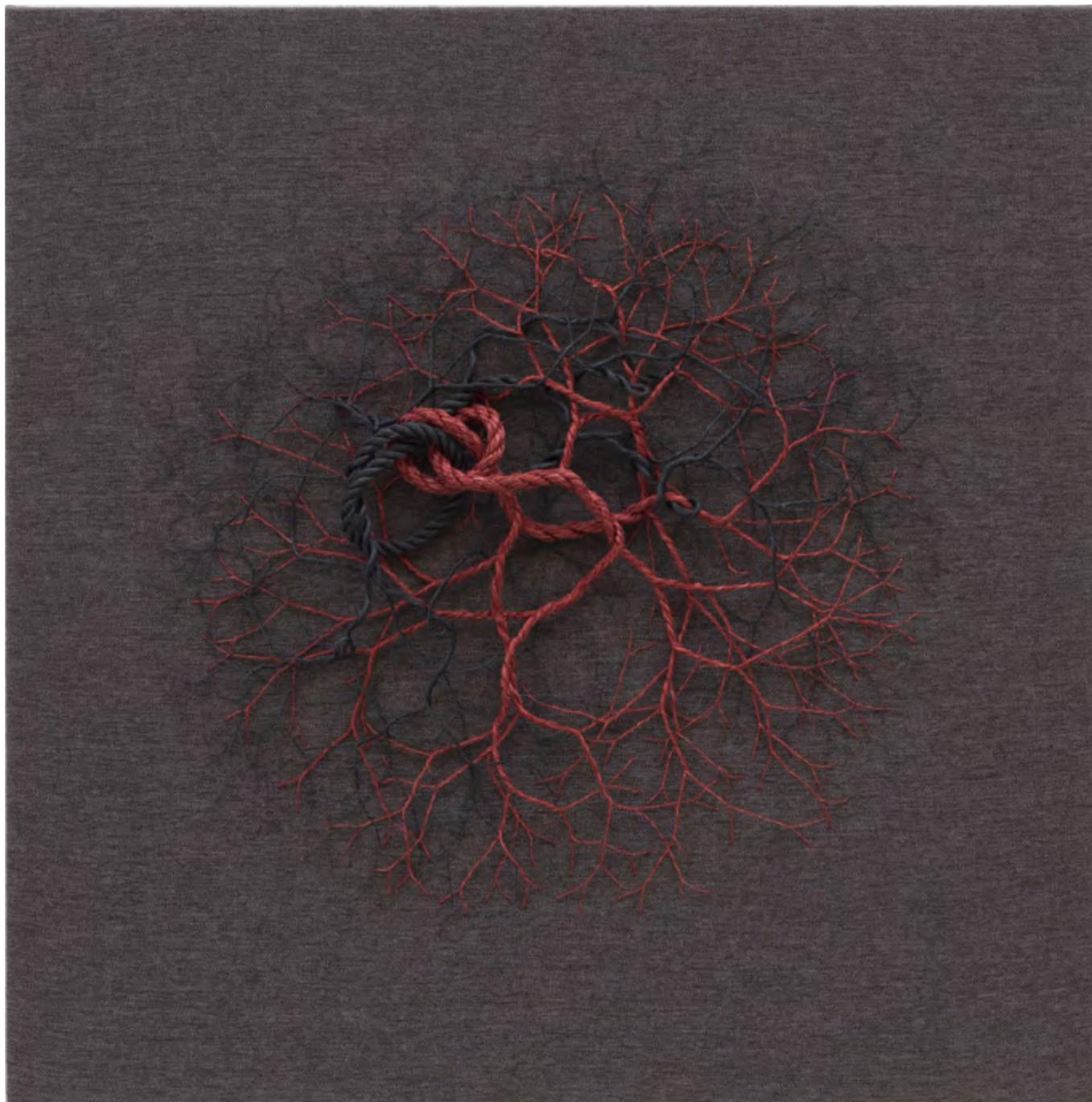


CICLOTRAMA 78 (aglomeração)- 2017

110 cm x 220 cm

2m de corda de nylon vermelha, 25mm de diâmetro sobre linho avermelhado.

2m of red nylon rope, 25mm diameter on red linen.

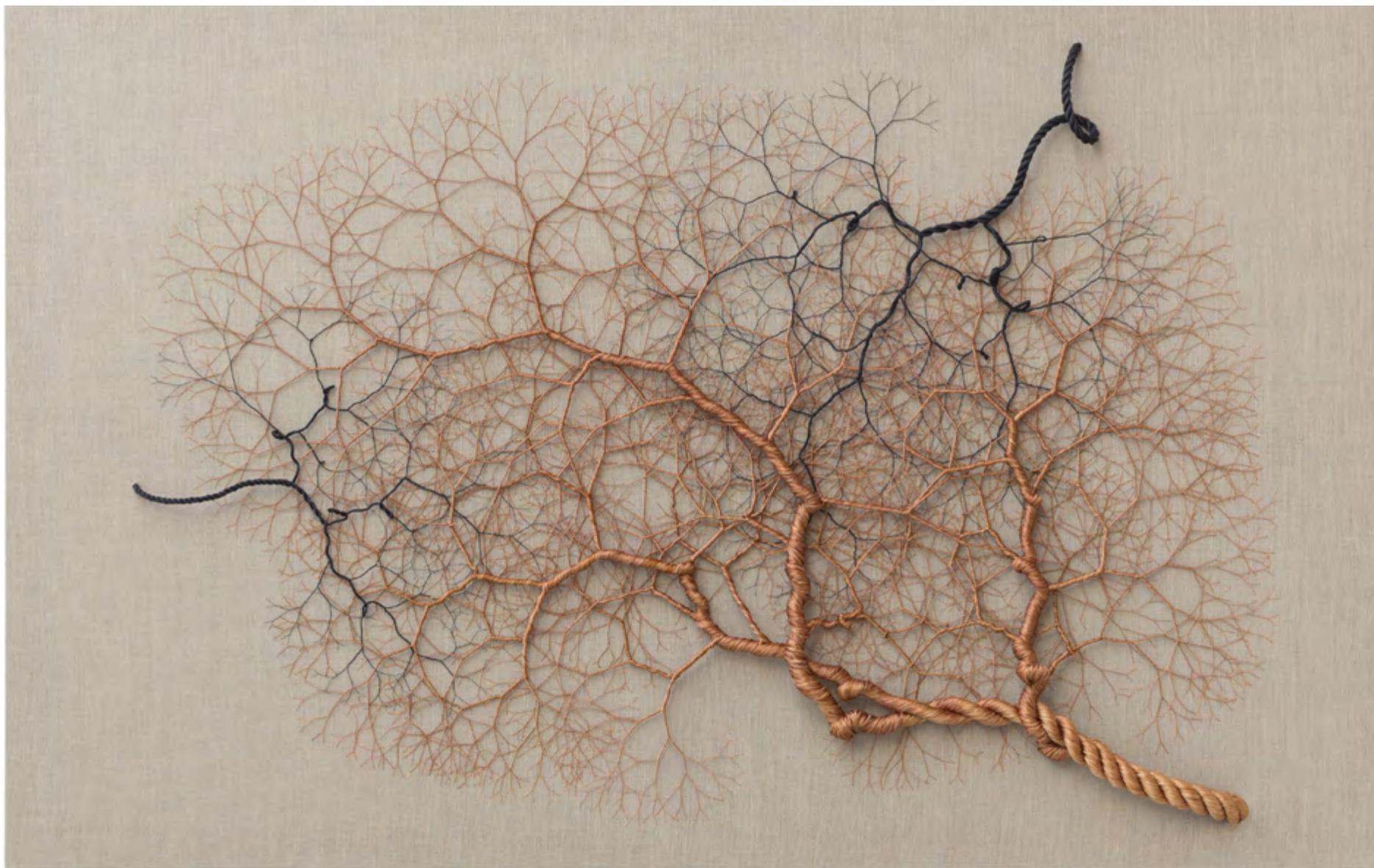


CICLOTRAMA 113 (aglomeração) - 2018

60 cm x 60 cm

1 corda vermelha de sisal, 10mm de diâmetro e
1 corda preta de nylon, 10mm de diâmetro sobre
linho marrom

one red sisal rope, 10 mm diameter and one
black nylon rope, 10 mm diameter on brown
linen

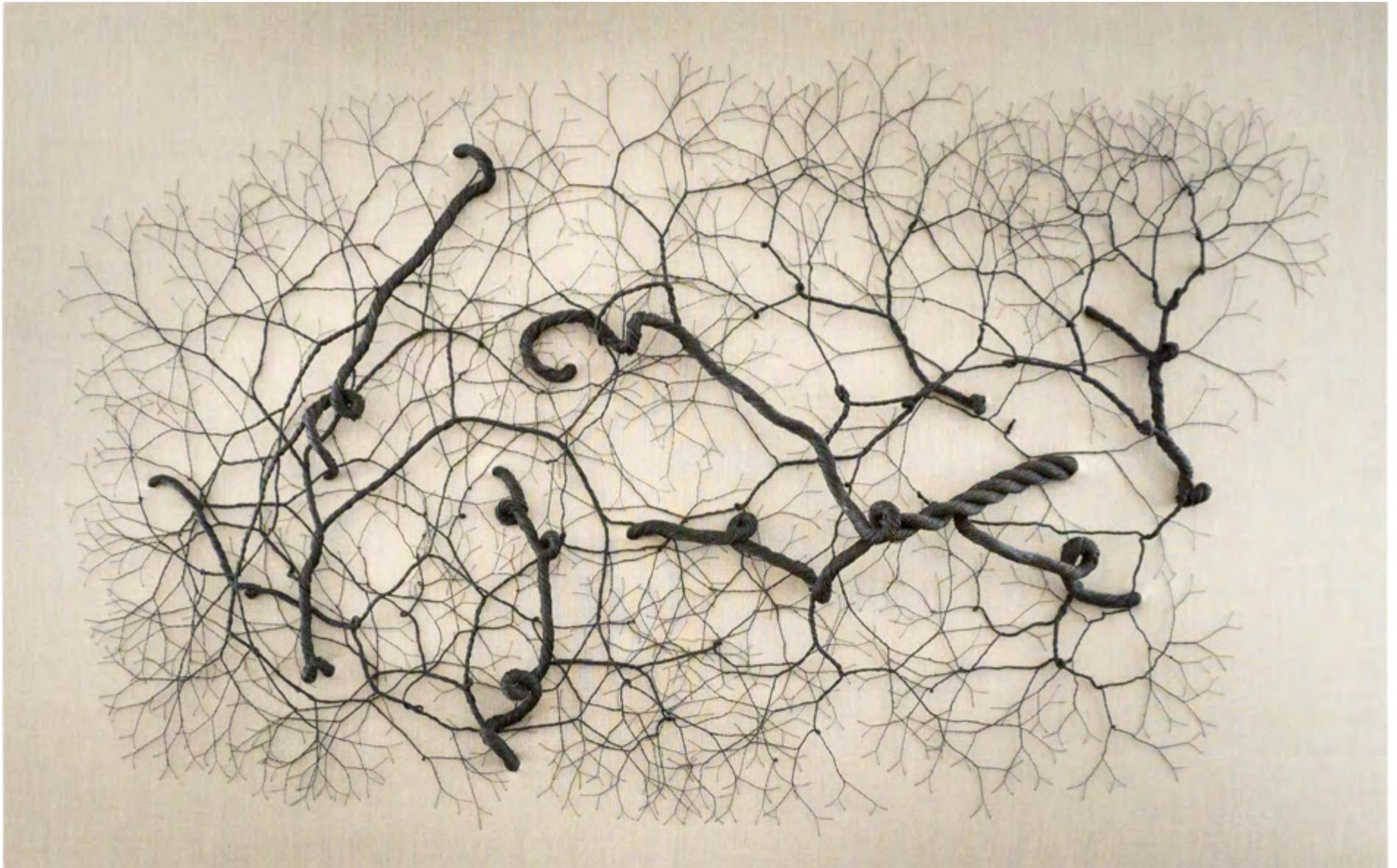


CICLOTRAMA 116 (aglomeração) - 2018

125 cm x 200 cm

cordas de nylon preta, 8mm e 12mm de diâmetro e corda de dipado cobre, 20mm de diâmetro sobre linho rústico

black nylon ropes, 8mm and 12mm diameter and dipado rope, 20mm diameter on raw linen

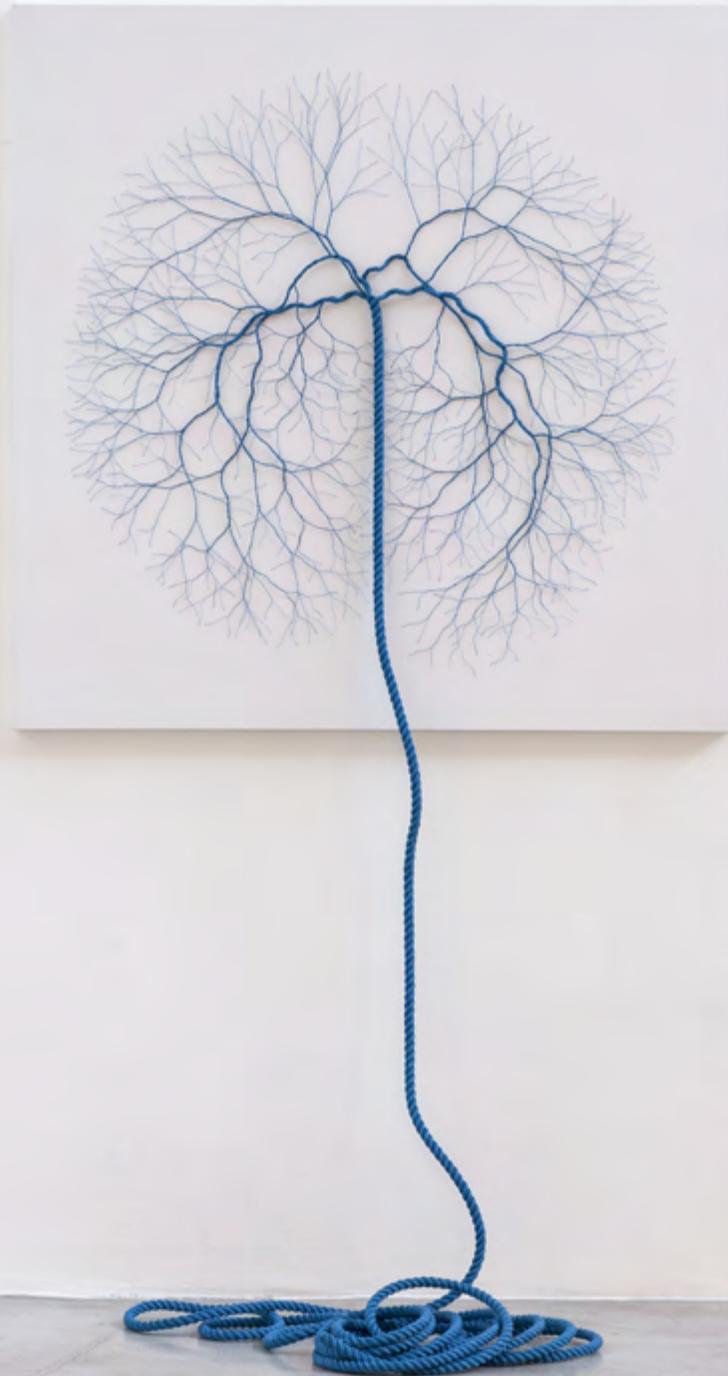


CICLOTRAMA 100 (descentralização) - 2017

125 cm x 200 cm

corda preta de dipado preto, 38mm de diâmetro sobre linho rústico

black dipado rope, 38mm diameter on raw linen



Tudo começou com o exercício de unir fios, criando relações entre os indivíduos por meio de pensamentos matemáticos apropriados para guiar um sistema que denominei “Ciclotrama”.

A fisicalidade do trabalho dá a direção, a longa corda sai do chão e se desenvolve como uma erva trepadeira para se agarrar e integrar a tela como uma equação matemática é desenhada em um papel em branco. Essas são as Ciclotramas da série Impregnação.

Em 2017, o encontro com um livro Atlas Of Human Anatomy and Surgery e suas maravilhosas gravuras coloridas feitas por Nicolas Henri Jacob, no século 19, foram muito transformadoras, foi nesse momento percebi que estava trabalhando para atuar apenas na máxima Sintopia, mas o livro me revelou o lado oposto e Entrópico do mesmo sistema.

Se nas “impregnações” eu tecia de forma a deixar as ramificações aparentes com lógica e cuidado, agora essas mesmas estruturas começam a se acumular umas sobre as outras, gerando um trabalho que flerta com a concepção de “Rizoma”.

A natureza orgânica das formas arborescentes perde campo para as formas ainda orgânicas, mas agora como nos órgãos do corpo, como rins, útero, coração e assim por diante.

As cordas não são mais colocadas no chão, mas se tornam grossas e imponentes e crescem da tela, rasgando o tecido como uma pele.

Esta tela deixou de ser uma página em branco, passou a ganhar cor e textura naturais do linho, acrescentando outra percepção e dimensão ao trabalho, denominado agora como uma “Aglomerção”.

Janaina Mello Landini, São Paulo, 2018

CICLOTRAMA 67 (impregnação)- 2016

120 cm x 120 cm

15 m de corda de nylon azul, 16mm de diâmetro sobre canvas

15 metros of blue nylon rope, 16mm diameter on canvas

It all started with the exercise of joining threads, creating relationships between individuals through appropriate mathematical thoughts to guide a system which I named "Ciclotrama".

The physicality of the work gives the way, where the long rope develops from the floor into to this climbing herb, where it grabs and integrate itself into the canvas just like a mathematical equation is drawn in a blank paper. These were the Ciclotramas of the Impregnação (Impregnation) series..

In 2017, I came across a 19th century book Atlas Of Human Anatomy and Surgery and its wonderful colored prints made by Nicolas Henri Jacob, were very transformative, where I understood I was only performing to the utmost Sintopia, but the book revealed to me the opposing and Entropic side of the same system.

If in "impregnações" I used to weave in a way of let the ramifications logically and carefully apparent, now this same branches begins to accumulate one on top of the other, generating a work that flirts with the "Rizoma" conception.

The organic nature of the arborescent forms lose field for the still organic forms but now as in the organs of the body, in the form of the kidneys, the womb, the heart, and so on.

The ropes aren't placed anymore on the floor, but thick and imposing, they grow from the canvas, ripping apart the fabric as a skin.

This canvas is no longer a blank page, now it gains natural color and texture of the linen, adding another perception and dimension to the work, named now "Aglomeração". (Agglomeration)

Janaina Mello Landini, São Paulo, 2018

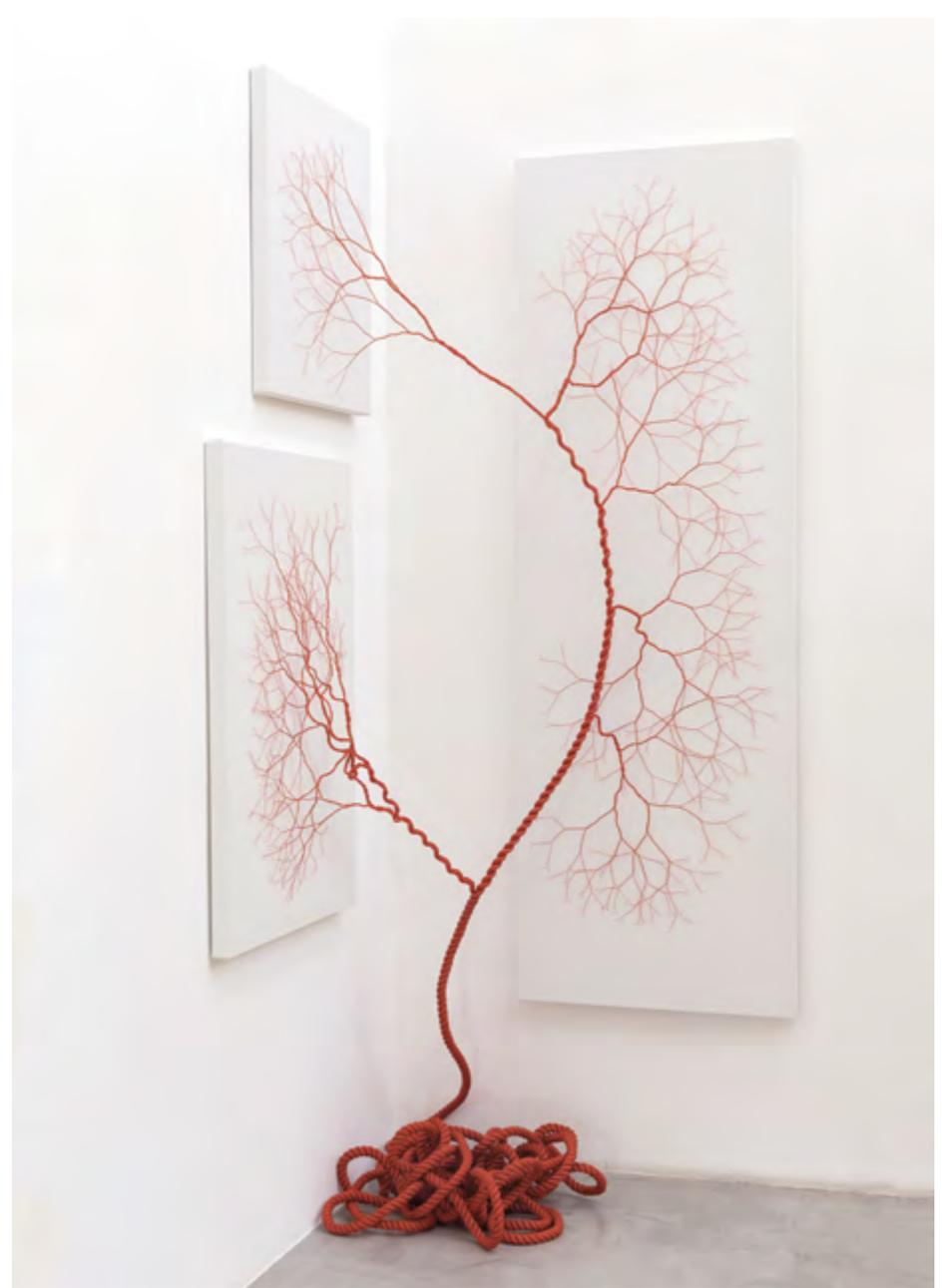
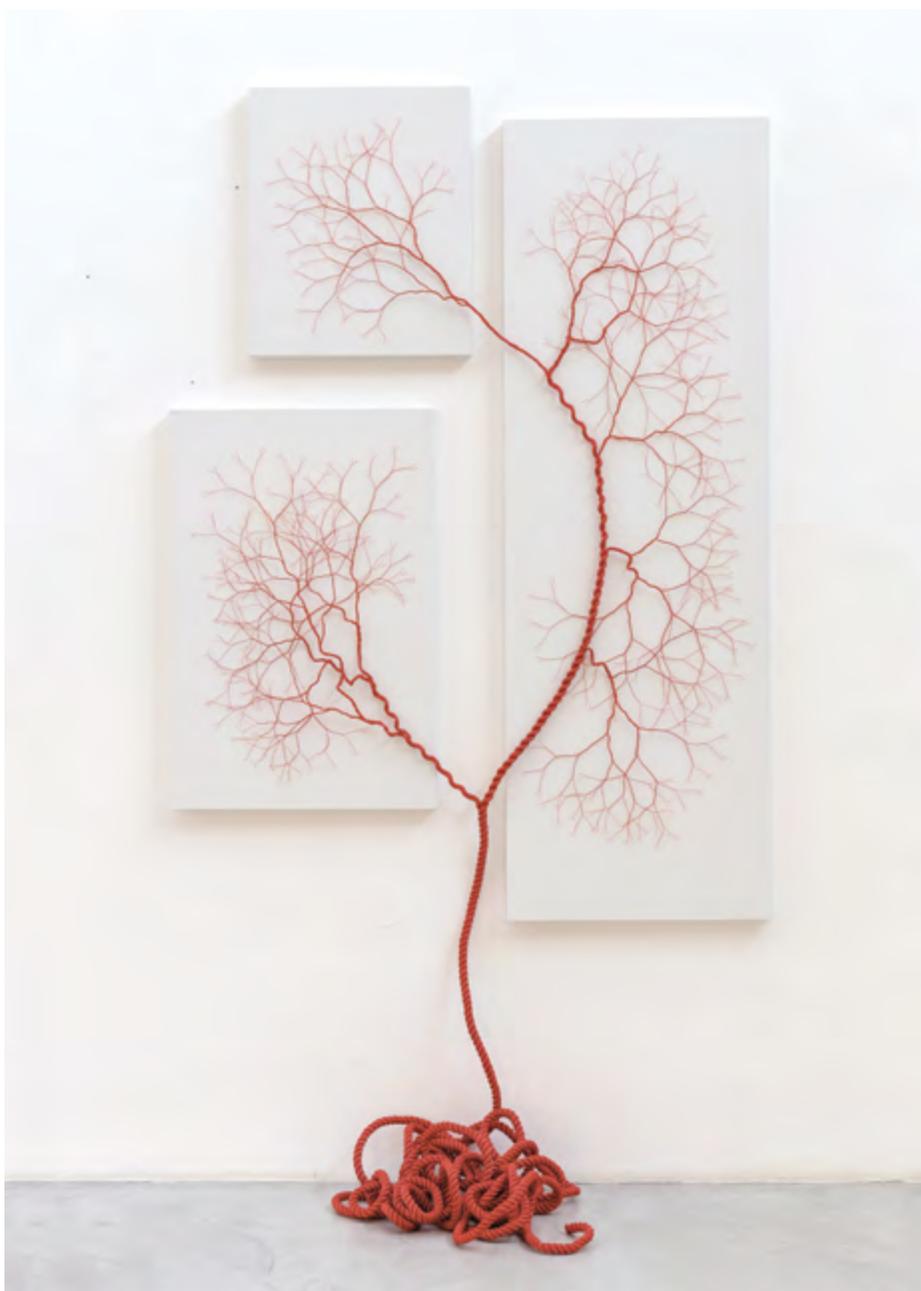




CICLOTRAMA 42 (impregnation) - 2016
120 cm x 480 cm triptych

25 m de corda de nylon vermelha, 24mm de diâmetro sobre canvas

25 m of red nylon rope, 24mm diameter on canvas



CICLOTRAMA 166 (impregnação) - 2019

50 cm x 60 cm, 60 cm x 90 cm, 60 cm x 180 cm - triptych

15 m de corda de nylon vermelha, 18mm de diâmetro sobre canvas

15 m of red nylon rope, 18mm diameter on canvas



CICLOTRAMA 42 (impregnation) - 2016
100 cm x 180 cm

15 m de corda de nylon preta, 16mm de diâmetro sobre canvas

15 m of black nylon rope, 16mm diameter on canvas

Coleção Jorge Gruenberg (Peru)

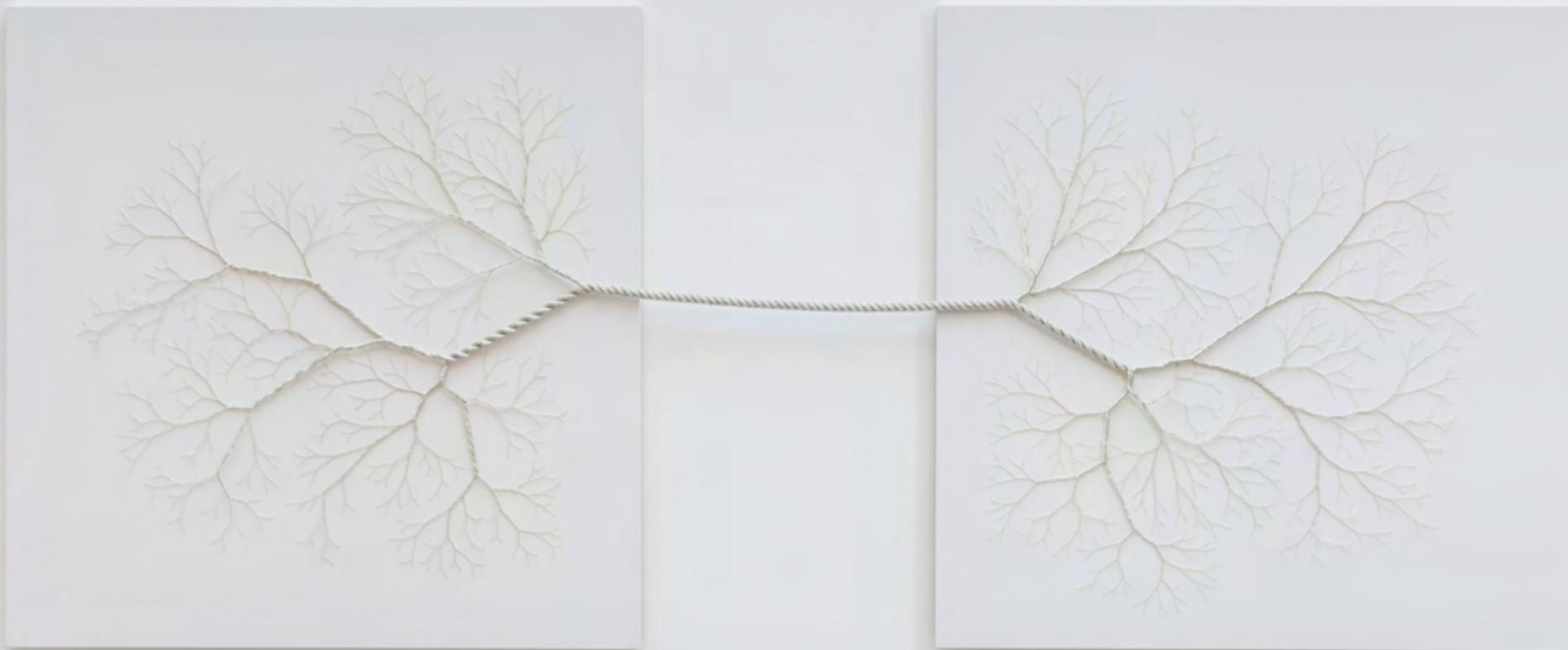
Jorge Gruenberg Collection (Peru)

CICLOTRAMA 24 (impregnation) - 2015
180 cm x 70 cm

20 m de corda de nylon azul, 15mm de diâmetro
sobre canvas

20 m of blue nylon rope, 15mm diameter on
canvas

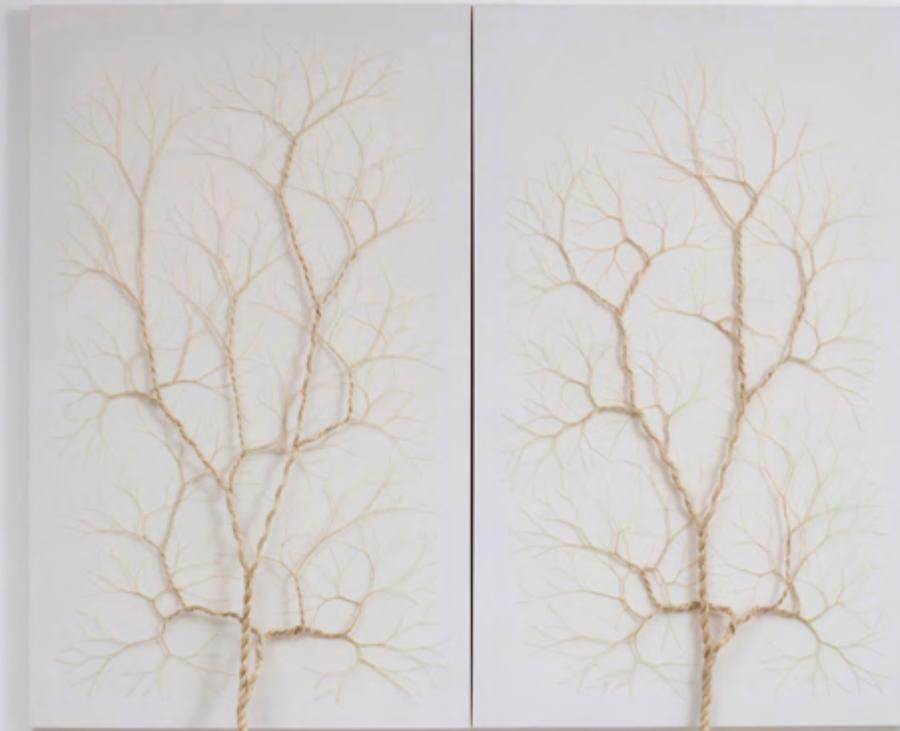




CICLOTRAMA 41 (universos paralelos) - 2016
120 cm x 140 cm (diptych)

5 m de corda de PET branca, 16mm de diâmetro sobre canvas.

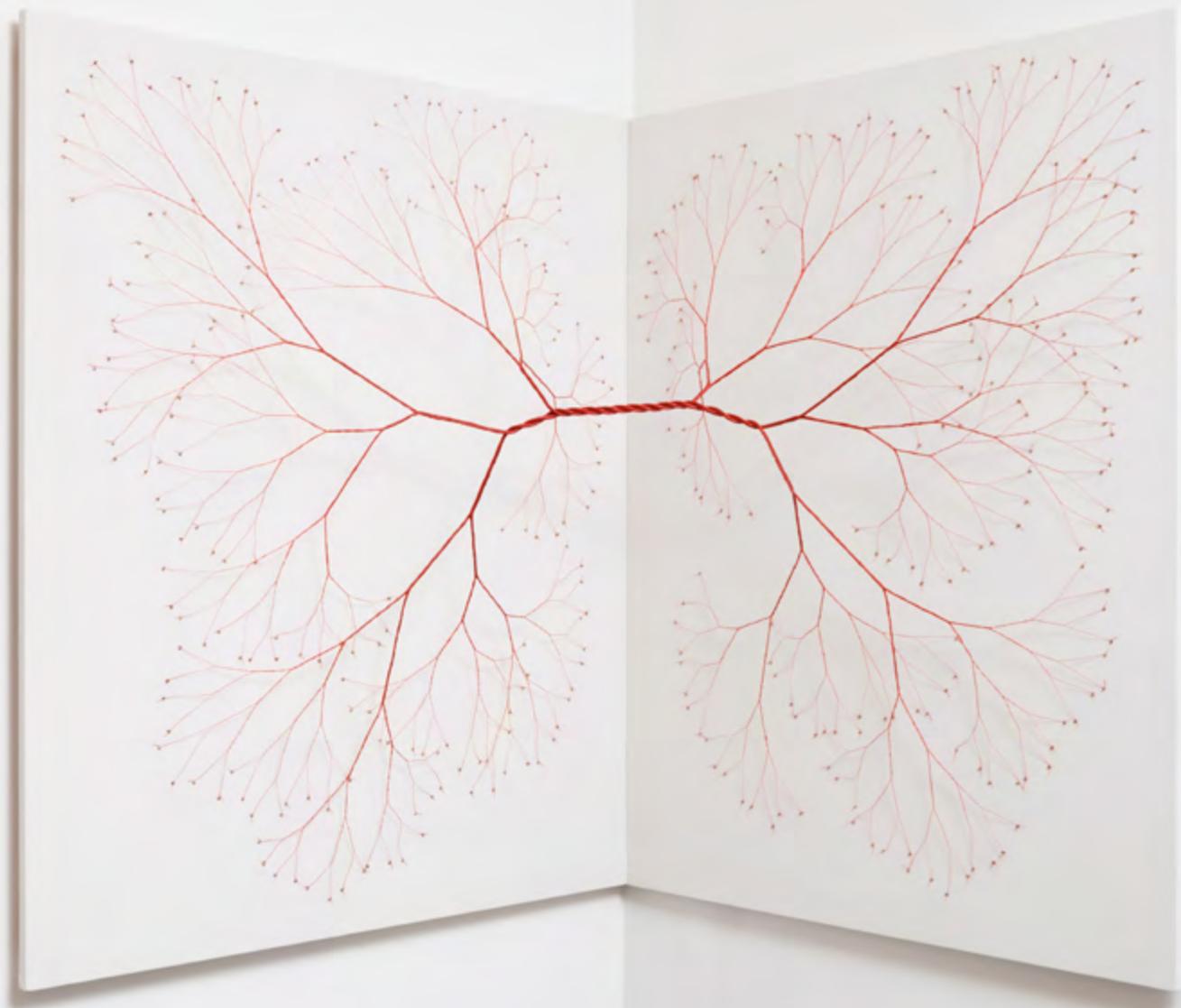
5 m of white PET rope, 16mm diameter on canvas.



CICLOTRAMA 22 (universos paralelos) - 2015
130 cm x 80 cm (diptych)

10 m de corda de sisal, 16mm de diâmetro
sobre canvas.

10 m of sisal rope, 16mm diameter on canvas.



CICLOTRAMA 45 (universos paralelos) - 2015
180 cm x 70 cm

1,5 m de corda de nylon vermelha, 8mm de diâmetro e pregos dourados sobre canvas e madeira.

1,5 m of red nylon rope, 8mm diameter and golden nails on canvas and wood.

CICLOTRAMA 17 (corner) - 2015
185 cm x 120 cm + 185 x 155 cm

10 m de corda de sisal, 38mm de diâmetro e pregos dourados sobre canvas e madeira.

10 m of sisal rope, 38mm diameter and golden nails on canvas and wood.





CICLOTRAMA 13 (esperando Godot) - 2013

38 cm x 22 cm x 28 cm

Caixa de madeira e 1.380m de linhas de diferentes cores.

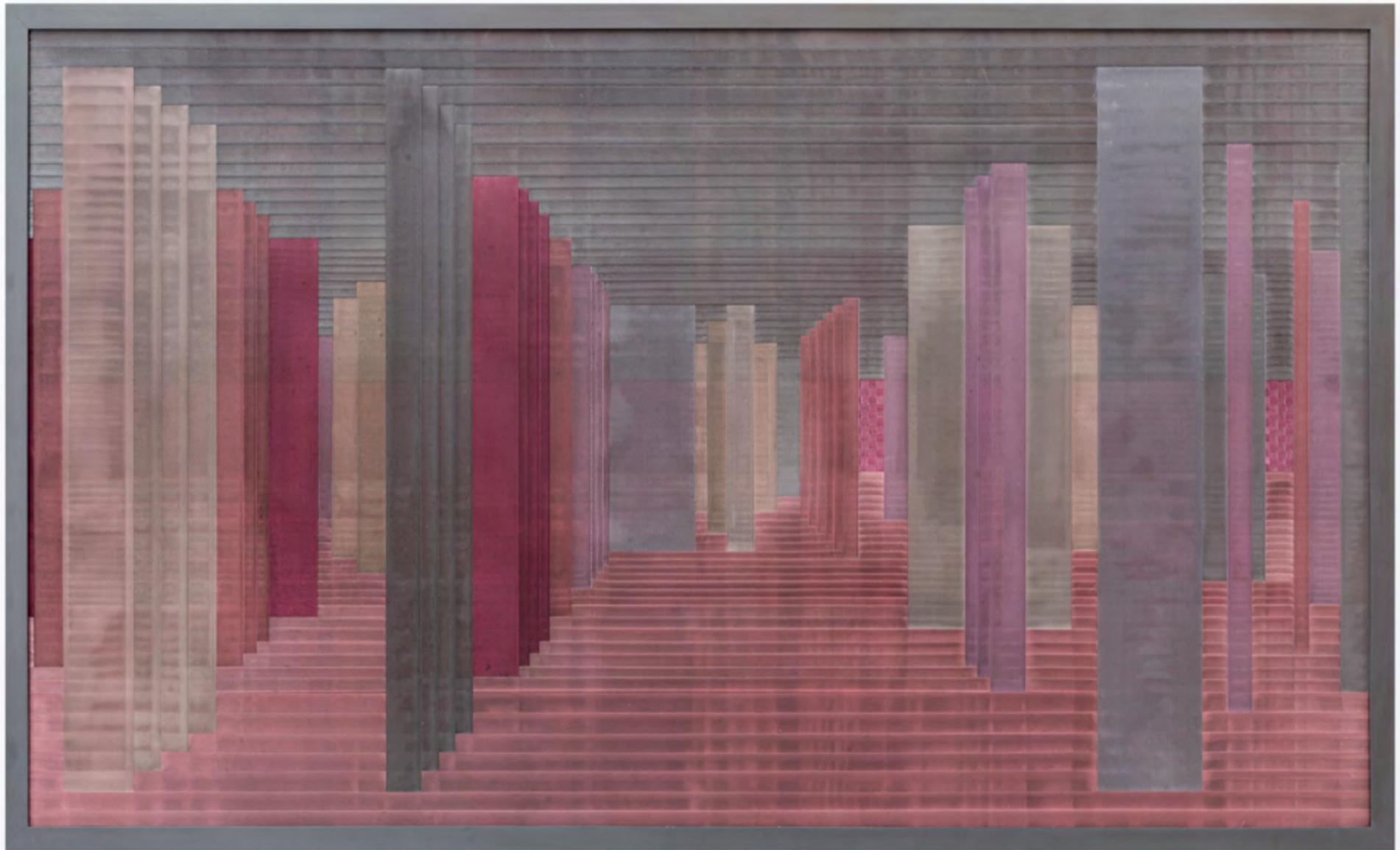
Wooden case and 1.380m of line in different colors



CICLOTRAMA 10 (tempo) - 2012
38 cm x 45 cm (x 3)

tríptico de fotografías

trptych of photographs



Labirinto Rizomático - série VI Leste - 2020
(Veneza Campo de San Silvestro)

Rhizomatic Labyrinth - Series VI East - 2020
(Venice Campo de San Silvestro)

120 cm x 200 cm

Fitas de cetim e extrato de noqueira, nanquim e óleo de linhaça sobre madeira

Satin ribbons and walnut extract, India ink and linseed oil on wood

LABIRINTOS

Janaina Mello Landini

"Na pesquisa de Janaina Mello Landini, as Ciclotramas são complementares aos Labirintos. Enquanto as primeiras são pensadas de maneira bastante calculada e hierárquica, e tem um resultado orgânico, os Labirintos são pensados de forma orgânica e rizomática – pois suas perspectivas são impossíveis de existir na realidade – mas o resultado final é realizado de maneira calculada, a partir de seu conhecimento sobre representação tridimensional, porém visando um resultado nada ortodoxo.

Ainda sim, as pesquisas permeiam as mesmas questões: partir do pensamento expandido para chegar a uma simplicidade lógica diante desse mundo de multiplicidades.

Imagine que a ação da artista é como um método de loci* invertido, pois a ideia é fazer, por exemplo, o percurso mental de um bairro da cidade ou de uma casa, mas se livrando de qualquer detalhe da paisagem e se ater apenas às possíveis vias de deslocamento.

Através do exercício imaginativo descrito acima, a artista gradualmente acrescenta ao desenho todos os elementos edificados, evidenciando o espaço não edificado (interstício) onde se percebe o vazio e, portanto, as vias para um percurso livre, randômico e rizomático.

Como resultado, a artista produz uma “torção conceitual” do uso da geometria, criando uma perspectiva pseudoclássica, convergindo à uma centralidade (um ponto de fuga hipotético) enquanto o ponto de vista é fluido.

Para a criação destes quadros a artista utiliza fitas de cetim de diferentes cores e larguras. Ela tensiona e fixa essas fitas apenas na borda do chassi. Em seguida, constrói os desenhos através do cruzamento das fitas sobre e sob a superfície, e para finalizar, a artista aplica um extrato escurecedor à base de nozeira para diminuir a vibração da luz e revelar a visualização dos caminhos."

* Método de loci é uma técnica mnemônica que depende de relações espaciais memorizadas para estabelecer, ordenar e recoletar conteúdo memorial

"In Janaina Mello Landini's research, the Ciclotramas are complementary to the Labyrinths. While the first are planned in a very calculated and hierarchical manner and have an organic result, the Labyrinths are thought of in an organic and rhizomatic way - since their perspectives are impossible to exist in reality - but the final result is achieved in a calculated manner, based on the artist's knowledge of three-dimensional representation, although aiming at a very unorthodox result.

However, the research permeates the same issues: to start from an expanded thought in order to achieve a logical simplicity in relation to such world of multiplicities.

Imagine that the artist's action is like an inverted method of loci,* as the idea is to mentally trace, for example, the paths of a city's neighborhood or of a house, but getting rid of every detail from the landscape and keeping only possible paths.

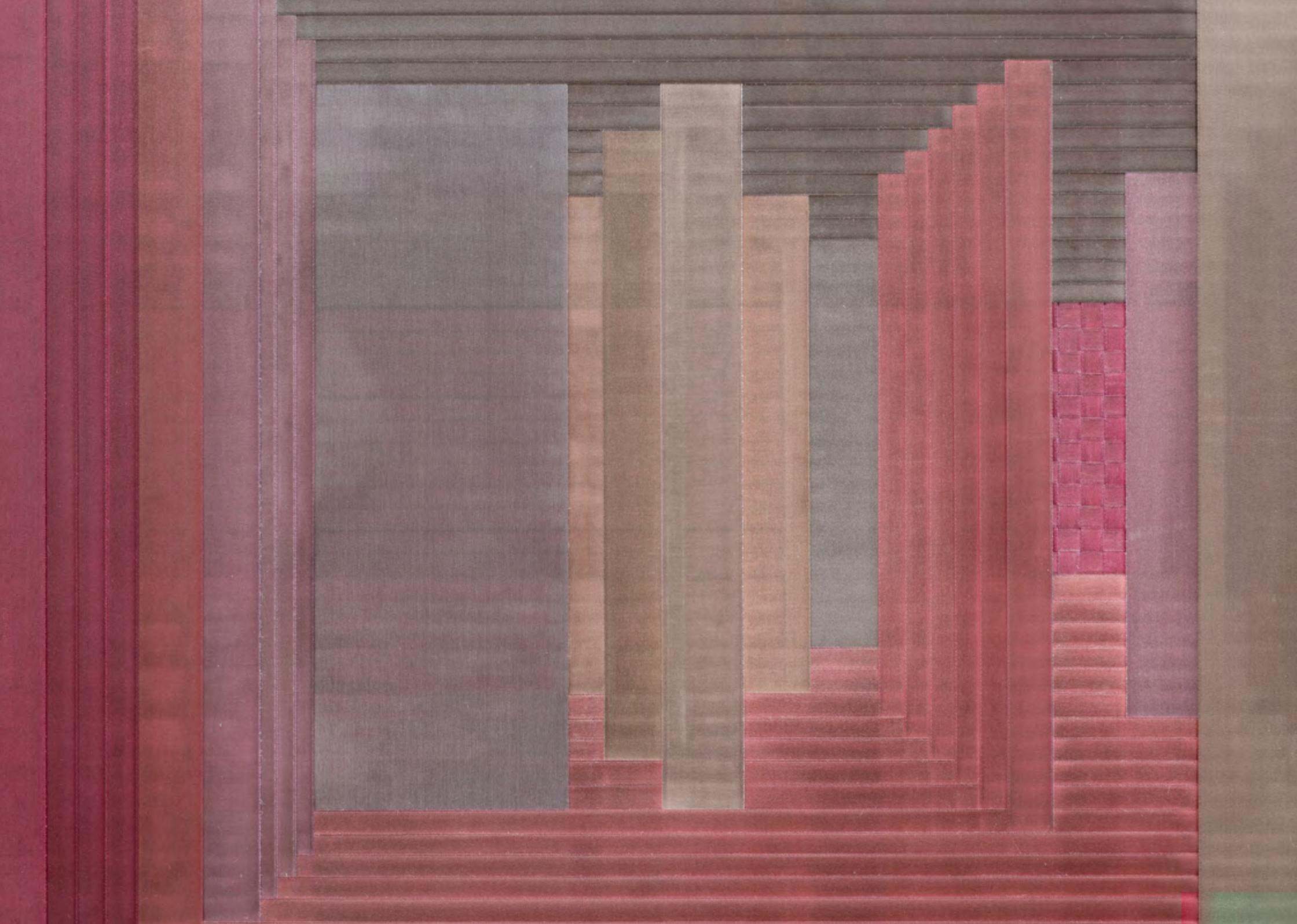
Through the imaginative exercise described above, the artist gradually adds to the drawing all the built elements, evidencing the unbuilt space (the interstice) where the void is perceived and, therefore, the paths for a free, random, and rhizomatic flow.

As a result, the artist produces a “conceptual twist” in the use of geometry, creating a pseudo-classical perspective, converging to a centrality (a hypothetical vanishing point) while the point of view remains fluid.

For the creation of these canvases the artist uses satin ribbons of different colors and widths. She tensions and fixes these ribbons only on the edge of the stretcher. Then, she constructs the drawings by crossing the ribbons on and under the surface, and to finish, the artist applies a walnut darkening extract in order to decrease the light vibration and reveal the visualization of the paths."

* The method of loci is a mnemonic technique that depends on memorized spatial relationships in order to establish, order and recollect memory content.







Labirinto Rizomático - série VI Norte- 2018
(Veneza Campo Sant'Anzolo)

Rhizomatic Labyrinth - Series VI North- 2018
(Venice Campo Sant'Anzolo)

70cmx110cm

Fitas de cetim e extrato de noqueira, nanquim sobre madeira

Satin ribbons and walnut extract, India ink on wood



Labirinto Rizomático - série V B- vermelho - 2018
(Casa de Campo de Tijolos / Mies van der Rohe)

120cmx360cm

Rhizomatic Labyrinth - Series V B - red - 2018
(Brick Country House / Mies van der Rohe)

Fitas de cetim e extrato de noqueira, nanquim sobre madeira

Satin ribbons and walnut extract, India ink on wood



LABIRINTO SINTRÓPICO - 2016

7 m x 8 m x 16 m

8 telas, pregos e elásticos e barbantes azul, vermelho e verde.

8 frames, nails and rubber bands and blue, red and green string.

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil
Instalação site-specific
para a exposição individual "Labirinto Sintrópico"
Curadoria Marta Ramos-Yzquierdo

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil
Site-specific Installation
for solo show "Labirinto Sintrópico"
Curated by Marta Ramos-Yzquierdo

LABIRINTO SINTRÓPICO

Text Marta Ramos-Yzquierdo

... Primeiro, que reconhecemos o espaço como o produto de inter-relações (...) Segundo, que entendemos o espaço como a esfera das possibilidades da existência da multiplicidade (...) Terceiro, que reconhecemos o espaço sempre em construção. Precisamente porque o espaço sob este ponto de vista é um produto de “relações – entre”, relações estas que são necessariamente incorporadas de práticas materiais a serem realizadas, mas sempre em processo de feitura. Nunca é finalizado; nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço como a simultaneidade das “histórias-por-em-quanto”.(1)

***Alguns dados antes de começar:**

1. Na criação de um labirinto, os construtores usam uma série de algoritmos e combinações matemáticas na definição dos percursos traçados nele. Nos exemplos mais complicados, como o do chamado labirinto multicursal de múltiplas conexões, não existe uma única opção, sendo possível nunca encontrar o centro ou a saída.

2. A sintropia foi definida no campo da estatística em 1988 como a medida do grau de “organização interna” na interação dos componentes que formam um sistema. A sintropia é o montante complementar à entropia, entendida como o grau de “incerteza”. Dessa forma, quanto maior é o grau da sintropia dessa organização interna, menor é a possibilidade do sistema colapsar.

3. Vilém Flusser: tapeçaria, abstração e arquitetura ou representação, cálculo e filosofia:

O livro Flusseriana – Uma Caixa de Ferramentas Intelectual apresenta o pensamento do filósofo Vilém Flusser a respeito do conceito de “tapeçaria” como um gesto sobre uma estrutura. Aquele em que a urdidura oculta a trama, a estrutura da qual é parte. Assim, “uma tapeçaria urdida com o desenho de uma paisagem se constitui como a representação de um mundo externo e cria na parede a sensação de janela, o que nos faz lembrar de Arthur Schopenhauer com a sua ideia de ‘mundo como representação’. Ainda que possua um desenho abstrato, a tapeçaria é uma representação que se constitui como uma espécie de negação de sua realidade mais imediata – que é a trama na qual está assentada. Neste sentido, poderíamos tomá-la como contra-representação”. (2)

Por meio do conceito de abstração e, sobretudo, pela capacidade de abstrair, Flusser analisa o embate do homem com o mundo. A aprendizagem é feita através de modelos codificados com os quais tentamos estruturar o entorno, e também a nós mesmos.

... First, that we recognize space as the product of interrelations (...) Second, that we understand space as the sphere of the possibility of the existence of multiplicity (...) Third, that we recognize space as always under construction. Precisely because space on this regarding is a product of relations-between, relations which are necessarily embedded material practices which have to be carried out, it is always in the process of being made. It is never finished; never closed. Perhaps we could imagine space as a simultaneity of stories-so-far.". (1)

***Some info before starting:**

1. In creating a maze, manufacturers use a number of algorithms and mathematical combinations in defining the paths traced within it. In the more complex examples, such as the so-called branching multicursal mazes with multiple connections, there is no single option and it may be possible to never find the center or the exit.

2. Syntropy was defined in the field of statistics in 1988 as the measure of the degree of "internal organization" in the interaction of the components that make up a system. Syntropy is the complement to entropy, understood as the degree of "uncertainty". Thus, the higher the degree of syntropy of internal organization, the lower the possibility of the system collapsing.

3. Vilém Flusser: tapestry, abstraction and architecture or representation, calculation and philosophy:

The book Flusseriana – An Intellectual Toolbox presents the thoughts of philosopher Vilém Flusser on the concept of "tapestry" as a gesture upon a structure. The one in which the texture hides the warp and woof, the structure of which it is part. Thus, "a tapestry woven with the design of a landscape constitutes a representation of an external world and creates on the wall the feel of a window, which reminds us of Arthur Schopenhauer with his idea of 'the world as representation'. Although it has an abstract design, tapestry is a representation constituted as a sort of denial of its most immediate reality - which is the threading upon which it is based. In this sense, we could read it as counter-representation".(2)

Through the concept of abstraction and, above all, through the ability to abstract, Flusser examines man's clash with the world. Learning is done through encoded models with which we try to structure the environment, as well as ourselves.



Sobre essas construções, esses cálculos e a reconfiguração dos dados como se faz na álgebra se organiza uma lógica para acessar a realidade. Nesse sentido, o cálculo seria não só uma abstração matemática, mas a base da contemplação das formas externas. O desafio seria, então, o uso da aptidão de calcular na libertação das categorias impostas desde o Renascimento e o Iluminismo. Nessa abstração existe a possibilidade de novos projetos, da negação do abismo e da aceitação da crise da linearidade, com a criação de novas relações. Essa particularidade da multiplicidade - nômade e migrante - das categorias é a mesma que Flusser identifica na arquitetura, pensada como estrutura modular, sendo ela mesma metáfora do pensamento na procura de uma nova forma de filosofia.

Os três tempos

... Muda sua natureza e acrescenta suas conexões: nela, não há posições, só linhas. (3)

Janaina Mello Landini reconfigura em seu fazer artístico as concepções da estrutura do tempo no jogo das articulações do espaço. Cada um de seus trabalhos leva três aspectos temporais que não podem ser esquecidos, e juntos nos colocam ante um questionamento contínuo de estruturas apreendidas.

O tempo empírico, em primeiro lugar. Existe uma consciência do tempo como vivência. A fonte para as representações é a contemplação, a ação empírica do olho da artista sobre a paisagem onde vive. No início foi o caminho que via no percurso de sua casa ao trabalho, em Minas Gerais. Os reflexos e luzes foram formando um panorama outro – herança que ainda vemos na vibração criada pelo tratamento da cor das fitas e na tensão do elástico que compõem a instalação – , uma estrutura abstraída em pixels que são a origem da série “Labirintos”, ao transferir sua experiência para a cidade. Uma urbe que não se constitui como definida ou única, mas como um labirinto randômico e rizomático, onde os planos e vistas se multiplicam e se fundem fora da disposição cartesiana.

O tempo abstrato. A formação de Janaina como arquiteta faz com que ela planeje cada uma de suas instalações e peças como um projeto. Uma abstração que, por meio de cálculos estruturais e matemáticos, formalizam as concepções surgidas na observação. Nesse caso, as proporções de cada elemento que compõem o desenho deste labirinto seguem a

Upon these constructions, these calculations and the reconfiguration of data as is done in algebra, a logical frame is organized to access reality. In this sense, the calculation would not only be a mathematical abstraction, but the basis for contemplation of external forms. The challenge would then be the use of the ability to calculate towards the freeing from the categories imposed since the Renaissance and the Enlightenment. In this abstraction there is the possibility of new projects, of denial of the abyss, and of acceptance of the linearity crisis, with the creation of new relationships. This peculiarity of the multiplicity - nomadic and migrant - of categories is the same that Flusser identifies in architecture, viewed as a modular structure, being itself a metaphor of thought in the search for a new form of philosophy.

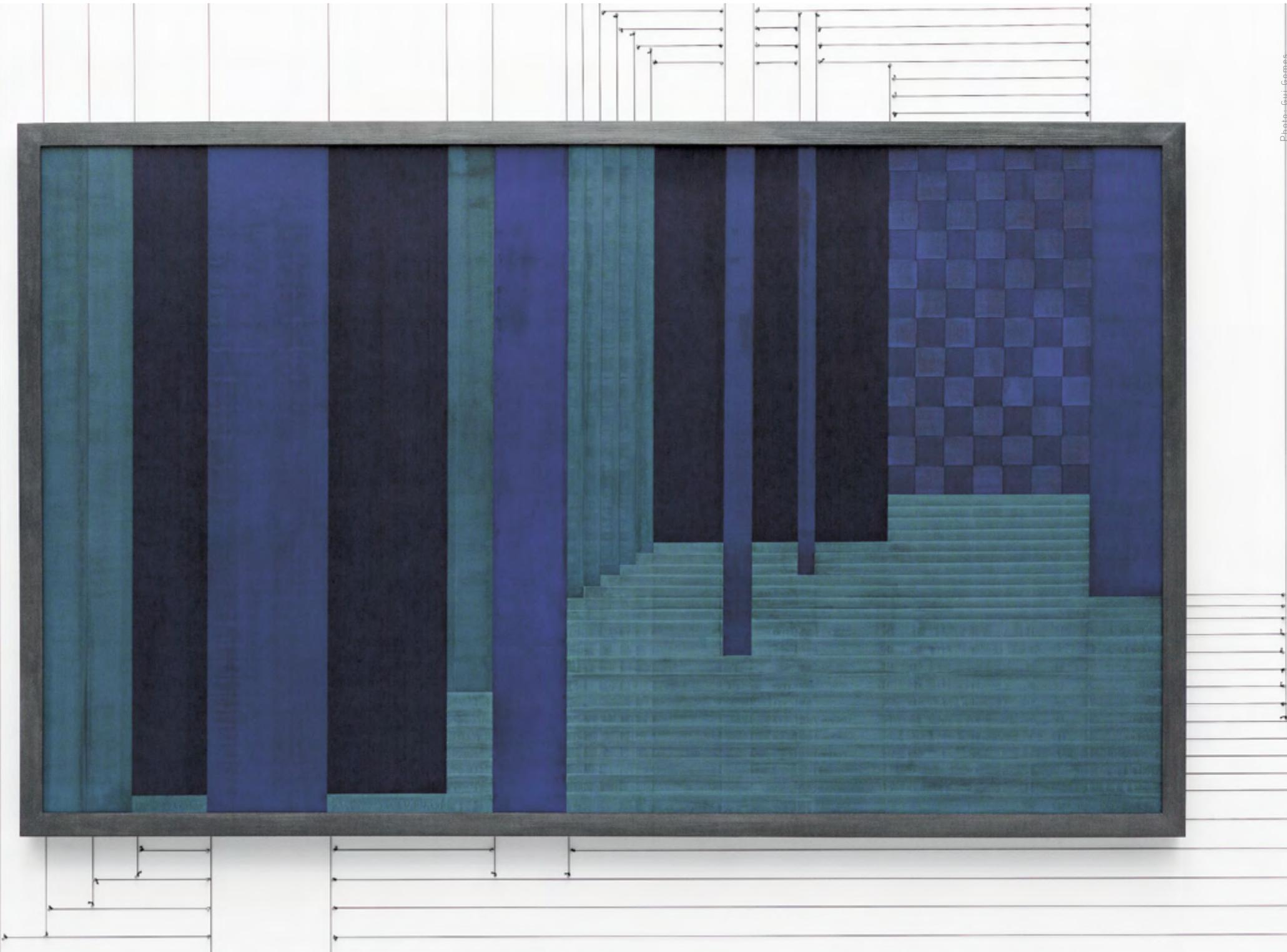
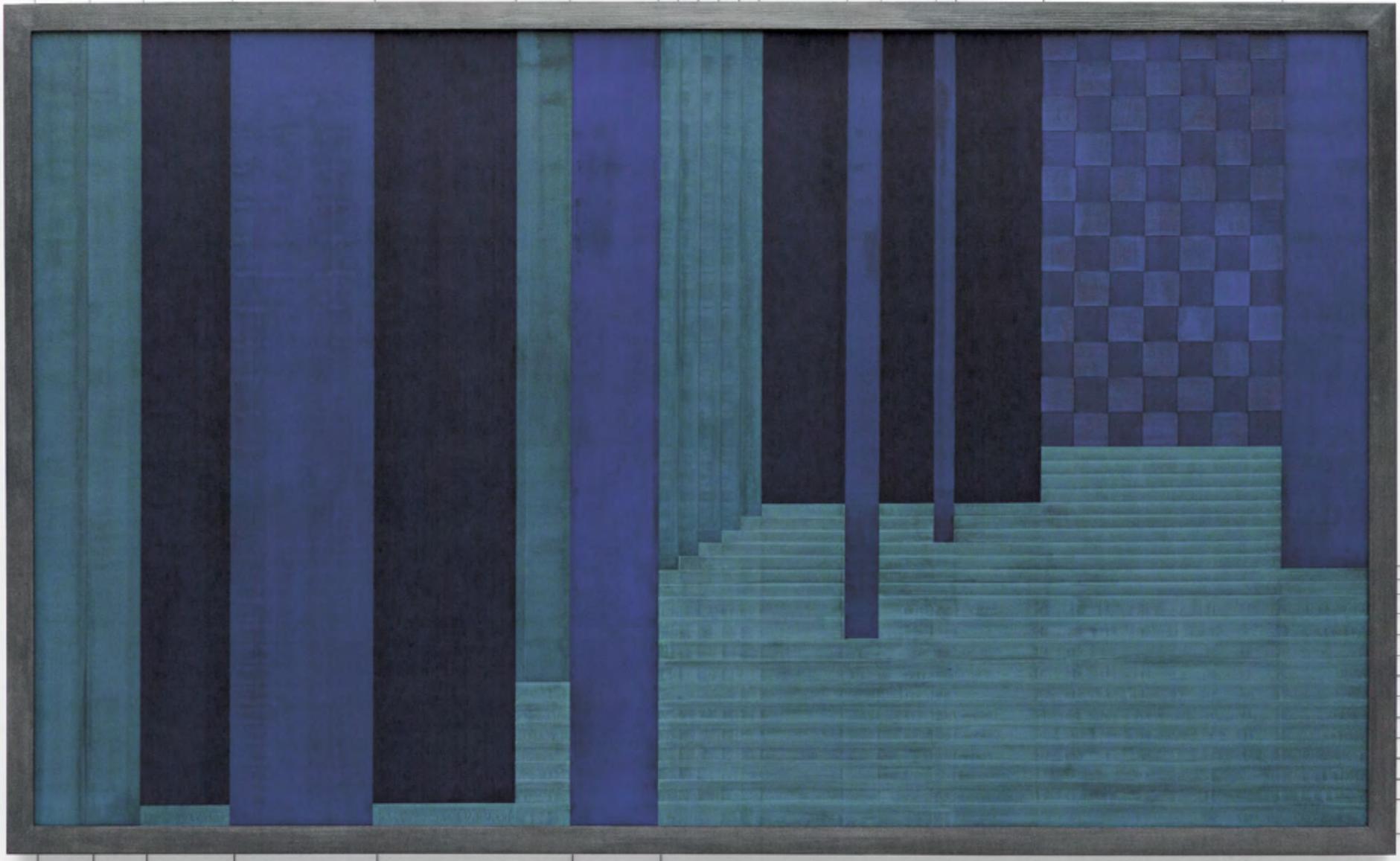
The Three times

... It changes its nature and adds its connections: In it there are no positions, only lines.. (3)

Janaina Mello Landini reconfigures in her art the conceptions of time frame in the game set of space. Each of her works carries three temporal aspects that cannot be forgotten, and which, together, put forth a continuous questioning of seized structures.

The empirical time, first and foremost. There is an awareness of time as experience. The source for representations is contemplation, the empirical action of the artist's eye on the landscape inhabited. At first it was the path she saw on her route to work in Minas Gerais. The reflections and lights slowly formed another panorama – a heritage still seen in the vibration created by the color treatment of the ribbons and in the elastic tension composing the installation - a structure abstracted in pixels which are the origin of the series "Labyrinths", by transferring her experience to the city. A metropolis that is not defined or unique, but is constituted as a random and rhizomatous maze, where planes and views multiply and fuse outside of the Cartesian arrangement.

Abstract time. Janaina's architecture academic background leads her to plan each of her installations and pieces as a project. An abstraction which, through structural and mathematical calculations, formalizes the ideas risen in observation. In this case, the proportions of each element making up the design of the labyrinth follow the Fibonacci sequence ($0 + 1 = 1$, $1 + 1 = 2$, $1 + 2 = 3$, $2 + 3 = 5$, $3 + 5$



sequencia de Fibonacci (0+1=1, 1+1=2, 1+2=3, 2+3=5, 3+5=8, tendendo ao infinito). Mas existe outra lógica na composição, que engana nossa primeira percepção de estar na frente de um estudo clássico de perspectiva. As linhas desses labirintos não têm um ponto de fuga único, como também não tem um só ponto de vista. Todas elas formam a visão do que a artista define como “poli-olho”, resultando em um grande ciclograma onde todos os pontos de vista possíveis se unem. Uma tentativa de “ver tudo” ou “de unir tudo, presente e passado”, que finaliza em uma anulação da perspectiva. O espaço seria, finalmente, uma armadilha, como pode ser o labirinto.

E, por último, o tempo histórico. Não o tempo da grande história, mas sim aquele que decorre na duração do trabalho manual, do tecimento da trama e da urdidura, aquele que provém da tradição das mulheres costureiras que lhe ensinaram a bordar. Seria o tempo dos pontos de vista contrapostos à perspectiva histórica como falaria Maria Thereza Alves (4); ou o descrito pela Elizabeth Grosz nas nomeadas arquiteturas do feminino, que baseadas no excesso poderiam desestabilizar as noções patriarcais de espaço e tempo (5). É esse mesmo tempo que põe em relação o trabalho de Janaina com mulheres artistas que já antes teceram alternativas em sua produção artística: Annie Albers, Louise Bourgeois, Teresa Lanceta, Gego, Claire Zeisler, Etel Adnam ou Sheila Hicks. Nelas se reclama um olhar outro, fora do pensamento hegemônico para o aprendizado do mundo.

Assim, as três aproximações nos labirintos sintrópicos da Janaina Mello Landini negam os conceitos prévios de perspectiva e sua construção para mergulhar em sistemas de relações internos diversos e procurar novos saberes na fusão de jeitos de olhar e trabalhar o espaço e o tempo.

***Um último dado para finalizar:**

3. Theseus saiu do labirinto de Cnosso logo após vencer o Minotauro seguindo o fio do novelo que Ariadne tinha lhe entregado.

= 8, tending to infinity). But there is another logic in the composition, which deceives our first perception of being in front of a classic study of perspective. The lines of these labyrinths do not have a single vanishing point, nor do they have a single point of view. They all form the vision of what the artist defines as "poly-eye", resulting in a large branching where all possible points of view come together. An attempt to "see all" or to "unite all, present and past," which ends in an annulment of perspective. The space would then eventually be a trap, just as the maze might be.

And lastly, the historical time. Not the time of the grand history, but the one running during the manual work, the weaving of the warp and woof, the one originated from the tradition of seamstresses who taught her to embroider. It would be the time of opposing points of views to the historical perspective, as would put Maria Thereza Alves (4); ; or the time described by Elizabeth Grosz in the named female architectures which, based on excess, could destabilize the patriarchal notions of space and time (5). It is this same time that relates Janaina's work to other women artists who have previously woven alternatives in their artistic production: Annie Albers, Louise Bourgeois, Teresa Lanceta, Gego, Claire Zeisler, Etel Adnan and Sheila Hicks. They all plead for another perspective for learning the world, outside of the hegemonic thinking.

Thus, the three approaches in the syntropic labyrinths of Janaina Mello Landini deny the previous concepts of perspective and their construction, so as to delve into the various internal relations systems and seek new knowledge in the fusion of perspectives and in working with space and time.

***One last info to finish:**

3. Theseus came out of the labyrinth of Knossos after defeating the Minotaur, by following the thread that Ariadne had given him.

1 - Doreen Massey, *For Space*, Sage Publications, London, 2005.

2 - Siegfried Zielinski e Peter Weibel ed., *Flusseriana - Uma Caixa de Ferramentas Intelectual*, ZKM | Center for Arts and Media, Karlsruhe, Vilém Flusser Archive at Berlin University of Arts, e Univocal Publishing, Minneapolis, 2015.

3 - Mônica Amor sobre a obra relação da obra de Gego e Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. "Another Geometry: Gego's*

reticulárea, 1969- 1982." *October Magazine USA*, Summer 2005.

4 - Maria Thereza Alves, *Canibalismo no Brasil desde 1500*, *Periódico Permanente*, n.4, 2013. <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-4/textos/canibalismo-no-brasil-desde-1500>

5 - Elizabeth Grosz, *Architecture from the Outside*, The MIT Press Cambridge, 2001.

CURRICULUM

JANAINA MELLO LANDINI

www.mellolandini.com

Mais informações, textos e vídeos no site.

Further information, texts and videos on the website.

SOLO EXHIBITIONS

2019

Aqui, agora. | Zipper Galeria | São Paulo | Brazil

2018

Aglomeración | Galerie Virginie Louvet | Paris | France

2017

Aglomeración | Galeria Macca | Cagliari | Italy

2016

Labirinto Sintrópico | Zipper Galeria | São Paulo | Brazil

Ciclotrama – Projeto Ocupa Coreto |

Museu da República | Rio de Janeiro | Brazil

2015

Ciclotramas | Galerie Virginie Louvet | Paris | France

Ciclotrama (medusa) | Galeria Macca | Cagliari | Italy

Ciclotrama (onda) | Zipper Galeria | Sao Paulo | Brazil

2011

Paisagens | Desvio | Belo Horizonte | Brazil

2010

Ciclotrama | Espaço 2010 | Belo Horizonte | Brazil

GROUP EXHIBITIONS

2019

Ciclotrama (Matupá) | Special Comission from The Centre-Loire Valley Region | Domaine de Chaumont-Sur-Loire | France

Ciclotrama (Link) | Facebook Art Program | Menlo Park | USA

“Faux semblants” | Musée du Textile de Cholet | France

SP Arte Open Space | Parque do Ibirapuera | São Paulo | Brazil

Champs Libres | MAIF Social Club | Paris | France

MATERIAE | Galerie Virginie Louvet | Paris | France

Da linha, o fio | Galeria do BNDES | Rio de Janeiro | Brazil

2018

Monumental Marina da Gloria | Rio de Janeiro | Brazil

Sea of desire | Fondation Carmignac | Porquerolles | France

The BIC collection | Cent Quatre | Paris | France

2017

Rijswijk Textile Biennial | Rijswijk | Netherlands

Tejidos | Galería Otros 360 | Bogotá | Colombia

The Best Bogus Botanical Garden | Hamburg | Germany

Um.Artista | Soma Galeria | Curitiba | Brazil

2016

Double Je | Palais de Tokyo | Paris | France

Cantata | Centro Cultural Minas Tênis Clube |

Belo Horizonte | Brazil

Vertice | Centro Cultural dos Correios | São Paulo | Brazil

2015

Vertice | Centro Cultural dos Correios | Brasilia | Brazil

“43 visions of Fuji Mountain by Contemporary Brazilian

Artists” | The Fine Art Laboratory | Art University of

Musashino | Tokyo | Japan

2014

Art for Florence – 5.0 Edition | Firenze | Italy

Duplo Olhar | Paço das Artes | Sao Paulo | Brazil

Entrecopas | Museu nacional | Brasilia | Brazil

Jardim de Adelia | SESC Palladium | Belo Horizonte | Brazil

2013

32º Arte Para | Belem | Brazil

4º Prêmio Belvedere de Arte Contemporanea | Paraty | Brazil

72º SAAP - Salao Ararense de Artes Plasticas “Antonio

Rodini” | Araras | Brazil

2012

©Nova Cultura Contemporanea | CentoeQuatro | Belo

Horizonte | Brazil

2011

Vivo Arte.Mov | Palacio das Artes | Belo Horizonte | Brazil

Quarto das Maravilhas | Galeria Emma Thomas |

Sao Paulo | Brazil

Pequenos Formatos | Galeria Subterranea |

Porto Alegre | Brazil

2010

Deserto Azul Estudio Aberto | CCBB Centro Cultural Banco do

Brasil | Brasilia | Brazil

The Creators Project Brasil | Vice NY Space |

Galeria Emma Thomas Sao Paulo | Brazil



Photo: Yasmim Castro

